REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:

AS MAIS BELAS MULHERES DA ITÁLIA

A SEMANA DA PATRIA

EU QUASE APRISIONEI EISENHOWER

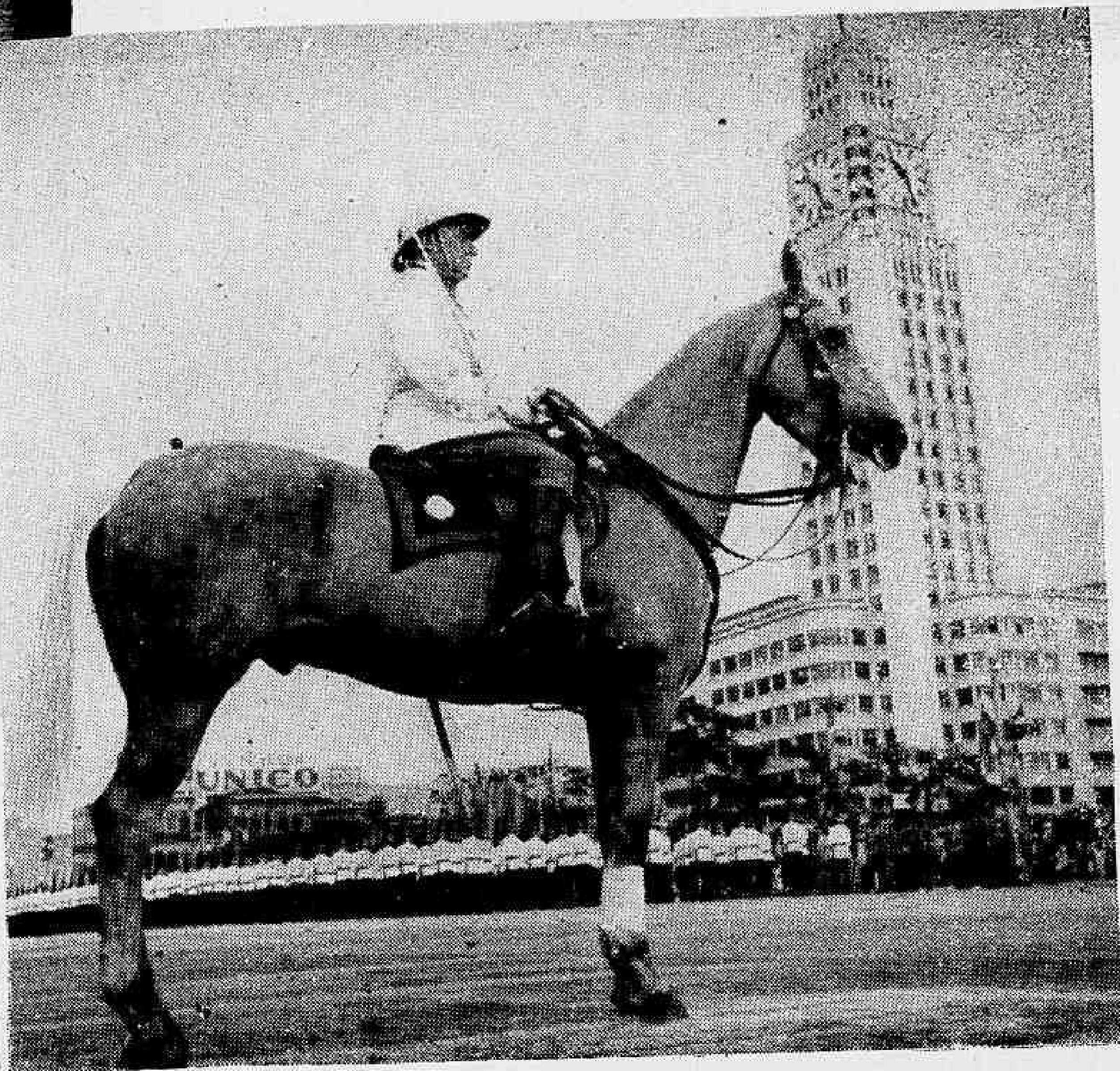


Suprema distinção da cutis



OS PERFUMADOS SABONETES
de
MYRURGIA

MAJA • MADERAS • SUSPIRO



O tempo se mostrou inclemente durante grande parte da manhã de domingo, Sete de Setembro de 1952, só melhorando depois das primeiras horas da tarde. Mas, apesar do mau tempo, com chuva por vêzes torrencial, e de um vento que fingia de minuano, a parada de nossa maior data nacional estêve brilhantíssima. Mais de quarenta mil homens formaram e marcharam garbosamente, através do extenso trajeto que vai da praia do Flamengo até além do Ministério da Guerra, despertando aplausos do povo, que enfrentou a borrasca impertinente para aplaudir as tropas de sua pátria. Tôdas as armas do Brasil formaram em homenagem à magna data. Êste ano foram exibidos ao povo novos petrechos e armas de guerra, mostrando que o Brasil está preparado material e humanamente para enfrentar quaisquer eventualidades que por desgraça venham a desabar sôbre nós. Fôrças de terra, mar e ar, em seus brilhantes uniformes de gala, constituiram a nota sensacional do desfile majestoso, vendo-se também os pracinhas, já transformados em civis, conduzindo ao peito suas condecorações conquistadas nos campos de batalha, em terras da Itália. À frente dos ex-combatentes, várias enfermeiras representavam o grande contingente dessas êmulas de Ana Néri, que, com seu desvêlo e carinho, tantas vidas ajudaram a salvar nas frentes de batalha. O Sete de Setembro, recordando o grito de "Independência, ou Morte!", continua a ser a data mais cara de nossas tradições de civismo, e ano a ano, vai ela conquistando maior número de apreciadores, não sòmente pelo lado das evolu-

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

A MAIOR DATA DO CALENDÁRIO CÍVICO DO BRASIL ★ DESFILE DAS TROPAS E O ENTUSIASMO POPULAR

Fotos de ALBERTO FERREIRA



O comandante das tropas em parada e, na outra foto, um aspecto do desfile dos tanques pela Av. Pres. Vargas



Soldados da Polícia do Exército marcham em frente ao edifício do Ministério da Guerra, e uma vista da Avenida Presidente Vargas.



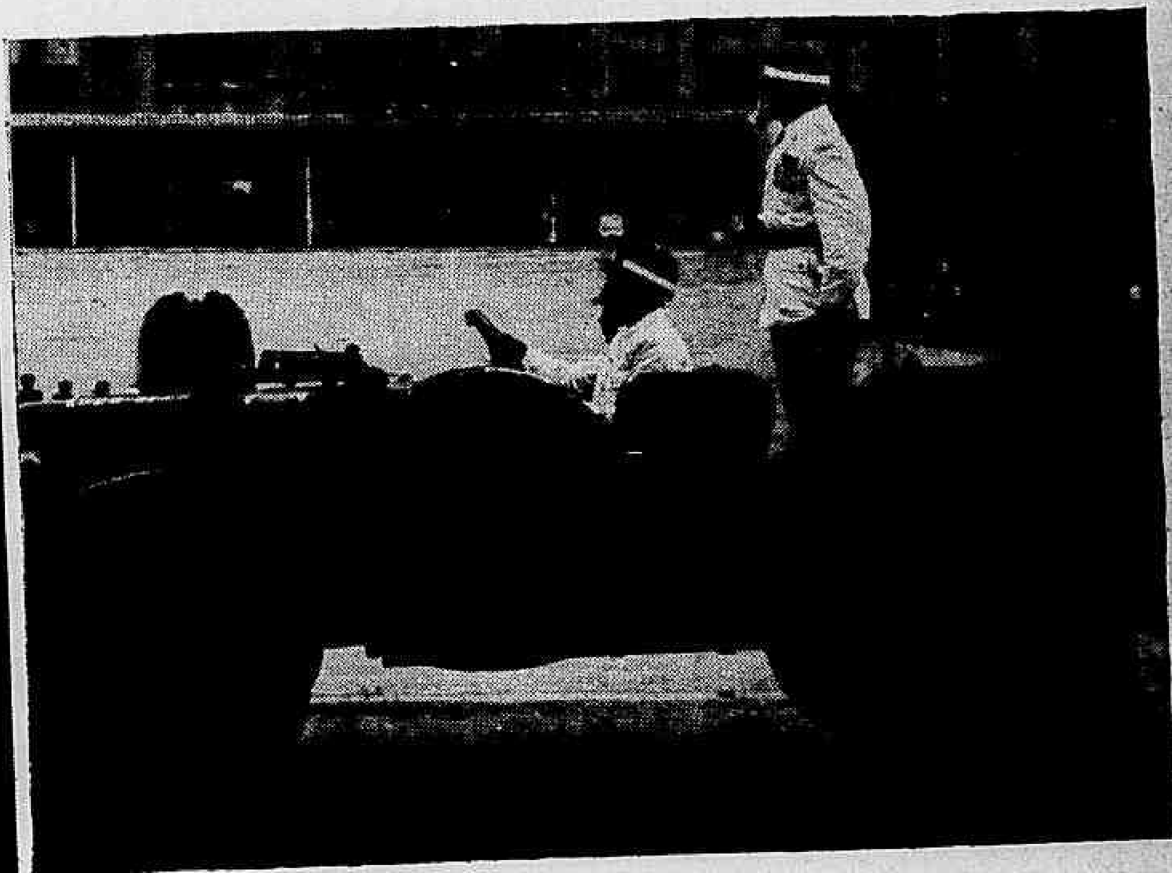
Os Dragões da Independência quando passavam pela Praça Duque de Caxias, sobrevoados pela aviação, emprestando ao conjunto um aspecto emocionante.

ções militares, como pela análise que se costuma fazer, em estabelecimentos escolares e associações culturais, dos motivos que levaram os nossos antigos estadistas e homens patrióticos, a criar o clima da independência que redundou naquele impulso do Príncipe Regente às margens do Ipiranga, nas vizinhanças da capital de S. Paulo. Que a lição dos nossos compatriotas e o patriotismo dos nossos soldados sirvam de paradigma a todos os brasileiros que amam sua terra e lutam pela sua soberania, dentro de um regime de liberdades democráticas compatível com a dignidade nacional. No próximo número encerraremos estas reportagens com outros aspectos comemorativos do Dia da Independência — que tanto sucesso ancançaram.

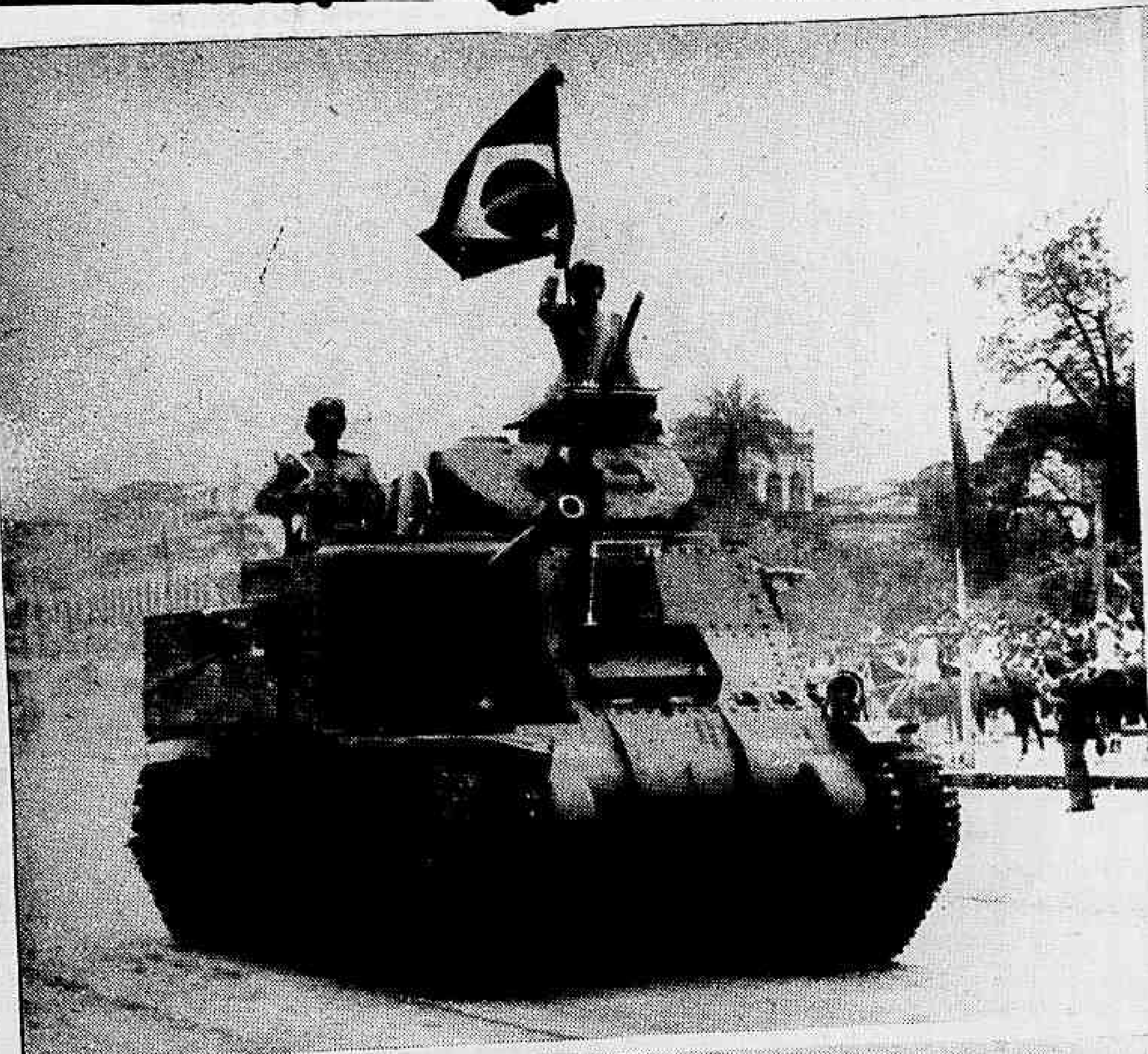
(Cont. na pág. 54)



Chegada do Sr. Presidente da República ao palanque da Pr. Duque de Caxias.



Diante do palanque, um oficial se levanta em continência ao Presidente.









As armas do Brasil, destinadas à manutenção da sua soberania, desfilam, garbosamente, dirigidas por uma oficialidade adestrada e soldados conscientes.



A chuva que desabou sôbre a cidade, durante a parada, não impediu que o povo afluísse ao Campo de Santana para apreciar o empolgante espetáculo.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 38 ★ 20-9-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Independência ou Morte! .... 3/ 6 e 54/57
As mais belas mulheres da Itália 10/13
A fenomenal Yma Sumac 27/29
Eu quase aprisionei Eisenhower 43/44
Vovô pára-quedista 47/48

LITERATURA

Teresina — a garôta centenário (Martins d'Alvarez) 7
O castigo (Afonso Celso de Oliveira) .. 23
Dúvida (Charles Williams) 26
Semana Literária (Edmundo Lys) 39

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (D. Pedro I) 9
Passatempo (Renato Cartaxo) 14
Puxe pelo cérebro 16
Lido... visto... ouvido... (Jim) 20/21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) . 22

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24/25

FEMININAS

Modas 35/38
Não mintam para os animais (Isolette) 42
Rotina de beleza 45
Week-end na cozinha 46
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 48
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 49

FOLHETIM

Filho, meu filho 50/51

CURIOSIDADES

Conversa fiada de Pan Mun Jon 14
A locomotiva no quarto do casal 30/31

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 34

CAPA:

Alexis Smith (Foto Paramount)

TERESINA – GARÔTA CENTENÁRIA



Vi Teresina pela última vez há 22 anos passados. Mas, nem por isso a sua fisionomia amável, de cidade adolescente, se apagou na minha memória. Por certo, cresceu, ganhou novas formas, modificou o seu temperamento ingênuo e doce de menina e moça, deu novos coloridos à sua faceirice desataviada de flor que desabrocha. No entanto, para mim, ela continua pequenina, cheia de sol e de alegria, brincando de pés descalços e descuidada, à margem do velho e remançoso Parnaíba. Na minha lembrança, as suas ruas ainda são as mesmas, alinhadas e amplas, de casas baixas e risonhas, com mocinhas debruçadas sôbre travesseiros nas janelas e namorados platônicos chocando nas esquinas. Um ou outro automóvel inconveniente interrompendo a alacridade das crianças. No centro, a Praça Rio Branco e o Bar Carvalho. E dentro do Bar as figuras exponenciais da terra: Matias Olímpio liderando a política; Abdias Neves norteando a instrução; Heráclito Souza comandando a imprensa; Martins Napoleão ilustrando a poesia; Gaiozinho Marcelino criando noitadas magníficas para o Clube dos Diários. Tudo diferente, na verdade, da Teresina secular de hoje, mais velha, mais esplêndida, mais faustosa, porém, sem a doçura louçã de suas origens, que os velhos da terra me contavam, com tons novelescos, fantasiando sôbre o seu berço, a lendária Chapada do Corisco.

★

Assim pensava eu antes de falar com um amigo que foi assistir às festividades dos cem anos da cidade. De acôrdo, porém, com a sua discrição, Teresina ataviou-se, realmente, com as belas roupagens do progresso. Cresceu para todos os lados. Pavimentou avenidas. Lançou pontes sôbre o Parnaíba. Ergueu um Cais fluvial. Rasgou artérias para a circulação de seus produtos em todos os sentidos e direções. Melhorou a saúde e a instrução públicas. Criou um ambiente propício à fixação e desenvolvimento do homem e do meio. Atingiu, sem favor, um pôsto de vanguarda no progresso das cidades brasileiras. Mas, no fundo, continuou como a vi, há 22 anos passados, garôta sem preconceito e sofisticação. Com os pés descalços metidos no rio. As mesmas casas pequeninas com quintais. E, dentro dos quintais, hortas e pomares, meninos garridos e pássaros cantores. As suas riquezas naturais também não mudaram. Apenas a cêra de carnaúba e o babaçu trocaram a balsa e o lombo dos animais pelos caminhões e o trem de ferro. Segundo me contaram, ela adquiriu corpo de senhora, mas continua garôta. Tão garôta e tão bonita quanto a Miss Centenário que elegeu para simbolizar os seus cem anos de vida alegre e feliz.

MARTINS D'ALVAREZ

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 60 — Telefone: 34-1580

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Redator-Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor
GRATULIANO BRITO

Assistente
RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Este número tem 60 páginas.

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8547 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

CRÔNICA

Minha senhora:

De longe, de muito longe, interroga-me sôbre a vida social no Rio de Janeiro. Que hei-de responder-lhe, se é coisa que não existe?! Cada dia que passa, minha boa amiga, marca no progresso do egoismo, uma etapa formidável. Lembra-se de uma caricatura do "Punch" representando o poderoso Cecil Rhodes de pé sôbre a África imensa a abranger em uma pernada gigantesca os territórios compreendidos entre o Cabo e o Cairo? Pois substitua o tipo acabado do imperialismo absorvente pela imagem alegórica do Egoismo ponha-lhe um pé no Amazonas e outro na barra do Chui e terá um símile perfeito do estado social do Brasil no ano da Graça de mil novecentos e dois. Ignora acaso, minha senhora, que somos todos iguais, absolutamente iguais, irredutivelmente iguais? Pois somos e daí vem que à fôrça de olharmos uns para os outros e de nos vermos tão parecidos acabássemos por nos detestar mùtuamente. No seu tempo, há uns quinze anos, as hierarquias da linhagem ou do talento despertavam entre as classes senão a emulação ao menos uma vaga curiosidade que as fazia procurarem-se, requestarem-se e, às vêzes, pela penetração dos caracteres amarem-se. Hoje, a monotonia matou a sociabilidade. Acabou êsse patronato natural e suave que as elites intelectuais ou outras exercem nos povos de alta cultura e o nosso sapateiro, perdão! o meu sapateiro passou da chinela ao seu proprietário irmanando-os na mais edificante indiferença. Os nomes prestimosos, as individualidades condutoras e guias do meio social desapareceram. A nossa democracia não as tolera. Hoje, minha boa amiga, pertencemos à "livre América" e na "livre América" não são toleradas essas velharias que os selvagens da Europa ainda acatam com devoção profunda.

Tem lido de certo, nos jornais que de vez em quando recebe, a notícia de copiosas vaias a deputados, jornalistas, financistas e "tutti quanti". Não se admire. E' êsse um dos característicos da nossa civilização atual, uma das inapreciáveis conquistas da nossa democracia. Tudo vaiando. Quem ousar elevar-se, pelo mérito ou pelo caráter, acima da paradisíaca igualdade em que vivemos será implacável e justiceiramente vaiado. A igualdade absoluta trouxe a absoluta independência. Os caturras que ainda se lembram de ter gênio isolaram-se por incompatíveis com o meio: o resto isola-se porque a sociabilidade é ainda uma forma de hierarquia e o "sans-culotte" não tolera essas reminiscências odiosas do obscurantismo. Aceite pois o meu conselho, minha boa amiga. Deixe-se ficar onde está... ao lado dêsses bárbaros das civilizações proscristas.

JACQUES BONHOMME

O DESCOBRIDOR DA ILUMINAÇÃO A GÁS

● **A cidade de Maestricht prepara-se para erigir uma estátua a um de seus filhos, João Pedro Minckelers, o inventor da iluminação a gás. Holandês de nascimento, foi na Bélgica que Minckelers estudou e aplicou o seu invento. Nascido em 1748, estudou na Universidade de Louvain as ciências naturais e a teologia. Êle mesmo diz como chegou a fazer o seu descobrimento: "No dia 1 de outubro de 1783, tendo colocado uma porção de hulha no cano de uma espingarda, obtive ar inflamável em abundância e ràpidamente." O seu descobrimento foi aplicado, pela primeira vez, em novembro de 1783, no parque do castelo de Arenberg, perto de Louvain. Os franceses dizem que foi Felipe Lebore o descobridor do gás de iluminação; os inglêses que foi William Murdoch; mas para nós a prioridade pertence, incontestàvelmente, a Minckelers.**

PENSAMENTOS SÔBRE A MULHER

★ *"A mulher é um diabo muito aperfeiçoado"* — *Victor Hugo.*

★ *"As mulheres são a mais bela metade do mundo"* — *Rousseau.*

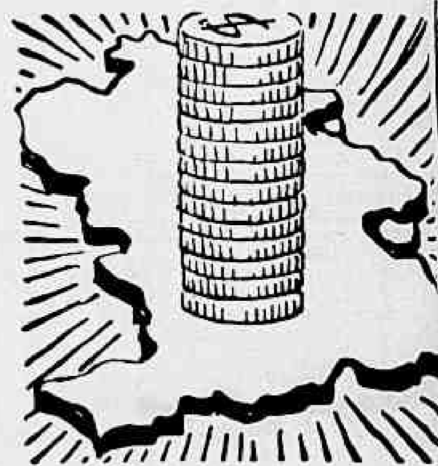


MINAS GERAES — Belo Horizonte — Instantâneo tirado em frente ao edifício do Congresso Estadual, na ocasião em que o Dr. Francisco Salles assumia o govêrno do Estado de Minas, a 7 do corrente.

A Semana E

O ministro Lafer no México

A O escrevermos estas notas está reunida na capital mexicana a VII Assembléia Anual do Conselho dos Governadores do Fundo Monetário Internacional, para debates claros e desapaixonados de todos os problemas que afligem as nações mais pobres. O Ministro do Brasil discursou em inglês e pintou um quadro da situação nossa e de todos os demais países, que merece acatamento e meditação por parte dos governos. Frisou o Sr. Láfer que três problemas devem ser encarados com a maior decisão e coragem: inflação, crescimento das populações e desequilíbrio nas balanças de pagamento. O Ministro das Finanças do Brasil ilustrou sua dissertação com as mais atualizadas estatísticas econômico-financeiras, apresentando sugestões que devem ser analisadas pelos responsáveis, em cujos ombros repousam os destinos dos povos. Em certa ocasião, declarou S. Excia. que a solução para nossas dificuldades seria, dentre outras providências, rumar para a indústria e para o campo, neste binômio salvador: produção industrial e produção agrícola, em quantidades suficientes para a comodidade e alimentação dos povos. Referindo-se ao armamentismo, teve uma expressão que não pode deixar de interessar a todos os governos com orçamentos militares excessivos para seus recursos normais: "Não devemos esquecer que sòmente desenvolvendo a indústria e a agricultura poderemos obter a paz real.



Táxis mais caros

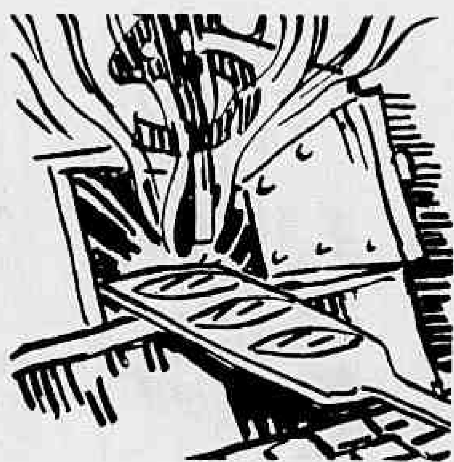


O diretor do Serviço de Trânsito de acôrdo com o artigo 45, do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 31.181, de 25 de julho de 1952, resolveu baixar, a título precário, a seguinte tabela para cobrança de passageiros em táxis: a) — Das seis às 23 horas, o passageiro pagará sôbre o registrado no taxímetro, mais 30 por cento; b) — Das 23 de um dia às seis do dia seguinte, pagará o passageiro, além do que está marcado no taxímetro, mais 50 por cento. Afora êsses adicionais (diz a portaria) nenhum acréscimo será exigido do passageiro. Examinando o horário, verificamos o seguinte: Das seis horas da manhã às vinte e três temos 17 horas. Em tal espaço de tempo o passageiro pagará mais 30 por cento. Das vinte e três (11 da noite) às seis da manhã do dia seguinte, temos mais sete horas, que tomadas às 17 do item "a", somam 24, totalizando um dia neste planêta, período em que o aumento vai a 50 por cento. Ora, como não há em nosso fuso horário, a hora número 25, está visto que o passageiro não terá nenhuma chance de ficar livre do aumento. Não compreendemos aquêle finzinho generoso: "Afora êsses adicionais, isto é, 30% no período das 6 às 23 horas, e 50, das 23 às 6 do dia seguinte, nenhum acréscimo será exigido do passageiro". Pudera!

O pão

Em Revista

O pão que o Diabo amassou



ESTAMOS, mais uma vez, diante de grave crise de farinha de trigo para "o pão nosso de cada dia". A Argentina, que sempre foi um celeiro para o nosso abastecimento quando nos era mais difícil adquirir o cereal nos Estados Unidos e Canadá, passou de país exportador a país importador, em virtude de terrível sêca nos seus campos de cultura, diminuindo sensìvelmente a sua produção. No Senado, um dos nossos legisladores se ocupou do assunto. Sua opinião é a de que devemos fechar as torneiras da evasão de divisas para a compra de trigo no estrangeiro, atualmente num enorme crescendo que já atinge a 180 milhões de dólares por ano, e nos voltarmos para o milho e a mandioca. Realmente, o consumo de pão é mais citadino do que geral. O homem do sertão não come pão. O seu cafèzinho pela manhã é de outras iguarias: macacheira (aipim), batata doce, cuscus de milho ou de arroz, farinha. Pão, só mesmo quando há festa... Mas o homem da cidade não pode substituir o pão de trigo por milho e seus sucedâneos. Ninguém pode fazer numa cozinha de grandes cidades, o que a dona de casa faz lá no sertão. O pão deixado pelo padeiro, tôdas as manhãs, é um símbolo da pressa, da urgência para não perder o ônibus, o bonde, o trem, o lotação. E broa de milho ou de mandioca, é alimento indigesto, de sabor calamitoso, predispondo o indivíduo ao mais indesejável mau-humor.

A U.D.N. na praça pública



O povo carioca foi surpreendido com uma novidade: na Esplanada do Castelo, a 3 de Setembro, realizava-se um comício. Que seria? Comício em nosso país só se usa nos períodos mais agudos da disputa eleitoral. Fora disso não é coisa de nossos hábitos. Os assuntos que seriam ventilados na tribuna das ruas, são levados aos jornais e à tribuna do Parlamento e da Câmara Municipal, pelos respectivos titulares. Pois a UDN está em plena agitação e levou a efeito um comício muito concorrido falando deputados e operários, vereadores e outras pessoas vinculadas àquele partido. O motivo? Debater problemas nacionais do momento e manter contato com a massa partidária. E se notou o seguinte: a presença do Sr. Chefe de Polícia e do Ministro da Justiça. O ponto culminante foi aquêle em que falou o deputado José Bonifácio, trazendo a público o famoso caso do inquérito no Banco do Brasil. A certa altura, exclamou o deputado mineiro: "Podem morder-me os calcanhares, mas esfregarei o inquérito na cara dos pasquins". Como vemos, esta linguagem pouco parlamentar, não diria o legislador, lá na Câmara; entretanto, na tribuna pública, num comício popular, êle não teve dúvidas e a proferiu, provocando palmas dos ouvintes. O comício tem uma natureza diferente das demais reuniões partidárias. Êle, ao ar livre, sem as peias de regimentos sisudos, abre as válvulas do pensamento. E' uma espécie de esporte das democracias. E a série vai continuar?

A PERSONAGEM da SEMANA



"Independência, ou Morte!" a 7 de Setembro de 1822, brado que ficou célebre em nossa História, tem tido muitos contestadores. Há quem sustente que jamais o então Príncipe Regente o pronunciou às margens do Ipiranga. Seja como fôr, a consciência nacional votou a favor do Príncipe galanteador e irrequieto, e entrou êle, assim, nas páginas de nossa História como o fautor máximo de nossa independência política. E' justo, pois, que lhe exaltemos a memória nesta edição dedicada ao Dia da Pátria, quando o coração de todos os brasileiros se funde num só movimento cívico.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.



As mais belas MULHERES DA ITÁLIA

OS SEGREDOS DOS CONCURSOS DE BELEZA ★ TRAMPOLIM PARA A FAMA ★ A CAÇA À MISTERIOSA BONFATTI ★ DE «MISS SORRISO» A «MISS ITÁLIA» ★ O CINEMA E OS MILIONÁRIOS ★ OS GRANDES SEDUTORES

ESTA E' ISABELLA Valdettaro, "Miss Itália 1951". "Miss Savona" e "Miss Ligúria". Descendente de tradicional família que se opõe à sua ida à tela.

O cinema italiano tem realizado um intensivo programa no maravilhoso cenário das praias. Uma organização de fotógrafos, encarregada dos concursos «Miss Itália», procura descobrir «brotos» em tôda parte. Hoje os concursos de beleza são fonte inesgotável de artistas para o cinema. A celebridade passageira, muitas vêzes, satisfaz a fama e a riqueza que Hollywood e os estúdios europeus geralmente dão.

Haverá justiça sempre nesses concursos? Ou influências outras determinam a sua eficiência? E' o que vamos ver nesta história secreta das mais belas mulheres da Itália.

Leliana Bonfatti foi um dêsses brotos descobertos nas praias, cuja fotografia foi publicada num jornal ilustrado.

O cineasta Emmer, que estava preparando o filme «Le regazze di piazza di Spagna», pediu que Bonfatti fôsse ter com êle, em Roma, para uma provinha. Mas aqui começou o busilis: os dois não tinham tomado o endereço preciso da moça. Começou então a caça à misteriosa Liliana: em Fecette nenhum indício havia, em Milão era um absurdo encontrá-la. Finalmente, depois de muitos meses, seguindo pistas frágeis, como detectives profissionais, os fotógrafos a encontraram de novo, mas tiveram que fatigar-se alguns dias, antes de convencê-la de que não se tratava de uma brincadeira, que Emmer estava mesmo precisando dela. A segunda dificuldade estourou em Roma: o cineasta, logo que a viu, disse que a moça não era aquela, que era uma outra, e concluiu que, se de fato fôsse ela mesmo, não lhe parecia bem, tinha uma aparência muito retraída para a parte romântica que desejava confiar-lhe. Bonfatti exasperou-se, depois começou a chorar, retirou-se e foi refugiar-se no hotel. Parecia que tudo estava terminado quando, inopinadamente, surge um desfecho agradável.

À noite o encarregado das cenas do filme, tendo conhecimento da história patética da pobre moça assim vertiginosamente ludibriada e desiludida, pensou em introduzir no enrêdo uma personagem nova, uma outra «moça da praça de Espanha», uma moça de baixa estatura e delgada, igualzinha a Bonfatti. As protagonistas do filme, que eram duas, passaram a três. Liliana Bonfatti se ajuntou a Bosé e Greco e, embora principiante, as superou pela espontaneidade de recitação: sem dúvida, boa parte do sucesso do filme foi devido a ex-costureirazinha e manicure, crescida num casarão popular na periferia de Milão e «descoberta» por acaso numa praia toscana.

1947: ANO DE OURO

Bonfatti foi, depois de Pampanini, Bosé, Mangano, Lollobrigida, Rossi e Canale, a última «desco-



GINA LOLLOBRIGIDA, cabelos encaracolados e olhos provocadores. O cinema italiano e o francês elevaram-na à culminância e à grande celebridade.



SILVANA PAMPANINI, outra encantadora estrêla de beleza exótica. Hoje é considerada uma das mais belas mulheres da Europa e do neo-cinema italiano.

berta» cinematográfica importante aparecida através do concurso «Miss Itália», e os organizadores se baseiam nestes exemplos para defender a utilidade de sua iniciativa. As pequenas citadas até aqui, dizem êles, estão hoje entre as mais populares do cinema italiano; por intermédio dêles, as nossas pequenas conquistaram os mercados do mundo e impuseram aquêle fascínio feminino que até ontem parecia monopólio americano. E tudo isto, acrescentam, é mérito nosso. Da outra parte, continuam a dizer, se uma garôta é esquiva à publicidade, ninguém a force a exibir-se ou, pior ainda, como muitos sustentam, a perder-se.

Mariella Giampieri, «Miss Itália 1949», recusou qualquer contrato cinematográfico e o seu desejo foi respeitado. Afeiçoada à pintura, Giampieri, nascida numa modesta família, teve, com o seu título de miss, a melhor possibilidade para continuar os estudos: com os cinco milhões de prêmios, pôde, de fato, transferir-se de Chiaravalle a Milão, inscrever-se na Academia de Brera e ter um certo caminho aberto, conforme documentam as amostras pessoais organizadas por ela nestes anos e tôdas concluídas de modo bem lisongeiro. Assim, o ano passado, Isabella dos Marqueses Valdettaro, «Miss Itália 1951», depois de grande recusa às ofertas dos produtores, pôde afastar-se sem complicação à penumbra. Valdettaro, estudante de 19 anos, filha do marquês Júlio, aparentado com meia nobreza de Ligúria e da condêssa Fani, saída da nobreza papalina, crescida numa família patriarcal e religiosíssima (a irmã mais velha, Tereza, é freira), não podia prestar-se à exibição da publicidade e do cinema. A mãe procurou por todos os meios convencer o juiz a não premiar a filha, o pai, à proclamação advinda, ameaçou de fazê-la renunciar ao título. Por algum tempo houve certa tensão, parece mesmo que estava iminente um escândalo, porém as cousas enfim se ajustaram e Isabella pôde voltar a refugiar-se na quietude de seu mundo.

O concurso para «Miss Itália» teve o seu ano de ouro em 1947: nunca, antes e depois, o grupo de concorrentes recolheu tantas garôtas dignas de representar a beleza italiana. Naquele ano venceu a milanesa Lúcia Bosé, para a florentina Gianna Maria Canale e a romana Gina Lollobrigida. Bosé, caixeira de pastelaria, com menos de vinte anos,

GIANA MARIA CANALE, linda garôta que conquistou Hollywood quase sem querer e que não desconfia de seu "sex-apeal". Canale já estêve no Brasil.



AS MAIS BELAS MULHERES DA ITÁLIA






ANNA MARIA BUGLIARI, "Miss Itália 1950"; Fulvia Franco, de Trieste, "Miss Itália 1948"; Rossana Martini, eleita em 1946; Mariella Giampieri, "Miss Itália 1949" — Galeria de beldades que venceram os concursos e recusaram as glórias deslumbrantes do estrelato cinematográfico, onde, certamente, brilhariam.

delgada e alta, teve a seu favor os juízes, enquanto a preferência do público era por Canale, assaz mais viva e provocante. De fato a milanesa, vestida modestamente, penteada sem exagêro, embaraça nos gestos e quase aturdida pelo estrondo que a circundava, parecia possuir menos fascínio que a rival: estava fatigada, pois tinha viajado em terceira classe e trazia abaixo dos olhos um sinal negro, recordação do mal tratamento recebido em família à notícia da própria decisão de participar do concurso. O juiz estêve inabalável, contrariando o público para uma proclamação «a pari merito» entre Canale e Lúcia Bosé, talvez a mais bela, a mais representativa das miss eleitas até hoje, que conquistou o título. Desde então, tanto ela como Canale têm interpretado uma meia dúzia de filmes e criou-se em tôrno de Bosé uma vasta notoriedade. Em terceiro lugar, naquele ano, classificou-se Gina Lollobrigida, de 24 anos e de menos publicidade que hoje. Lollobrigida estudou para soprano lírica e freqüentou a Academia de Belas Artes de Roma. Na ficha do concurso à pergunta: «tem projetos para o futuro?», escrevera: «canto, pintura e, se sobrar tempo, cinema»; mais tarde, à pergunta: «tem aspirações?», precisara os seus propósitos assim: «Fazer alguma coisa de sério com o canto e para a pintura»

A sua beleza física e ao cinema pois, Lollobrigida pedia pouco ou quase nada: o sucesso e a fortuna vieram-lhe no entanto de uma e do outro. À seleção final, sempre em 1947, «ano de ouro», foram convidadas duas outras garôtas: Silvana Mangano, que já havia vencido o título de «Miss Roma», e a genovesa Eleonora Rossi. A primeira, à vigília da proclamação, escreveu uma carta aos organizadores para declinar do convite: não se sentia bem, escreveu, mas, na realidade, como confessou mais tarde, não tinha bastante confiança em si mesma e, descuidada e esquiva por natureza, não se sentia disposta para arriscar a viagem de Roma a Stresa. Rossi, em vez, foi a Stresa e desfilou diante dos juízes e do público. Mas, de repente, difundiu-se, não se sabe por quem, a notícia que era casada e tinha um filho.

Os juízes resolveram, consoante estabelecia o regulamento, que o título de «Miss Itália» é limitado às solteiras. Enganadas, por uma razão ou por outra de tomar parte no concurso, tanto Mangano como Rossi receberam dêle, por reflexo, aquela notoriedade em tôrno de seus nomes capaz de abrir as portas do mundo dourado e insidioso do cinema.

ENTREVISTA TEMPESTUOSA

A primeira «Miss Itália», em ordem de tempo, foi a toscana Rossana Martini, eleita em 1946. Antes havia o concurso com a denominação «Belo sorriso da Itália». As «Miss Sorriso» daqueles anos — 1939, 1940 e 1941 — foram escolhidas das milhares de fotografias enviadas, de tôda a Itália, aos organizadores. No primeiro ano, a primeira vitória coube à turinesa, Isabella Verney. A sua silhueta, estampada em todos os jornais, suscitou intenso entusiasmo. Um rico negociante napolitano de hortaliça mandou por telegrama a Isabella a sua proposta de casamento; mas refinado, um príncipe veneziano fêz a mesma cousa, mas com uma carta acompanhada de um bouquet de flores. A ambas as propostas respondeu negativamente a mãe de Isabella, a qual declarou que não podia suportar a idéia de que a filha de apenas quinze anos, saísse de casa.

Em seguida Verney lançou um negócio de modas e se decidiu também a casar, mas só em 1950, com 26 anos. A «Miss Sorriso 1940», Gianna Maranesi, empregada numa casa de baixelas de prata de Milão, continuou a levar uma vida modesta e retirada, sem nunca se ouvir falar de si, enquanto a miss de 1941, a romana Adriana Serra, filha de uma escrivã, teve por algum tempo certa popularidade, passando do teatro de prosa para o de revista e participando também em um ou outro filme: ainda hoje Serra divide a sua atividade entre o palco cênico e os afazeres comuns.

A eleição da primeira «Miss Itália», em 1946, aconteceu no meio de apupos, numa atmosfera de rumorosa exitação. Os juízes tinham concentrado a votação em Rossana Martini, uma garôta nova, de Empoli que, se dizia, possuía o sorriso da «Gioconda»: o público estava inclinado pela romana Silvana Pampanini, de uma beleza agressiva e prepotente. A primeira era estudante e a segunda aspirante à carreira de soprano lírica. Impressionados pelo furor do povo, que ameaçava tumultuar o ambiente se Martini vencesse, os juízes tomaram uma solução salomônica e elegeram «a pari merito» as duas concorrentes. A cousa parecia assim resolvida, mas depois de algum tempo Martini e Pampanini se encontraram para uma entrevista durante a transmissão da revista «Arcobaleno».

Interpelada primeiro, Martini claramente expressou ao microfone o seu pensamento: disse que a verdadeira «Miss Itália» era ela e que os juízes deram o título a Pampanini para evitar complicações.

Ofendida, Pampanini, replicou, as palavras tornaram-se sempre mais fortes, a certo momento as garôtas pareciam se engalfinhar e o infeliz locutor teve que depressa fechar o microfone e depois desculpar-se aos espectadores.

Martini casou-se com um ator de teatro, e Pampanini, ainda solteira, foi, com a rival, para o cinema, obtendo indubitàvelmente, um sucesso maior que a primeira.

UMA PORTA DOURADA

E' curioso observar que, quase em todo concurso os juízes e o público se encontram em desacôrdo sô-



LILIANA BONFATTI, uma das intérpretes de "Le ragazze di piazza di Spagna", deve a sua "descoberta" ao concurso de beleza e já trabalhou no cinema.





LÚCIA BOSÉ, "Miss Itália 1947" — uma personalidade que encontrou no cinema o ideal de sua vida. Lúcia Bosé tem talento e beleza tôda peculiar

SILVANA MANGANO — arroz amargo que põe doçura nos olhos da gente. Um dos pontos altos do cinema italiano, e que vem se projetando cada vez mais.

bre o «tipo» de beleza a premiar, os primeiros sendo orientados para uma beleza simples e ingênua, que representasse verdadeiramente as garôtas italianas, como se encontram em tôdas as partes, e o segundo se inclina para uma outra beleza, provocante e requintada. Assim aconteceu em 1946 com Martini (juízes) e Pampanini (público), em 1947 com Bosé (juízes) e Canale (público). O contraste aparece em 1948, entre a estudante de liceu Fulvia Franco, campeã de ginástica, e a bolonhesa Ornella Zamperetti. A primeira era uma garôta vigorosa e sã, que, segura de sua beleza, pedia às rivais que se maquilassem antes de se apresentar aos juízes, a segunda, ao contrário, possuia aquêle fascínio excitante que, como se diz, «os homens não comentam diante de suas mulheres». Venceu Fulvia e Zamperetti, desdenhosa, se recusou a participar do desfile final, abandonou clamorosamente a sede do concurso e sucessivamente tentou invalidar a vitória da rival, porque esta não tinha ainda os dezoito anos completos exigidos pelo regulamento.

Sem perturbações, transcorreu, porém, o concurso de 1950, vencido por Anna Maria Bugliari, uma estudante morena e vivacíssima, premiada mais pelo seu temperamento exuberante do que mesmo pela sua beleza, Bugliari, filha de um advogado, vice-presidente da ANPI e militante social comunista, desfrutou o seu título também para escopos políticos, participando de manifestações e comícios dos partidos da esquerda e pondo em grave embaraço os organizadores que, já preocupados em defender-se contra a acusação de corruptores, deveriam se esforçar para provar a sua independência de Nenni e de Togliatti. Depois de trabalhar em alguns filmes, Bugliari declarou recentemente que está noiva de um proprietário de terras do sul e brevemente se casarão.

Êste ano o concurso, tendo-se em vista as três eleições para «Miss Sorriso», está na sua décima edição.

Na espectativa da eleição de Merano, em 21 de setembro, estarão ocorrendo por tôda parte milhares de festas dançantes para a escolha das concorrentes por zona; outras garôtas estão sendo «descobertas» durante as incursões anuais pelas praias.

Ilusões de glória e de riqueza acendem a fantasia das garôtas, e nas famílias abre-se uma desinteligência entre as mães, que desejam segundar as ambições de suas filhas, e os pais, que preocupados com as conseqüências destas ambições, se opõe. Há uma porta dourada aberta aos olhos das garôtas e tôdas, com a irrefletida inconsciência da juventude, querem transpô-la: mas, atrás daquela porta, como atrás de tôdas as portas douradas da vida, se escondem muitas vêzes as mais amargas desilusões.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DE QUE LÍNGUA NOS VEIO A PALAVRA «SUELTO», TÃO USADA NA IMPRENSA:

— Do italiano?
— Do espanhol?
— Do francês?

2 — QUE SIGNIFICA «PEÚGA»:

— Meia curta?
— Calça de senhora?
— Um inseto?

3 — DE QUE LÍNGUA É A PALAVRA «SKI»:

— Do árabe?
— Do dinamarquês?
— Do inglês?

4 — QUE NOME SE DAVA, ANTIGAMENTE, AO IMPÔSTO DE TRANSMISSÃO DE BENS:

— Sisa?
— Enfiteuse?
— Morganata?

5 — QUAL DÊSTES RIOS SE CHAMA, EM LATIM, «SÉQUANA»:

— O Vístula?
— O Reno?
— O Sena?

6 — QUAL A TRADUÇÃO DA EXPRESSÃO: «SELF-GOVERNMENT»:

— Govêrno de si mesmo?
— Govêrno tutelado por outro?
— Período sem govêrno?

7 — QUE VEM A SER «RIA»:

— Braço de rio?
— Barreira à margem dos rios?
— Lugar para briga de galos?

8 — UM SINÔNIMO PARA «RECEITA MÉDICA»:

— Íncubo?
— Récipe?
— Paraclésia?

9 — QUE SIGNIFICA «PRIMADONA»:

— O ponto de um teatro?
— Cantora de tangos?
— Ou a primeira artista de uma ópera?

10 — QUAL A FORMA FEMININA PARA «PRESIDENTE»:

— Presidenta?
— Presidente mesmo?
— Ou Presidêntia?

11 — QUE NOME SE DÁ A ÊSSES PEQUENINOS COFRES PARA ECONOMIAS DOMÉSTICAS:

— Mealheiro?
— Sedentário?
— Montaria?

12 — QUAL A TRADUÇÃO PARA «PIUM-I»:

— Terra de pescarias?
— Aves grandes?
— Rio de mosquitos?

13 — EM QUE PARTE DE NOSSO CORPO FICA UM OSSO CHAMADO «PERÔNEO»:

— No tórax?
— No braço?
— Na perna?

14 — QUE NOME SE DÁ À VÉSPERA DE SÁBADO ENTRE OS JUDEUS:

— Sabatismo?
— Parasceve?
— Cabala?

15 — QUE VEM A SER «ONISCIENTE»:

— Que se alimenta de tudo?
— Que está presente em todo lugar?
— Que conhece ou sabe tudo?

(Respostas na página 52)

Conversa fiada de PAN MUN JON



Positivamente ninguém mais acredita naquelas conversas intermináveis, que para a terminação da guerra na Coréia, realizam os plenipotenciários das nações unidas com os coreanos. Coreanos aqui é eufemismo, porque na realidade, atrás dos fantochezinhos de olhos apertados e tez amarelada, estão os senhores do Kremlin. Conversa mole, conversa para boi dormir, conversa fiada... diz o carioca. Tôdas as manhãs e tôdas as noites, o rádio e a imprensa do mundo, repetem a mesma história. Reunidos, etc., discutiram, falaram... mas resultado, nada. Pois, mais caceteado do que nós, com essa interminável novela, deve andar John J. Koval, o taquígrafo que as Nações Unidas tem feito ali registrar as discussões dos delegados, que negociam sem trégua a trégua que não vem. Desde 19 de julho do ano passado, Koval escreve e datilografa a lenga-lenga tôda. Esta pilha de pastas com as notas estenográficas é o fruto do trabalho dêsse herói, que com certeza preferia ir para o front, onde por certo há mais movimento...

No cemitério de Kensal Green, um padre benze o ataúde de Christine, cercado por compatriotas.



CHRISTINE GRANVILLE
A CONDÊSSA ESPIÃ

ASSASSINADA EM LONDRES, ERA DA ALTA NOBREZA DA POLÔNIA ★ UMA HEROÍNA A SERVIÇO DA INGLATERRA

AQUELA mulher de tez alva, cabelos negros, esbelta e elegante, traindo uma descendência aristocrata, era polonesa, tinha 37 primaveras e exercia um emprêgo modesto a bordo de um navio que fazia a linha da Inglaterra à África do Sul. Chamava-se Christine Granville, e se hospedava no respeitável "Shelbourne Hotel" de Londres. Ela chegara à sua residência cêrca de meia-noite, e subira aos seus aposentos, quando um homem a chamou. Ela tornou a descer as escadas a fim de conversarem. Presumiu-se que se tratava de um convite para ir a Bruxelas, pois que Miss Granville acertara de embarcar de avião naquela mesma noite, para visitar um seu amigo de nome Major Andrew Kennedy; mas o planejamento foi alterado para o dia seguinte.

Sùbitamente chegaram gritos à portaria do hotel: "Levem-no daqui!" Era a voz de Miss Granville. O porteiro e mais dois outros homens correram para os aposentos dela, na certeza de que algo de anormal se estava passando. Ali, com surprêsa, foram encontrá-la morta, estendida ao solo, com uma punhalada no peito. Morrera em poucos minutos.

— Eu a matei, disse o homem que fôra falar-lhe. Era Denis George Muldowney, empregado de um clube.

No dia seguinte começou a Scotland Yard a investigar a vida pregressa de Christine Granville, descobrindo-se, por fim, quem era a bela e infeliz polonesa.

Seu enterramento foi realizado no cemitério de Kensal Green, com o ritual católico romano, pois que ela professava essa religião. E veio a público a história de uma das mais curiosas e audazes criaturas de saia de que há memória no mundo.

Christine Granville não era mais do que a Condêssa Krystyna Skarbek, sobrenome reverenciado há mais de mil anos em tôda a Polônia. Diz a lenda daquele país que, após ter Henry II subido ao trono da Germânia, aí pelo ano 1002 da era cristã, um nobre Skarbek foi enviado à Côrte alemã, a fim de dissuadir o novo rei, de seus planos de guerra contra os poloneses. Quando esta rebentou, todo o ouro de Henry II nada pôde contra o ferro polonês, e a paz foi celebrada. Êsse episódio serve apenas para ressaltar o prestígio do sobrenome Skarbek, muito reverenciado na Polônia. Krystyna Skarbek, filha de um nobre polonês proprietário de extensas terras perto de Piotrkow, cresceu mimosa flor da aristocracia, linda, enérgica e inteligente. Montava a cavalo, esquiava e chegou a sair vitoriosa num concurso de beleza. Aos 22 anos casou-se com um escritor polonês, indo residir em Addis Abeba. Estava na capital da Abissínia,



Christine, antes da guerra, jovem e bela, tomando sol no jardim de sua casa na Polônia.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 21

	Conceito							
A	Existo	101	18	145	2	■	■	■
B	Quinta, solar	150	13	54	6	63	96	31
C	Joeiravas	14	28	137	68	118	41	■
D	Vaso de madeira onde comem os porcos	91	7	34	112	24	65	■
E	Germe, princípio	5	119	56	■	■	■	■
F	Esplêndido, pomposo, lauto	48	1	35	82	16	79	108
G	Sinal de uma doença	51	27	84	4	133	147	8
H	Procurara seduzir, ousara	12	103	36	52	144	92	120
I	Espinha dorsal (pl.)	3	72	110	29	148	76	■
J	Corajoso, que tem ânimo	10	26	123	49	58	89	151
K	Que tem dois pés	113	20	9	75	30	99	■
L	Armadilha disfarçada	90	116	80	146	23	107	74
M	Brilhavam	124	33	61	67	22	143	■
N	Possuir, existir	117	83	127	45	11	■	■
O	Tornar quente	93	134	111	25	42	53	152
P	Calunia, desacredita	17	43	59	105	138	102	■
Q	Lugar onde se exerce um ofício	109	77	50	86	62	21	130
R	Briga de galos	73	55	46	125	141	■	■
S	Avaliem o preço	32	57	47	100	39	136	129
T	Dançar o samba	132	139	64	121	142	114	■
U	O que é de direito ou dever	66	40	140	69	94	81	■
V	Escutavam	95	135	19	85	60	104	■
W	Jovens, mancebos	15	78	106	87	98	■	■
X	Impedi, interrompi	126	37	97	149	71	88	131
Y	Remói os alimentos	122	38	44	115	70	128	■

■	■	■	■	■	F 1	A 2	I 3	■	G 4	E 5	B 6	D 7	■
G 8	■	K 9	J 10	N 11	H 12	B 13	■	C 14	W 15	F 16	■	P 17	A 18
V 19	K 20	Q 21	M 22	■	L 23	D 24	O 25	J 26	G 27	C 28	I 29	K 30	B 31
■	S 32	■	M 33	D 34	■	F 35	H 36	X 37	Y 38	S 39	U 40	C 41	O 42
P 43	Y 44	N 45	R 46	S 47	F 48	■	J 49	Q 50	G 51	H 52	O 53	B 54	R 55
E 56	S 57	J 58	■	P 59	V 60	M 61	Q 62	B 63	T 64	■	D 65	U 66	M 67
C 68	U 69	Y 70	X 71	I 72	R 73	■	L 74	■	K 75	I 76	Q 77	W 78	F 79
L 80	U 81	■	F 82	N 83	G 84	V 85	Q 86	W 87	■	X 88	■	J 89	L 90
D 91	H 92	O 93	U 94	V 95	■	B 96	X 97	■	W 98	K 99	S 100	A 101	P 102
■	H 103	V 104	■	P 105	W 106	L 107	F 108	■	Q 109	■	I 110	O 111	D 112
■	K 113	T 114	Y 115	L 116	N 117	C 118	E 119	H 120	■	T 121	Y 122	J 123	M 124
R 125	X 126	N 127	Y 128	■	S 129	Q 130	X 131	T 132	■	G 133	■	O 134	V 135
S 136	■	C 137	P 138	T 139	U 140	R 141	■	T 142	M 143	H 144	A 145	L 146	■
G 147	I 148	X 149	B 150	J 151	O 152	■	■	■	■	■	■	■	■

Olaner - Rio

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 20: L. PRADO — ALEGRIA E TRIUNFO — "Quanto mais influência ela adquirira na vossa vida, e mais falardes sôbre uma coisa, mais [illegible] mais depressa passarão. [illegible]

CHRISTINE GRANVILLE, A CONDÊSSA ESPIÃ



Medalhas conquistadas por Christine, conferidas pela Inglaterra, França e organizações religiosas de sua pátria, levadas consigo para a sepultura.

quando a Polônia foi atacada por outro líder germânico: Hitler. Ela não vacilou um instante: transferiu-se para Londres, oferecendo seus serviços à "British Intelligence", que os aceitou imediatamente. Destacada para Budapest, figurava ali como sendo uma jornalista; mas, na realidade, desenvolvia grande trabalho de espionagem em favor dos aliados, contrabandeando militares e pilotos para a Polônia. Nessa perigosa missão era muito ajudada por um antigo conterrâneo conhecido desde a infância, major Andrew Kowersky, então chamado Andrew Kennedy, um dos patriotas do "underground" em favor dos inglêses. Certa vez ela e Kennedy foram aprisionados pelos agentes da Gestapo. Christine manteve tal serenidade de espírito, tanta calma e fôrça de convicção, que conseguiu sua liberdade e a do seu compatriota. Outra vez, ao conduzir cinco pilotos tchecos na fronteira com a Iugoslávia, seu carro se avariou em lugar perigoso. Descoberta pelos guardas da fronteira a patrulha inimiga ameaçou-os de fuzilamento. Mais uma vez, porém, ela conjurou todo o perigo e salvou-se, com os seus amigos. Os guardas que os detiveram, não sòmente deixaram que seguissem viagem, mas ainda ajudaram a tirar o veículo de seu enguiço! Havendo na Polônia, um modêlo de arma anti-tanque muito melhor do que as fabricadas pelos aliados, espécime êste que fôra enterrado numa propriedade polonesa depois que Hitler invadira o país, coube a ela e ao seu companheiro, penetrar em território de sua pátria e exumar a arma, levando-a aos aliados. Quando Hitler dominou os Balcãs em 1941, Christine e Kennedy foram servir no Cai-

(Cont. na pág. 52)



Ela com Kennedy, no ano de 1941, após escaparem do Oriente Próximo.



Muldowney — ao centro — o assassino, quando levado pela polícia.

RAUL BARBOSA E O CEARÁ

COM menos de dois anos no govêrno do Ceará, o Sr. Raul Barbosa conseguiu solucionar muitos dos mais prementes problemas do Estado. Sua administração se caracteriza pela execução de ousado programa de melhoramentos e reformas, visando o bem social e a recuperação econômica daquela unidade. Procurando dar ao Ceará aquilo de que necessita na atual emergência, e para sua integração definitiva no papel que lhe cabe na economia do país. O equilíbrio das finanças constitui uma das suas preocupações. Nesse particular não podia ser mais eficiente a sua ação. Enfrentando a difícil conjuntura em que se encontra o Estado em conseqüência da estiagem e da retenção dos estoques exportáveis, já conseguiu o govêrno Raul Barbosa pôr em dia as dívidas com o funcionalismo, e amortizar grande parte dos compromissos do Estado com outros credores.



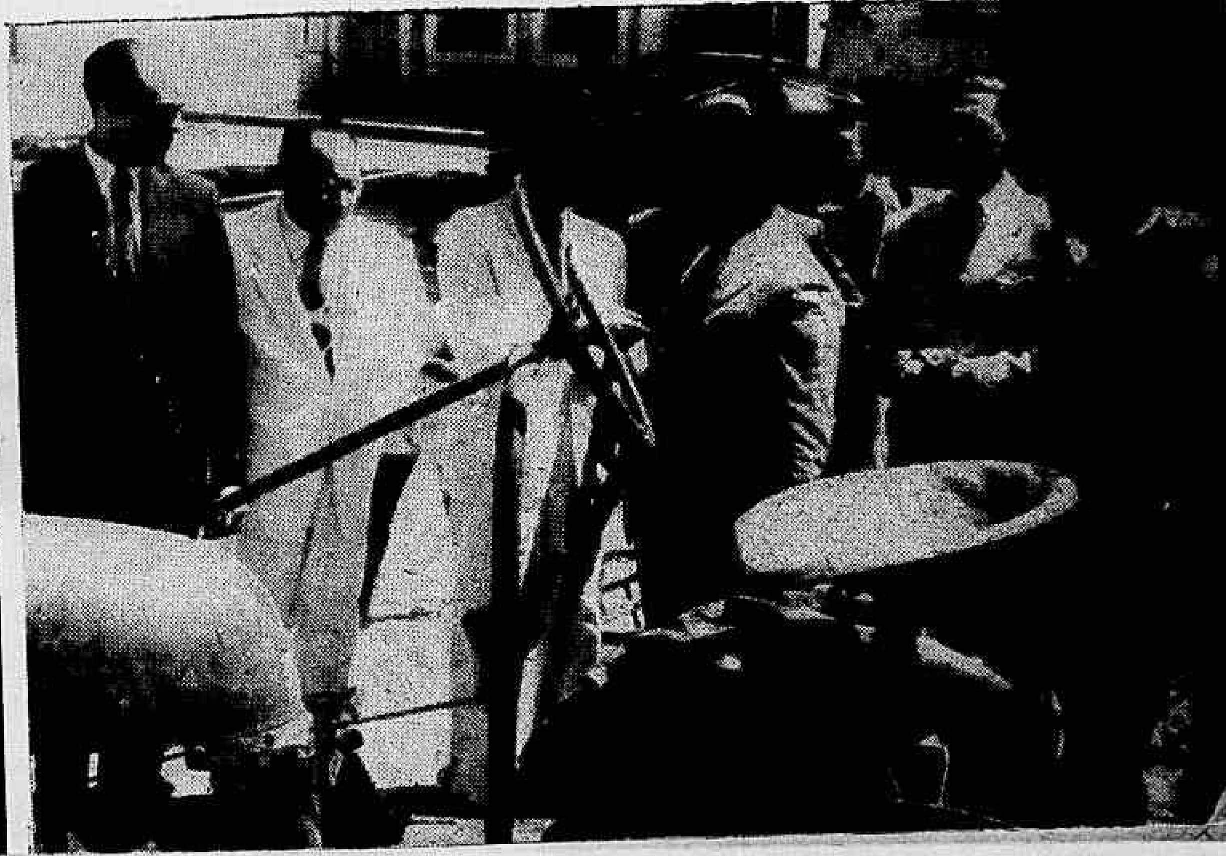
O Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, a cuja frente se acha o Dr. Roberto Vieira Nepomuceno, desbrava os sertões, abrindo caminhos rodoviários, em busca dos centros produtores. Em um só ano êsse Departamento executou a construção de 230 quilômetros de estradas, o que representa índice bastante expressivo de produtividade. Passando por Canindé — a cidade dos romeiros de São Francisco das Chagas, a ligação Fortaleza Campos Sales, prestes a ser ultimada, oferece, na sua função de estrada tronco, excelentes condições técnicas. Nas fotos vemos, em plena atividade, no desmonte de rochas e trabalhos de aterros, as patrulhas mecânicas do D.A.E.R. Poderosas máquinas e grandes caminhões-basculantes são empregados nas obras, tornando-as mais rápidas e econômicas.





A Secretaria de Educação e Saúde, a cargo do Dr. Waldemar Alcântara, realiza uma obra realmente importante, isoladamente e em conexão com outros órgãos. O Departamento da Criança, dirigido pelo Dr. Clóvis Catunda, trabalha muito por iniciativa própria e em cooperação com a L. B. A. Na foto acima à esquerda, o Governador e Sra. Raul Barbosa, presidente da Legião, distribuem roupas; à direita, Comandos do Serviço Médico-Sanitário. A Secretaria de Agricultura e Obras Públicas age em seu setor, tendo como titular o Dr. Plácido Castelo Branco e como diretor do Saneamento e Obras, o Dr. Paulo Ferreira. Em baixo, à esquerda, uma barragem na serra do Araripe; à direita, o Governador na exposição de máquinas agrícolas, no Crato, um acontecimento de grande significação.







Em cima — Um aspecto do banquete, vendo-se, a contar da esquerda, o Ministro Luiz Gallotti; o General de Exército Cyro do Espírito Santo Cardoso, Ministro da Guerra; o Dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club; o Marechal Mascarenhas de Morais; o Professor Luiz Pinheiro Guimarães; o General Otávio Saldanha Mazza; o Ministro Armando de Alencar, o General Cyro de Rezende e o Dr. Edgard Pereira Braga. À direita — Um grupo de oficiais generais que timaram parte no banquete oferecido ao Exército.



O "DIA DO SOLDADO" NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

A partir da esquerda: O Ministro Osório Dutra, o Gen. Álvaro Fiúza de Castro, o Dr. F. E. de Paula Machado, vice-presidente do Jockey, e o Gen. Castelo Branco.





Ao final do seu discurso, o Dr. Mário de Azevedo Ribeiro brinda o Exército na pessoa de seu titular, Gen. Cyro do Espírito Santo Cardoso. Nas extremidades da fotografia aparecem o Ministro Luiz Gallotti, 2.º vice-presidente do Jockey, e o Mal. Mascarenhas de Morais, que aplaudem a oração do presidente do Jockey.

ENTRE as instituições particulares que mais exaltam as coisas do Brasil, os nomes aureolados da sua história e as datas mais caras aos nossos sentimentos patrióticos, figura em primeiro plano o Jockey Club Brasileiro. No seu intenso programa social e esportivo, o culto aos homens e às entidades que nobilitam o país tem sempre um lugar de destaque. Ainda recentemente o "Dia do Soldado" propiciou aos dirigentes daquela prestigiosa sociedade prestarem ao Exército e ao seu patrono, o Duque de Caxias, belíssima homenagem, que constou de uma grande festa hípico-social, tendo por base o Grande Prêmio Duque de Caxias, seguido de outras provas com os nomes de bravos soldados que nos campos de batalha conquistaram para a nossa Pátria glórias imperecíveis. A parte social culminou com o banquete oferecido ao ministro da Guerra, general Cyro do Espírito Santo Cardoso, e aos generais residentes no Rio, realizado no Salão das Rosas, do Hipódromo Brasileiro. Ao "champagne", o Dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, saudou os ilustres membros das nossas fôrças de terra ali presentes. Do seu discurso retiramos os seguintes trechos de exaltação cívica: "Temos as nossas horas de apreensões. E nos momentos de angústias, a confiança nos legítimos defensores remove o temor ao pensamento. Sentimos, então, a grandeza do trabalho na caserna, que preserva a paz, a tranqüilidade e a ordem, tão necessárias à vida e ao progresso do país". E mais adiante: "O espírito de renúncia e sacrifício enobrece a carreira das armas. A História do Brasil registra feitos da maior bravura e desprendimento". Falou, agradecendo a homenagem, o general de Exército Cyro do Espírito Santo Cardoso, ministro da Guerra, que teve oportunidade de declarar: "O Exército está de tal forma e há tão longo tempo, ligado ao Jockey Club Brasileiro por laços de estreito e patriótico entendimento, que é para nós mui grata a satisfação que sentimos na vossa cavalheiresca e afetiva companhia".



Durante o banquete conversam animadamente os Gens. Waldemar Rocha, à esq., Talles de A. Villas-Boas, Jurandyr Galvão (os dois ao centro) e Nelson de Mello.

Branco.



LIDO... VISTO... O

NA VESPERA DE 24 DE OUTUBRO

Ainda não se escreveu a história dos dias que antecederam, em 1930, a queda da chamada «República Velha», na capital da República. Muita coisa interessante e curiosa se passou então, quando o carioca, sempre do contra, mesmo faltando poucos dias para o presidente Washington findar o seu mandato, torcia pela queda do presidente, ouvia o rádio de galena, às escondidas e, na verdade, apesar da mentiralhada reinante nos jornais governistas, vivia mais a par dos acontecimentos do que os que os acompanhavam através as notícias otimistas da imprensa: O País, a Gazeta de Notícias, a imprensa oficial e oficiosa.

A não ser pelo rádio, pouco difundido, aliás, e não como hoje, em que não há barraco no morro, que não tenha o seu receptor... — ninguém sabia da queda dos governos nortistas, da arrancada de Juarez, depondo governadores, até por telefone. O que se difundia era a reação e as medidas enérgicas que o «govêrno constituido» e o homem que o encarnava, com o lema «comigo é na madeira», tomava: o comandante Magalhães de Almeida, do Maranhão, mais político do que militar, seguindo, cheio da «nota» para o norte, a abafar a rebelião, fôrças seguindo para o sul, a enfrentar as hostes de Getúlio Vargas.

A revolução começara a 3 de outubro, data que mais tarde ficaria famosa pelo Clube dos Tenentes e dos paisanos mais assanhados. Lá para o dia 23 sabia-se, aos cochichos, que os generais, andavam, aqui no Rio, confabulando e, à essa altura ninguém dava mais um niquel pela segurança do govêrno federal.

No entanto, nesse dia, chega de São Paulo, como se viesse do mundo da lua, o engenheiro Firmo Dutra, homem inteligentíssimo, muito relacionado e que ali fôra para saber, na verdade, «as coisas como andavam». Firmo parece que só ouviu os Pangloss mais chegados à gente do «Correio Paulistano». Contava, eufórico, no gabinete do velho Senador Azeredo, no Senado, lá pelas 4 da tarde de 23 de outubro, do ano da graça de 1930:

— A revolução está jugulada. Em Itararé o fracasso das fôrças do Getúlio foi tremendo!

O vento forte, que entrava pelas janelas do mesmo gabinete, hoje ocupado pelo senhor Café Filho, fazia esvoaçar a linda cabeleira branca de Azeredo, o rosto corado, os olhos miudos e apertados, o indefectível cravo côr de rosa à lapela do paletó cinzento do vice-presidente do Senado. Colegas e jornalistas e amigos pessoais do simpático Senador por Mato Grosso, que desde a morte de Pinheiro Machado, em 1915, presidia o Senado Federal, trocavam idéias e, animados pela palavra do engenheiro Firmo Dutra, mostravam-se mais tranqüilos. Apenas um, o Senador Aristides Rocha, representante do Amazonas, engolfara-se numa poltrona e em pensamentos sombrios, a julgar pelo ambiente. Dêles se aproxima um jovem, e com indiscreção própria da idade, diz ao Senador:

— E o senhor não ficou contente como os outros, com as notícias que o Firmo trouxe de São Paulo?

— Quando ouço essa gente dizer que tudo vai muito bem — tornou Aristides Rocha, eu me lembro daquele homem que vinha caindo de cabeça para baixo, de um arranha-céu. Ao passar pelo 5º andar, um amigo, que do seu apartamento olhava o panorama e era muito distraido, vendo-o, sùbitamente, perguntou-lhe: — Olá você como vai? E o outro respondeu-lhe:

— Até aqui, vou muito bem...

QUEM DISSE ISTO?

56 "Não me toques."

57 "A sabedoria humana não é suficiente para descobrir o que é divino."

58 "A hipocrisia é uma homenagem que o vício presta à virtude."

59 "Ao vencedor, as batatas!"

60 "O êrro comum faz a lei."

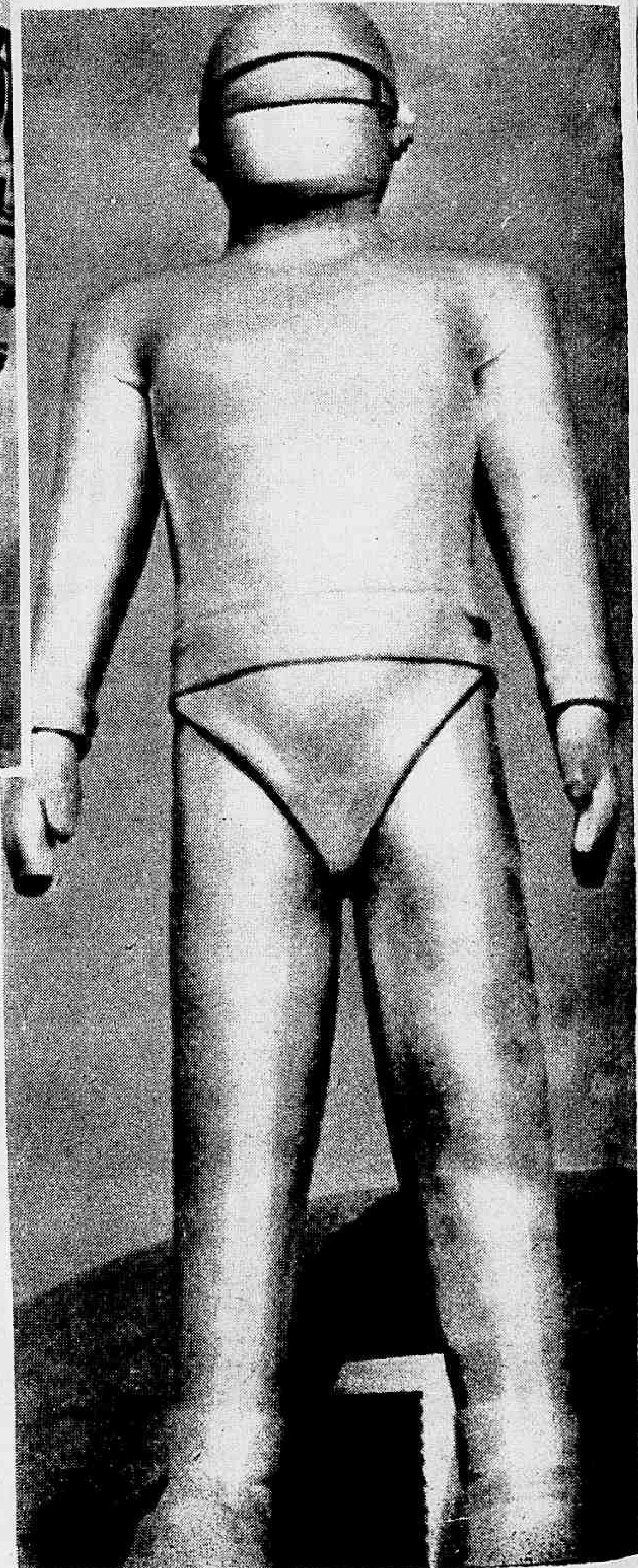
RESPOSTA ÀS ANTERIORES:

51 — A frase é de Emmerson, o pensador americano; 52 — Benjamin Franklin, sábio e estadista americano, um dos Patriarcas da Independência dos Estados Unidos; 53 — Célebre aforismo de Lavoisier, sábio francês; 54 — Rodrigues Alves; 55 — Victor Hugo.



NO ANO 2.000

PERKINS BAILEY E JACQUES FATH LANÇAM AS MODAS DO FUTURO!



DREW Parson, o famoso colunista americano, que Franklin Roosevelt chamou de mentiroso e Harry Truman, de SOB (o maior insulto em tôda a parte do mundo), foi o padrinho da indumentária, desenhada por Perkins Bailey, grande desenhista de elegâncias de Hollywood, para os futuros viajantes interplanetários. E Jacques Fath, o célebre Jacques Fath (Jacques Pouca Roupa, do Chateau de Corbeville), que veste e despe hoje, com suprema elegância, a grã-finagem mundial, recebeu dos produtores de uma revista teatral, "La Revue du Michel", encomenda para desenhar vestidos para o ano 2.000. E o que Jacques não faz? E eis nas fotografias a atriz parisiense Catarine Fath, cunhada do castelão do Seridó, metida nas negras vestes que Jacques Fath imaginou para as mulheres do ano 2.000. Brotinhos que nascereis daqui a 20 anos, perdoai-o se não forem de vosso agrado: Jacques Fath não sabe o que faz...

OUVIDO..... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)



POUCAS... E BOAS...

HEREDITARIEDADE

Existem pais que complicam a vida dos filhos, com os nomes estranhos que escolhem para os seus rebentos. Há pouco em Oklahoma, entra um recruta para o exército e o oficial, quando lê seu nome — Tonsilitis Jackson — (amigdalite) indaga por que o rapaz, que tem 19 anos, assim se chama.

— Não sei — responde êle. — Sou o sexto filho e os meus irmãos chamam-se Meningitis, Appendicitis, Laringitis, Pulmonitis e Peritonitis. Coisas do meu velho, que é um crânio.

— Está certo. E qual o nome dêle?

— Encephalitis Jackson.

— All right, então o mal é hereditário — responde o capitão.

DE TRATORES

Na África equatorial francesa tem-se notado, relatou em Paris, um viajante recém chegado, uma diminuição sensível de poligamia. Perguntaram-lhe porque.

— Indaguei a causa, a vários chefes nativos. Um dêles deu-me esta explicação: "E' que acabamos nos convencendo de que um trator vale mais que dez mulheres"...

RATA

Em Paris, em plena "Grande Saison" da alta-sociedade, um deputado, que ainda não conhece bem as grã-finas parisienses, pergunta a um ministro, num "garden party", numa embaixada:

— Sua senhora é a da direita ou a da esquerda da que vem com aquêle chapéu ridículo?

— E' a do centro.

PARTICIPAÇÃO ANTIDILUVIANA

Na Itália um nosso amigo recebeu a participação do casamento de DINO SAURO com NELIA GIUNGLA (Na Floresta)...

RESPONDA ESTAS:

56 Por que as cobaias são usadas para as experiências de laboratórios?

57 Que é que faz o Mar Vermelho ser vermelho?

58 Quem pintou o célebre quadro "A Batalha de Avaí"?

59 Quantas línguas são faladas na África?

60 Em que dia e ano Amador Bueno rejeitou ser Rei de São Paulo?

RESPOSTA AS ÚLTIMAS:

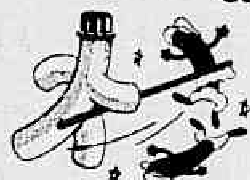
51 — *Um químico suiço, o Dr. Brandemberger;* 52 — *Os bascos são os europeus mais antigos, talvez os únicos descendentes das raças pré-arianas, os aborígenes da Europa. Investigações antropológicas recentes inclinam-se a julgá-los oriundos dos Bérberes, do norte da África;* 53 — *Alvar Nunes Cabeza de Vaca, célebre descobridor e conquistador espanhol do século XVI, companheiro de Ponce de Leon na descoberta da Flórida. Depois estêve no sul do Brasil e na Argentina;* 54 — *Em 1850, restabelecendo-se, assim a antiga capitania do Rio Negro, extinta por ocasião da Independência;* 55 — *Os geologistas calculam em mais de um bilhão de toneladas de terra por ano a erosão da terra, levada pelo mar.*



Sempre estão juntos... Encanto e Kolynos!

Kolynos dá ao sorriso um encanto irresistível que assegura o êxito pessoal e... é fato comprovado que Kolynos é o dentifrício favorito de tôdas as mulheres formosas, pois Kolynos embeleza os dentes e protege a saúde da bôca.

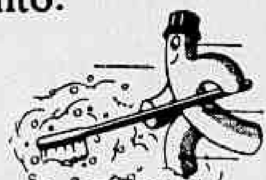
Kolynos é *famoso* por sua espuma refrescante, eficaz e abundante que rende muito mais, combate as cáries e perfuma o hálito.



Combate as cáries
Kolynos combate realmente as cáries, destruindo até 92% das bactérias que são a causa primordial dos males dentais.

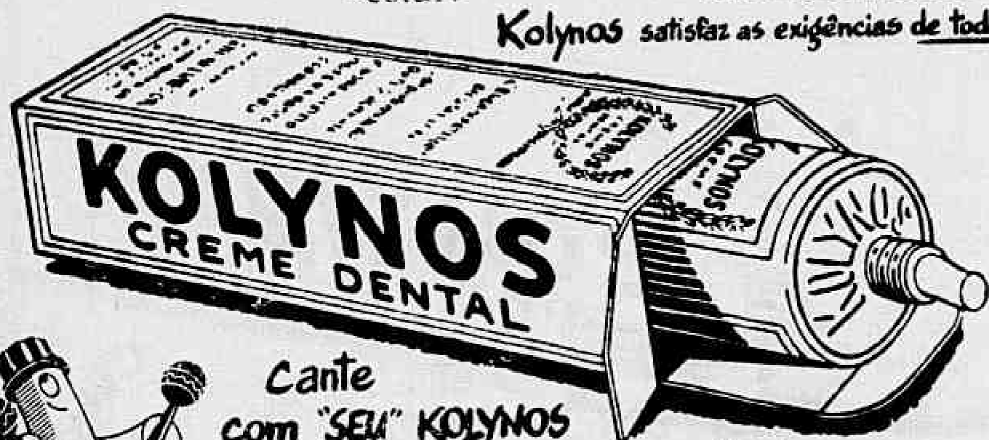


Perfuma o hálito
Kolynos perfuma o hálito e neutraliza os ácidos bucais, deixando na bôca uma duradoura sensação de saúde e bem-estar.



Rende muito mais
Kolynos é o dentifrício preferido das famílias, porque rende muito mais - um centímetro na escôva sêca basta para obter espuma eficaz e abundante.

Kolynos satisfaz as exigências de todos!





Cante com "SEU" KOLYNOS

2 vêzes ao ano visite o dentista

3 vêzes ao dia seja Kolynos-ista

K-10-R

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

TODOS nós conhecemos pessoas que se assustam, ou ficam preocupadas, quando sonham que alguém morreu ou foi vítima de uma desgraça. Raramente, entretanto, tais sonhos são proféticos, pois a raros é dado o dom dêsses avisos do destino. E as pessoas que aparecem em nossos sonhos, nem sempre são elas mesmas, mas simples "transferências" de outras, ou símbolos de que se vale o subconsciente para iludir a censura da "consciência". Por que a maioria dos sonhos parece um tecido de absurdos, imagens de que só os loucos se lembrariam na vida real? Por que as representações oníricas, retratando-nos como realmente somos e não como a sociedade, a vida, a formação moral nos obrigam a ser, se valem de mil disfarces, cuja identificação nem sempre é fácil.

● Os leitores que desejarem ver interpretados os seus sonhos, encontrarão neste canto de página, tôda a boa-vontade. Para maior fidelidade na reprodução, é conveniente que o sonho seja escrito logo ao despertar, quando tôdas as suas minúcias ainda estão na memória. Como dissemos, não há detalhes insignificantes. Às vêzes, um paraíuso pequenino é essencial ao funcionamento de máquinas gigantescas... Tôda a correspondência deve ser dirigida a **MARIA PAULA**, nesta redação, com a indicação: — Conta-me teu sonho...

● YARA (Rio)

SONHO: — Você sonhou que tinha de cortar a mão direita para dá-la em alimento a alguém. Embora hesitasse diante do sacrifício, acabou cedendo à necessidade de servir a essa pessoa. Mas, ao decepá-la, viu que sua mão havia regredido no tempo até à forma que tinha em sua infância: pequena, lisa, uma covinha em cada dedo. Para procurar um recipiente, em que pudesse preparar o alimento, você se dirigiu ao quintal e se pôs a remexer com a mão esquerda, num monte de coisas imprestáveis, encontrando, ali, algo em forma de disco, inteiramente coberto de terra. Ao lavar êsse objeto, mudando a água várias vêzes, à medida em que ela se tornava mais clara, verificou que era uma linda bandeja de prata, cuja borda era formada por uma grinalda de rosas esculpidas. No centro da bandeja restava um pouco de terra endurecida; retirando essa terra, viu que ela recobria um pedaço de cristal de forma quadrangular.

INTERPRETAÇÃO: — Vê-se, claramente, que você passou um rude golpe moral que a fêz sentir-se sem apoio e desamparada (decepar a mão direita). Reconheceu, entretanto, que êsse golpe podia ter um fim altruista, e aceitou-o, embora com relutância e sofrimento. Associando-o aos seus sonhos de menina e moça, você vê ainda seus dedinhos (ilusões) como êles foram: lisos e rechonchudos. Tenta cumprir sua missão (procura do recipiente), revolve tudo o que foi possível e vê seus sonhos se desmoronarem, reduzindo-se a velhas coisas sem encanto. Mas, embora desfeitas suas ilusões, encontra fôrças para bastar-se a si mesma (procura com a mão esquerda) e afastando todos os pensamentos sombrios, (lavagem do disco) consegue transformar a vida, que se afigurava triste e sêca como um pedaço de terra, num grande motivo — alguém a quem dedica todo o seu afeto, talvez de mãe (a bandeja de prata esculpida) e transforma o sacrifício da perda do que julgava ser sua própria mão direita, na única razão de ser da sua vida — um filho, quem sabe? (cristal entre a terra). Você deve ser uma dessas heroínas capazes de enfrentarem a vida tal qual se apresenta, sem mêdo e sem desfalecimento. Minha admiração sincera, Yara.

● VOVÓ (Rio)

SONHO: — Você sonhou que viajava de barco e que, inesperadamente, encontrou uma amiga, que você define como uma alma abnegada que vive para os outros. Perguntando-lhe o que estava fazendo, ela respondeu: — Estou pescando. — Quanto a você, ia a Niterói assistir a um júri de grande sensação, cuja personagem central era uma jovem.

INTERPRETAÇÃO: — Seus pensamentos vivem em peregrinação por regiões longínquas, preocupados com um ser querido que se encontra longe e que, por transferência, assume a figura de sua amiga. Tratando-se, como você diz, de uma pessoa sempre ocupada com problemas alheios, a pesca também é simbólica: procura de felicidade para os outros, apostolado espiritual, etc. Você deve ser uma apaixonada dos problemas sociais, sempre interessada nas causas em que a mulher, vítima das contingências humanas e sociais se transforma em personagem de crimes e de tragédias.

● LULU (Rio)

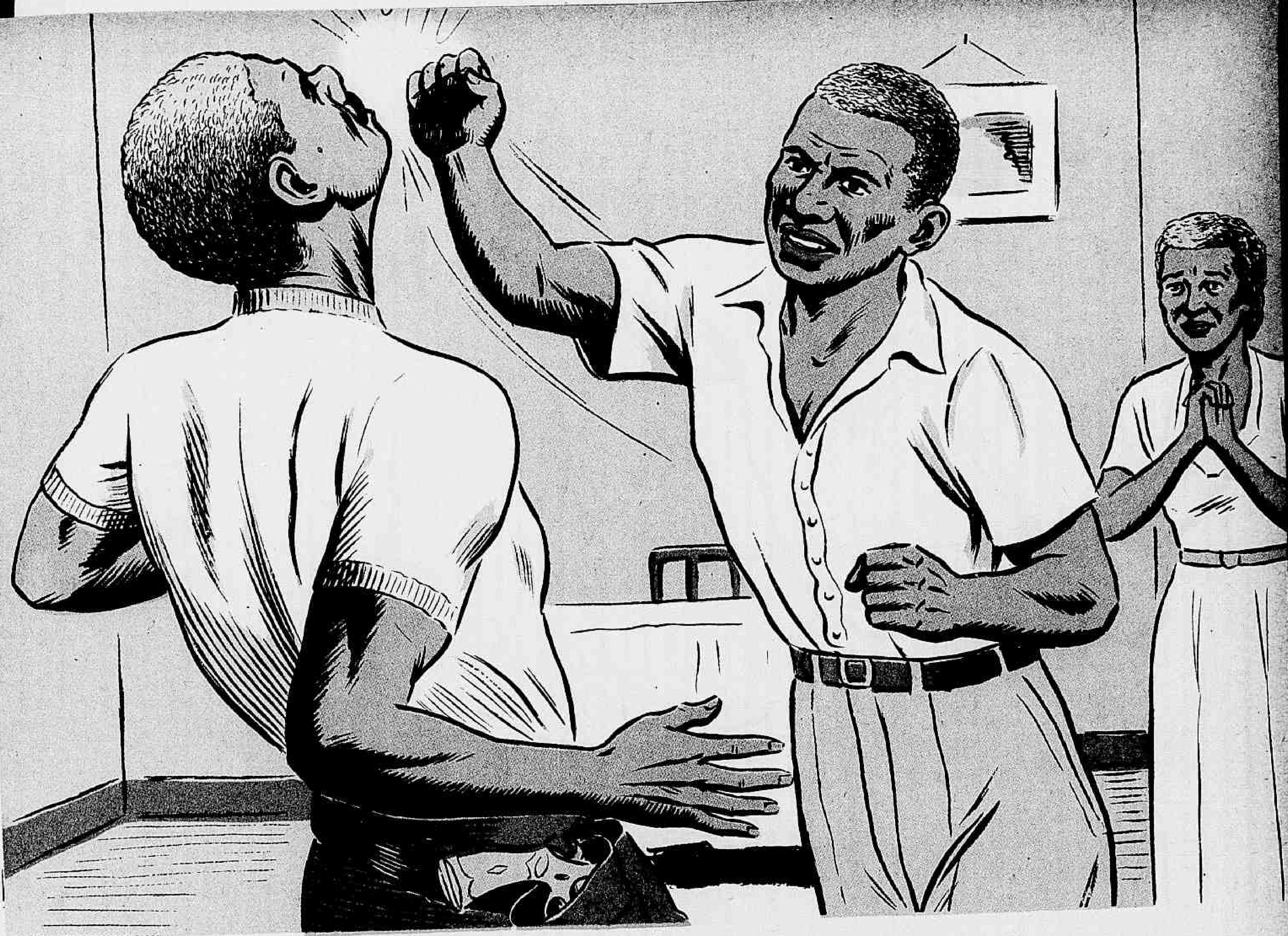
SONHO: — Você sonhou que transportava no colo, com muito carinho, vários cadáveres de homens, que deviam ser colocados em duas eças já armadas: uma dentro de uma sala, outra na rua, em frente de casa. Como os cadáveres ainda estavam quentes, sua mãe sugeriu que você os borrifasse com uma solução de álcool e cânfora.

INTERPRETAÇÃO: — Sua vida sentimental deve ter sido muito agitada. Você transporta inúmeros cadáveres que, por um esfôrço sôbre-humano de sua própria vontade, estão enterrados no íntimo de sua alma. Êsses espectros tentam transpor a barreira de sua vontade e, em forma de algum amor que se insinua no momento, trazer à sua memória os amôres adormecidos (cadáveres de homens), que você porfia em afastar de sua mente e expulsar do coração (borrifar com cânfora). Tem-se a impressão de que sua vida passa, ou passou por uma grande transformação, e que você polariza a satisfação dos seus próprios prazeres, oferecendo-se à causa do bem comum. (o carinho com que transportava os cadáveres no colo).

● IOLANDA (Rio)

SONHO: — Apavorada, você recebia seu guia espiritual, que lhe recomendava muito cuidado com suas amizades.

INTERPRETAÇÃO: — Vê-se, no seu sonho, que você frequenta sessões da doutrina de Kardec, e que desconhece os mais elementares segredos das leis da vida. Seu mêdo, em parte, é razoável, porque, estando você à mercê da vontade de outrem, tem que receber ordens em vez de dá-las, ou, quando venham de encontro a seus princípios, repeli-las. Você não tem segurança em seus atos e convicções, daí não depositar confiança nas amizades e temê-las. Creia, Iolanda, o mundo é um grande espelho; reflete-nos como somos e responde às nossas perguntas, exatamente de acôrdo com nossos pensamentos. Procure dominar-se e adquirir contrôle sôbre seus impulsos negativistas. Estude um pouco mais para poder conhecer-se a si mesma. Só depois poderá tentar realizar fenômenos espiritistas.



O CASTIGO

O "corre-corre" estava terminado. Nhá Belmira, depois de dar as últimas instruções, ia retirar-se.

— Mecê qué que vá levá mecê?

— Chi! — capais, nhô Maneco?! Tô tão custumada com êsses mundão de meu Deus!... E' sòzica prá cá... sòzica prá lá...

E despediu-se. Deixara tudo bem. A coisa fôra normal e o resto que ficasse por conta dos da casa. A velha "cegonha" não tivera tanto trabalho. O contentamente era geral. Viera o tão esperado "fio homi" — como diziam. Manoel Balduíno (Manacão, assim mais conhecido), ficou radiante! Afinal, ali estava, depois de cinco filhas, o seu sonho: ter um homenzinho. Sonho várias vêzes perdido, e, desta vez, concretizado. Qualquer coisa o incomodava. Resolvido, disse à mulher:

— Vô descarregá a garrutcha. Podi?

— Ué?!... Pur que não?

Saindo, um tanto distante da casa para o estampido não perturbar a companheira, Manecão apontou a garrucha para o ar. Não atirou. Susteve-se. Depois, resoluto: "E' cum vancê, siá impalamada!". E o tiro ecoou majestoso e terrível pela noite. Manecão estourara os miolos... da pobre lua!... Isso mesmo! E foi assim: ao erguer a arma, no primeiro ímpeto, atiraria a êsmo, apenas para cima. Recebendo em cheio os raios do luar sôbre o rosto, tivera uma idéia: o ato deveria ser mais importante. Primeiro filho... talvez o único. Deveria crescer homem! E ali não estava aquela cara de lambisgóia, a lua, que transformava até o seu mais valente cachorro em grandissíssimo palerma? A uivar triste, choramingas como um sarnento qualquer? Eis o motivo da carga de chumbo contra o nosso pálido satélite. Mas... aprofundemos mais. Descobriremos motivo bem maior para o caboclo ter feito essa bravata. Manecão, e o próprio apelido nos dá a entender, era o mais alto entre todos os homens daquelas plagas. Quanto cresceu, no entanto, parece ter perdido em energia. Bonachão, nada de brigas, até dado a medroso, julgava-se um grande infeliz. Curtia, porém, no maior segrêdo, tudo fazendo para esconder aquela desdita: a de julgar-se fracalhão, ou mesmo covarde. Não notava que sempre há compensações. Se havia pessoas dignas, e, por êsse motivo, respeitadas, ali naqueles cafundós, Manoel Balduíno estava na vanguarda. Para algum conselho, deslindar encrencas, enfim, onde houvesse necessidade de um "cheirinho" de ordem e respeito, lá estava o Manecão, meio desajeitado, mas, ótimo juiz. Nas festas, léguas e léguas eram percorridas pelos emissários dos festeiros: "Seu Manecão taí? Será que êle num podi puchá o têrço que vamo fazê lá na Barra-Sêca?". E, no dia combinado, o vozeirão do Balduíno se elevava firme, entrecortado pelos rojões de vara. Festas de épcca, ou, então, nas promessas ou súplicas, Manecão era indispensável. Oh! — o poder da fé!... Fé simples, fé cabocla dos nossos sertões virgens! E... muito nossa!... Que fariam os nossos sertanejos sem a grande arma dos que nada recebem da "civilização"? Dêsse monstro que tanto lhes pede e quase nada lhes devolve em paga? "Gafanhoto, minha gente!". Eis um grito de alarma. Quem já viu uma nuvem dessa praga cair sôbre a pequena lavoura, julgada, portanto, completamente perdida? E ser impelida a levantar vôo sem fazer o mínimo estrago? E os coruquerês a fugir de coisas invisíveis, como o diabo corre da cruz? O mais estranho é que êles fogem amontoados e pelo canto em que não foi feita a oração, justamente deixado para a fuga dos bichinhos. Nas longas estiadas... Quem não viu os romeiros apanhados pela chuva de que tanto careciam, quando aquela peregrinação era a súplica concreta, aos céus, pedindo água para mitigar a sêde das plantinhas murchas e crestadas? O pequerrucho engatinhava no chão de terra socada, entre cuidados e carinhos de todos, inclusive dos cachorros, que lhe davam lambidelas no rostinho sujo, deixando listras claras e viscosas.

E o tempo voou: Um ano, cinco, dez... Longe ficou o dia da azáfama na casa de "Nhá Marica do Manecão", dia do nascimento do Manequinho, que, de fato, ficou o "maninguera": caçula da família.

Nhá Marica não andava contente. Havia alguma coisa errada, e muito errada, influenciando para desviar o garôto do bom caminho. Que diferença do pai! E o culpado? O próprio Manecão. Bem a pobre mulher vinha tentando remediar a situação. Mais, ainda: Tudo fizera, e muito antes, quando lhe nascera o filhinho, para que êle fôsse o retrato moral do pai.

Não pedira à filha mais velha que levasse, com muito cuidado, a água do primeiro banhinho ao ribeirão? E que não a jogasse: despejasse devagar, bem devagar. Mansidão e bondade resultariam dessa crendice de tôda gente. Dias depois, não pedira ao marido para enterrar o "imbiguinho" do neném? Sob o pé de manacá: teria o moleque a beleza de uma flor. E, por mais incrível que pareça, quase tudo dera ao contrário. Beleza... nenhuma, ou sòmente descoberta pelos da casa. Bondade... nem assim. Apenas saúde era o que sobrava ao menino. Quem sabe

(Cont. na pág. 53)

Conto de AFONSO CELSO DE OLIVEIRA

Ilustração de RENATO SOUZA

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

"TU choras, menina? Não chores. Olha-me, pois quero ver o sol em teus olhos. E és bem aquela a quem ando procurando, grande Deus! És tu aquela a quem busco, a jovem que tem um rosto tão belo e meigo!"

De olhos muito abertos eu fixava o seu rosto pálido e os seus olhos tristes. Êle estava vestido de veludo, como os reis.

Era o príncipe com quem eu sonhora! Era o príncipe encantado que me beijara ali mesmo, quando eu adormecera à sombra daquelas árvores. Eu lhe ouvira a voz há mais de dez anos, e entre mil e outras que eu ouvira, reconheceria a dêle, aquela voz que me transtornara o coração jovem.

Eu fiquei perplexa e possuída de um elan mais forte do que a minha selvageria, que minha timidez, que a imensa surprêsa que se apossara de mim; mas fiquei muda, sem articular uma palavra, com vontade de ir para êle, com ímpetos de fugir dêle... Êle sorria sem fazer um gesto e foi nesse instante que eu compreendi a razão de minhas esperanças e de meus sonhos, dessa espera dolorosa, encantada, que havia preenchido tôda a minha infância. E balbuciei:

— Senhor! Mas não é possível!... Eu não tive tempo de ver a vossa face naquela noite! Eu nem ousei fazê-lo! Sabeis, senhor, neste dia de primavera.

pálido, febril, para quem uma senhora pedira a mim e aos outros um cobertor para agasalhar aquêle jovem enfêrmo. Tive vontade de fugir dali, cheia de vergonha... Mas o desconhecido me tomou as mãos entre as suas longas e alvas mãos, e a bondade de seu sorriso meigo me acalmou a excitação nervosa. Suas mãos eram tão macias que não pareciam mãos de homem. Eu devia ter naquele instante um ar de estúpida, pois êle passou a mirar-me desde a cabeça aos meus tamancos, e disse:

— Eu achei um tesouro nestes bosques.

— Um tesouro? E foi nessa caixinha que o senhor o guardou?

Êle olha a caixinha que trazia consigo e diz:

— Não. O tesouro está lá dentro, na floresta. E' um pássaro que canta. Eu o farei cantar para você.

Então eu falei com voz mais calma e suspirei quase contente:

— O senhor veio então...

E molhei meus lábios ressequidos, e senti em mim uma grande alegria, imensa emoção de felicidade como a que eu sentia às vêzes que sonhava acordada:

— O senhor veio então... — prossegui anelante. — Eu não sei quem sois, mas eu sabia que ainda nos encontraríamos. Eu bem me lembro ainda daquela luxuosa carruagem que passou por mim naquela noite, e, antes de ela afastar-se, eu pude ver ainda, à luz da lua, os vossos cabelos louros e brilhantes como os de um anjo...

Êle colocou seus braços em volta de minhas espáduas, como se já me conhecesse há muito tempo, e não me recordo mais das palavras que êle me disse, tal o estado de felicidade, de êxtase em que me vi naquele instante de grande transporte amoroso. De súbito, êle se deteve. Lá em cima, num céu magnífico, nuvens corriam em direção ao sol, que estava como um rei. Vi então o meu príncipe se inclinar e seus cabelos cobrirem seu rosto.

— Como vês, eu sou o filho do Sol. Um dia terei sua glória.

Eu pensava que os príncipes e os estrangeiros tinham o costume de falar assim uma linguagem obscura, misteriosa e brilhante, e que minha simplicidade não poderia aprender bem. Eu acreditei no que disse, pois que eu o amava. Além disso, a idéia de interrogá-lo me pareceu um sacrilégio. Eu me sentia esmagada, diminuída diante do filho do Sol, humilde como uma erva sem nome ao lado de uma flor.

E por que me espantar? O maravilhoso, com êle, penetrava em meu ser tão simplesmente como a primavera toma conta da terra para a festa da vida. Eu sempre pensei que nos encontraríamos assim, impulsionados um para o outro por alguma mágica do destino. E daquele momento em diante, eu senti que o amava como a um Deus.

Êle ainda me fitou, por algum tempo, como se quisesse fixar em sua retina tôda a alegria que se estampava em meu rosto, e, em seguida eu o vi afastar-se para os lados das colinas côr-de-rosa, onde eu julgava que estivesse seu palácio.

Então eu me vi sùbitamente, completamente só e abandonada, como se o meu velho sítio, com sua velha casa de muros e paredes esverdeadas pelo tempo, houvesse sido destruído, desaparecendo da terra.

Seria um sonho desperta, ou a realidade da vida? Então os prín-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Bertille, orfã de pai e mãe, era criada por uma tia velha, proprietária de uma fazendola do sul da França. Com elas vivia também outro filho de criação, Malique, que ajudava nos trabalhos rurais. Bertille cresceu meio selvagem, a sonhar com príncipes encantados, conforme histórias que a tia lhe contava antes de dormir. Entre ela e Malique floresceu um amor, misto de fraternidade e sensualismo. Um dia morre a tia e o padre da aldeia vizinha aconselha Malique para que desposasse Bertille. Êle recusa. Bertille, numa certa ocasião oferece seu fichu para proteger um moço enfêrmo. Era noite; mas, sob o clarão da luz, ela vê o seu rosto ao fundo da bela carruagem. Um dia, nos arredores da propriedade, ela se encontra com o jovem, a quem Bertille toma como o seu príncipe encantado, segundo um sonho que tivera ao adormecer naquela mesma clareira da floresta.

Ramón
Rio

cipes encantados, saídos de uma floresta, cantando como pássaros e possuindo tesouros misteriosos, eram verdadeiros e existiam mesmo?

Mas, por que não me beijou como daquela outra vez? E quem era aquêle moço vestido de rei e filho do Sol? Meu espírito estava conturbado, mas eu sentia no mais profundo de meu coração, uma alegria incontida, uma louca vontade de cantar e de dançar!

Daquele dia em diante eu comecei a conhecer tôda a beleza de meu sonho e o nome daquele a quem amava em silêncio. Eu amava! Não poderei jamais explicar essa embriaguez da alma. Sei apenas, que, na minha já longa vida, nunca pude experimentar um amor assim duas vêzes.

Êle me contou sua aventura, enquanto ambos nos sentáramos em um recanto tranqüilo da floresta. Eu me esquecia dos carneiros que pastavam sob minha guarda. Disse-me que viera para a França, quando ainda era muito jovem, e que percorrera todos os países da Europa, sòzinho, procurando por tôda parte um lar, uma carícia, sem encontrar nada que correspondesse ao seu sonho. Até que, enfim, naquele sítio calmo, êle descobriu o paraíso cheio de sol, de sombra e de paz.

Por vêzes, suas frases me pareciam estranhas, confusas; mas eu nada mais fazia senão ruborizar-me por minha simplicidade e ignorância. Às vêzes, em meio a uma exposição de sua vida, êle estacava, largava meu braço para fixar a vista em qualquer coisa indefinida, olhar vago para a paisagem, sôbre uma réstia de sol, um galho de árvore, com um olhar que parecia misterioso, enigmático.

E êle exclamava, como que em êxtase:

— Ah! Tenho tôda a paisagem em meus olhos! Ela atravessa o meu ser, penetra-me o coração para melhor fixar-se em minh'alma. Ah! Esta solidão, esta luz, êste perfume da mata! — E olhando para mim: — Por que não se entusiasma você? Por que não grita ao admirar estas coisas? Pois eu me sinto como que em transportes de euforia, quero bebê-las, sorvê-las com efusão para que elas tôdas se identifiquem em meu ser. Eu tinho ânsias de morder, ou de chorar!

Singular frenesi! Eu abria meus olhos diante do campo e olhava o céu que me parecia, igualmente, tranqüilo e claro. Eu também amava aquilo tudo desde muito tempo, mas sem pensar em tantas coisas, achando do mesmo muito natural que tudo fôsse criado, tudo tão belo, e já eu não mais chorasse, como dantes, ao pôr do sol...

Eu mirava os seus olhos e via fugir-lhes, por vêzes, a chama que brilhava nêles. Êle olhava ao longe, abstraìdamente, sem fixar-se em nada, tão pensativo e tão doce naquela contemplação angelical que me parecia estar pronunciando uma prece.

Em seguida continuava:

— Sinto-me mal ao olhar tudo isto assim, como um animal que tem fome, mas que não pode devorar, saciando-se. Sonho com uma falicidade calma, na qual minha agitação interior se aplacasse... Um sonho tranqüilo, coração tranqüilo... Mas tudo isso meu? Para mim? Ah! ah!... — Ria êle de forma estranha, cuja causa eu ignorava, enquanto eu, por minha vez também ria, mas de maneira pálida, um riso pobre de expressão, sem alegria, ser vivacidade, e que, comparado ao seu, mais parecia um soluço.

Onde nós estávamos havia um pequenino lago sob as árvores, à nossa direita. Suas águas eram sempre límpidas e profundas, nutridas por fontes puras e cristalinas.

Por entre as frestas dos ramos os raios do sol se filtravam e desciam retos sôbre a superfície tranqüila do lago, como flechas brilhantes.

Teias de aranha, tecidas naquele sítio encantador e bucólico, iluminadas de sol, davam graça ao ambiente e brilhavam como fios de prata.

Nós nos debruçamos sôbre o espelho das águas e procuramos ler o nosso destino, justamente quando sua cabeça se aproximou da minha sem que eu o percebesse, e senti o calor de seu rosto junto ao meu, enquanto os nossos cabelos negros e louros se misturavam.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR   Ilustração de RAMON



Dúvida

TINHA trinta e seis anos e era tripulante de um navio mercante, achando-se nos últimos meses prêso de uma tal tortura mental que às vêzes pensava estar ficando louco. Ali naquele bar da beira do cais, desesperava-se na espera da ligação telefônica **para ela**, que tardava inexplicàvelmente. Não estaria em casa? Enquanto se angustiava, ia rememorando como irrompera a suspeita.

Como agora, êle lhe havia telefonado inesperadamente ao chegar de uma viagem. Mas em vez de ser de tarde era noite alta e ela atendera imediatamente, ouvindo-se como fundo ao tom excitado de sua voz o som em surdina do rádio transmitindo música. Era esquisito que estivesse acordada àquela hora e ouvindo rádio. E de repente lhe dissera, quando o som do rádio crescera sùbitamente para logo cessar:

— Ora, querido, quis fechar o rádio e aumentei o volume em lugar de desligar.

Como? Pois o rádio não ficava na pequena saleta da entrada, longe do telefone? Quem teria mexido no aparelho?

Haviam continuado a conversa, mas êle, de tão perturbado, não conseguira compreender direito mais nada do que ela dizia.

Quando afinal entrara em casa depois daquilo, verificara que a arrumação dos móveis havia sido modificada e o telefone se achava colocado em cima do rádio. E', as mulheres vivem inventando como mudar as coisas, pensara consigo mesmo.

Mas... e os cinzeiros?

Isso, seria melhor aguardar e observar. É sobretudo não pô-la de sobreaviso, contando o que o comandante do navio lhe dissera a respeito dos cinzeiros darem muitas informações quanto a visitas suspeitas.

A verdade, é que muitos dos cigarros que enchiam os cinzeiros não estavam com a ponta manchada de baton. Mas afinal, será que as mulheres passam o dia todo de baton em casa, mesmo sòzinhas? Quando se deitam, e quando se levantam?

E o fato dela andar escasseando a correspondência? Seria simplesmente uma natural negligência feminina

Ora, mas êle conhecia a formação de Corina. Se ela não gostasse mais dêle, certamente seria franca. Não faria como outras que conhecera solteiro, e que enganavam os maridos com êle...

Entretanto, aquela história dos cinzeiros com uns cigarros com ponta manchada de baton, e outros não, era um tanto espicaçante.

Bem, sabia o que iria fazer. Desistiria do telefonema e iria surpreendê-la em casa. Só chegaria lá à noite, mas tanto melhor.

No caminho, o tempo se arrastava como um suplício. Muitos olhares o fitavam com suspeita ou ironia. Se não estava louco, devia pelo menos estar com um ar um tanto esquisito.

Tôdas as janelas do prédio de apartamentos não tinham luz àquela hora, uma depois da meia-noite. Sentindo falta de ar, saiu do elevador e tratou de meter sem ruído a chave na porta do seu apartamento. A mão tremia, era difícil acertar. Sentia nos ouvidos um zumbido como o que se ouve nos caramujos do mar.

Acendeu bruscamente a luz no quarto de dormir. Corina abriu os olhos e deu um grito de susto:

— Oh!

Mas logo se sentou na cama.

— Querido! — exclamou. — Você me assustou, estava longe de pensar que pudesse chegar. Onde está o navio? Que aconteceu?

Logo êle se afogou no aconchego de seus braços e de seu pescoço.

Era manhã, com o brando sol se insinuando pelas venezianas descidas. Êle sabia que ela estava dormindo, mesmo sem se virar para olhá-la. Sempre sabia se ela estava dormindo ou acordada. Refletiu que se o metessem de improviso num quarto escuro e ela lá estivesse, êle teria a sensação de sua presença.

Agora olhava-a. Dormia serenamente, como uma criança, com uma das mãos sob o rosto e os cabelos louros desfeitos sôbre o travesseiro. Era linda demais para ser real, e uma dor súbita no estômago fê-lo sentir todo o perigo que isso significava.

Mas o pesadelo da dúvida havia passado, julgou. Tinha andado louco. Era engraçado como um fato qualquer, um fato bôbo como o dos cigarros com baton e sem baton dos cinzeiros... Ora, uma tolice...

Claro, era uma tolice. **Então uma mulher não anda nunca sem baton em casa? Quando se deita? Quando se levanta?**

Conto de CHARLES WILLIAMS



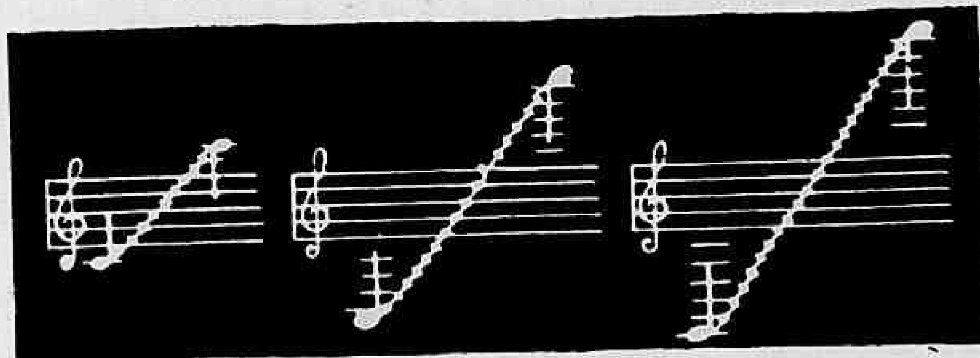
Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

Canta sem microfone para 100.000 pessoas. A voz que nenhum instrumento pode acompanhar. Descendente de Atahualpa Imperador inca. Um milhão de álbuns de discos vendidos.



A fenomenal YMA SUMAC

YMA Sumac é a nova revelação que surpreendeu o mundo com a maravilha de sua voz, que nenhum instrumento moderno pode acompanhar. A "voz prodigiosa", como a definiram, deve o seu extraordinário sucesso à possibilidade de vocalização. Considerada meio-soprano e soprano, é capaz de um registro de quase cinco oitavas, precisamente quatro oitavas e cinco notas. Tem modulação própria, passando com extrema perfeição, das notas baixas às mais agudas até às variações de flauta. Em outras palavras, seu canto supera tôdas as possibilidades de acompanhamento pelos instrumentos normais, e sòmente uma espécie de flauta peruana, a "quena", usada pelos incas, pode acompanhá-la.



À esquerda, o pentagrama indica as duas oitavas de um soprano normal. O segundo já é excepcional — quatro oitavas — da cantora alemã Erna Sach. Mas o último nos mostra de que é capaz a fenomenal YMA SUMAC: quatro oitavas e cinco notas de registro!

A originalidade dos cantos de Yma deu-lhe a fama que hoje desfruta. Numa cerimônia religiosa dos Incas Quechuan, na vila de Ichocan, a descendente da famosa dinastia de Atahualpa surpreendeu a tribo com as modulações argentinas de hinos religiosos. O fato causou espanto, pois Yma contava seis anos de idade. Levada à presença do feiticeiro, por pouco não teve a sua garganta aberta. Desde então, esconjurada dos espíritos malignos, foi consagrada "oficiante eleita" das cerimônias de Huayna Capac, o deus sol.

Sua fama transpôs as montanhas de Ichocan, em 24 de junho de 1941 era coroada rainha do canto inca num imenso anfiteatro natural,, perto de Lima, onde os indígenas costumam festejar o seu padroeiro, São João. Um funcionário do govêrno que assistia à cerimônia ficou entusiasmado com a voz da garôta e convidou a família Atahualpa a que se mudasse para Lima, episódio que por pouco ia causando uma verdadeira revolta de quase trinta mil índios que julgavam sacrilégio Yma cantar para os brancos.

Aos quatorze anos, Yma Sumac já tinha conquistado o Peru, o México e a América Central, com a graça pessoal e beleza de sua voz, que ficou célebre o episódio de um capitalista argentino que lhe fizera lisonjeira promessa convidando-a no seu avião particular, que trazia de lado o nome de Yma. Seu nome transpusera as fronteiras do Peru. Por isso, Camacho, presidente do México, convidara-a pessoalmente a cantar no Palácio das Belas-Artes da capital azteca.

A extraordinária cantora peruana chega a cantar a plena voz sem necessidade de microfone para um auditório de cem mil pessoas. Um violoncelista americano que a acompanhou, mais tarde declarou: "Não sei como consegui acompanhá-la". E conclui: "Parece que esconde um instrumento na garganta e três rouxinóis nas mangas". O compositor espanhol Manuel de Falla, pouco antes de morrer se propunha compor para ela, consagrava-lhe grande afeição e sempre lhe aconselhava que conservasse as suas possibilidades naturais de vocalização e evitasse os artifícios profissionais.

Yma deve em parte a sua fama ao fato de que encontrou o seu natural compositor no seu marido Moisés Vivanco, também êle filho de índio, sendo sua mãe inca e o pai espanhol, e perfeito conhecedor da música local. Naquela época dirigia em Lima uma companhia de quarenta e seis bailarinas; e quando a ouviu pela primeira vez lôgo decidiu que ela seria não só a vedeta de sua companhia, bem como a sua espôsa, prêso como ficara pela



Sua arte, os aplausos frenéticos da multidão, valem muito para Yma. Mas Papuchka, seu filhinho, vale para ela o mundo todo. Antes do espetáculo, ela beija o garotinho. Moisés Vivanco, seu marido e acompanhador, pousa-lhe a mão no ombro, como a avisá-la que está na hora.



O marido de Yma é Moisés Vivanco, descendente de índio também. Êle compõe quase tôdas as canções que ela canta. Tem trinta e um anos e Yma vinte e quatro. Estão casados há dez anos.

emoção do canto e beleza daquela mulher. A coisa só foi possível depois que um seu amigo lhe comunicara que a jovem cantora estava apaixonada por êle, por causa das notas febris de sua guitarra. E Moisés é um fenômeno na sua especialidade musical. Toca vários instrumentos e compõe músicas sôbre temas incas que são as árias e canções que Yma já tornou célebres.

O jovem par, depois de haver conquistado a América Central, e a Europa, pensou enfrentar o público da América do Norte, crendo que o sucesso seria fácil; no entanto, depois de dezoito meses de tentativas, em 1947, estavam reduzidos à quase miséria. Decidiram, então, abandonar a arte para se dedicarem ao comércio de peixe peruano. Foi sòmente no fim de 1950 que o vice-presidente de uma casa editôra de discos teve a idéia de gravar as canções características de Yma. O sucesso foi sensacional: mais de um milhão de exemplares do álbum dos discos indígenas foram vendidos ràpidamente e o segundo álbum já está à venda. Hoje Yma recusa num mês mais contratos que Bing Crosby em um ano. O público americano ficou completamente entusiasmado. Apesar da América do Norte ter-lhe dado êxito mundial e Yma ter-se naturalizado estadunidense, continua inca até à medula; e isto é um aspecto interessante da mulher que canta quase que por uma missão religiosa e não para o público nem pelos seus aplausos. Mesmo quando irrompe o entusiasmo na assistência, Yma não se perturba, não concede um bis e termina o espetáculo com uma simples saudação. Em fevereiro passado Dom Rafael Larco Helera, vice-presidente do Peru, empreendeu quinze mil quilômetros de avião para poder ouvi-la e presenteou-lhe com um par de brincos antigos de ouro e retornou na mesma noite para Lima. Yma não sentiu nenhuma

perturbação diante desta honra sem precedente e apenas se limitou a um "obrigado".

Os sucessos obtidos nos Estados Unidos determinaram a carreira artística de Yma. Suas canções essencialmente indígenas granjearam um público constante e apaixonado. A vocalização extraordinária de sua voz arrebata e entusiasma os mais exigentes auditórios.

Ao lado de seu espôso a sua música parece que se completa. O guitarrista de fama mundial, modula o seu instrumento no mesmo timbre melodioso de Yma Sumac. Os dois alcançaram juntos a fama e as glórias de grande sucesso.

Nos palcos do Velho-Mundo, acostumados a aplaudir a performance dos melhores nomes da música moderna, os representantes de uma outra música nascida na longínqua cordilheira dos Andes, terão a oportunidade de novos êxitos. A imparcialidade de Yma diante dos aplausos parece que lhe dá mais segurança para futuros empreendimentos. Jamais a cantora peruana deixou-se levar pela susceptibilidade das palmas. Representa com alma e consegue sempre ser entendida.

Em tôda sua vida a voz potente e fenomenal das três Américas viu-se investida de tão delicada responsabilidade. Apesar de seu triunfo nos Estados Unidos, resta saber se, de fato, conseguirá impressionar os meios europeus.

Há um complexo em tôrno de tudo isto. Talvez pela primeira vez uma cantora de renome internacional vai expor-se à crítica daquilo que lhe pertence por direito de exclusividade. E' que tôda chance está em convencer os sisudos europeus à admiração dos motivos musicais vindos da música primitiva dos incas.

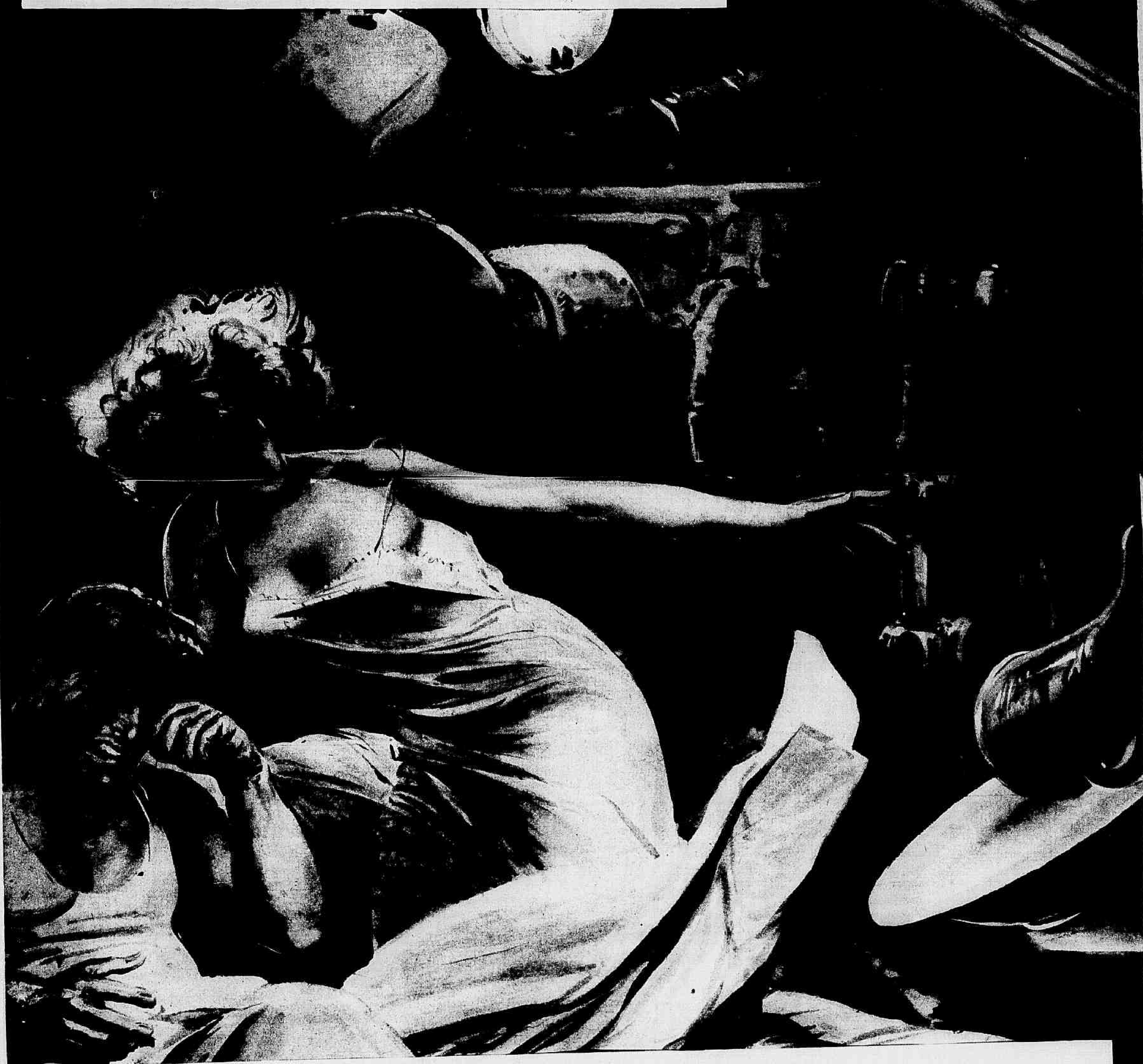
E' o que Yma Sumac terá que fazer vencendo a natural antipatia que possa despertar a sua presença nos mais velhos e tradicionais palcos da França e da Itália.

Esta é a extraordinária cantora que se encontra em Paris disposta a enfrentar e conquistar os aplausos da velha Europa. Sua preocupação, por ora, consiste em beijar seu filho Papuchka e abrir tôdas as manhãs a janela para saudar com um canto o sol que nasce. A "voz do milagre", como denominaram os americanos, realizará uma **tournée** nos mais célebres palcos da Europa. Na companhia de seu marido, Yma cantará também para o público italiano, contratada por uma grande emprêsa de Milão. "Depois dos incas só os italianos sabem compreender estas canções até mesmo se cantadas com palavras de meu país". Teria dito a bela Yma, antes de enfrentar a crítica severa da pátria de Verdi.



Yma Sumac estreou na Ópera de Paris em fins de junho último. Depois passou-se para o "Lido,", onde interpreta, entre outras coisas, "O canto dos pássaros", imitando de maneira maravilhosa o canto dos pássaros de nossas florestas tropicais.

A LOCOMOTIVA NO QUARTO DO CASAL



HÁ sonhos doces e maravilhosos que, quando despertamos, nos dão infinita pena. Há outros emocionantes e pavorosos, os pesadelos, que os médicos sempre atribuem ao antipático simpático, centro nervoso que parece inspirado pela imaginação dos contos de Hoffman ou de Edgard Allan Põe. E há sonhos premonitórios, que como que antecipam acontecimentos prestes a ocorrer e que o subconsciente no sono nos transmite, de maneira disfarçada. Alguém que está para cair da cama sonha que se despenca de um desfiladeiro ou de um arranha-céu e ainda se sente feliz com os dois palmos da queda em vez dos 100 ou 200 metros de que vinha-se precipitando.

Com que sonhariam Walter Doring e sua mulher, no momento em que precedeu à incrível cena da entrada sensacional, no seu próprio quarto de dormir, de uma locomotiva enorme, resfolegante e barulhenta? Êle talvez estivesse numa usina gigantesca, aos pés de algum pilão ciclópico, a martelar por entre ruídos e crepitações infernais. Ela, como mulher, embalada em criança pelas histórias em que, ao lado de fadas e gênios protetores, há também animais lendários e horríveis com línguas de fogo, sonharia com um dragão daqueles, descobrindo o seu cantinho escondido e irrompendo ali ameaçadoramente.

O fato é que, sobressaltados, haviam acordado, às 2 e meia da manhã, no momento exato em que o espantoso caso se deu em Stuttgart-Uhingen, na Alemanha, onde Walter é um guarda-barreira, morando por isso à beira da estrada de ferro. Súbito, como que um luar vermelho entrou pelas vidraças e um ruído de fim do mundo abalou a casa tôda.

O que se passou não me foi dado compreender logo no primeiro momento — disse êle. Seria uma bomba? Uma explosão e um incêndio? Um buraco enorme e negro abria-se à minha frente e me enchera de pavor. Pulei para o lado. Era uma locomotiva em nosso quarto.

Um trem de carga saíra dos trilhos, em frente à nossa casa, entrara pelo muro de tijolos, pondo-o abaixo. Assim, os nossos sonhos pavorosos antecipavam o que acabara de acontecer. No primeiro instante não sabíamos bem se ainda era o sonho ou a realidade. Nossos pesadelos se confundiam com o acontecimento fantástico e numa fração de segundo pulamos da cama e ficamos em pé ao lado do leito, como que estupidificados.

— Greta!, o trem, gritei para minha mulher, quando o monstro de ferro, parou a poucos centímetros da nossa cama de casal, num ruído dos demônios. Saímos pela noite a dentro assim como estávamos, em vestes de dormir.

"CHAPADA DO CORISCO"

VIROU TERESINA!

FÊZ 100 ANOS A CIDADE QUE O CONSELHEIRO SARAIVA CRIOU ★ FESTAS COMEMORATIVAS ★ A HISTÓRIA DA TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL DO PIAUÍ ★ DE OEIRAS, NO SERTÃO, PARA TERESINA, À MARGEM DO PARNAÍBA

De J. ROMÃO DA SILVA



"O QUE O CONSELHEIRO SARAIVA FÊZ FOI COISA ERRADA" — E' o que diz D. Maricota Campos, de 96 anos, bairrista irredutível. Nasceu na antiga capital. Chegou menina em Teresina. Tem netos e bisnetos. Mas não entrega os pontos. E' oerista e, segundo diz, será até morrer.

PRIMITIVAMENTE a capital do Piauí teve sede na longínqua cidade central de Oeiras. Em 1852, por iniciativa do conselheiro José Antônio Saraiva, então presidente da província, foi transferida para as margens do Parnaíba. Aí, no local outrora conhecido por "Chapada do Corisco", se erigiu a urbe com a denominação de Teresina, em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina.

Cem anos são decorridos, portanto, que isso aconteceu. Por êsse motivo agôsto foi um mês de festa para os teresinenses. A cidade se engalanou, hospedou visitantes ilustres, e viveu dias de alvorôço, nos quais se refletiu o elevado sentimento de civismo da sua gente pacata e laboriosa.

★

A transferência da sede do govêrno piauiense, que se comemorou, juntamente, com o centenário da fundação da cidade, representou acontecimento de alta significação para os destinos do Piauí. Quem primeiro sugeriu a medida foi d. Fernando Antônio de Noronha, governador e capitão-mor das capitanias do Maranhão e Piauí, em 1792. Mais tarde lembrou-a, sem resultado, o governador João do Amorim Pereira. Em 1844 a assembléia provincial decretou a mudança da residência dos governadores, sendo a resolução revogada, no entanto, por outra do ano seguinte.

Quando Saraiva chegou à presidência da província, os habitantes das vilas de São João da Parnaíba, Campo Maior e Piracuruca lhe dirigiram um memorial, solicitando a remoção da capital ou para a primeira daquelas vilas ou para local próximo à confluência do rio Poti com o Parnaíba.

Acolhendo o pedido, o conselheiro empreendeu uma viagem às localidades ribeirinhas,



"OITO ANOS MAIS VELHA QUE A CENTENÁRIA TERESINA!" — Francisca Maria da Conceição nasceu em 1844. Viu a cidade nascer. Assistiu a procissão de transferência da santa padroeira. Lúcida de memória, forte como um jatobá. "O dia da chegada do Conselheiro Saraiva foi uma festança."



"NOSSA SENHORA DO AMPARO" — a santa padroeira da cidade. Talhada em madeira é obra de escultura, típica do século XVIII. Foi trazida de Portugal e até o ano de 1852 permaneceu na igreja de Vila Velha do Poti, sendo então transladada para a nova matriz de Teresina.

"O MONUMENTO AO CONSELHEIRO SARAIVA" — a capital do Estado do Piauí, na data histórica de seu centenário, não se esqueceu do estadista que, arrostando oposição e dificuldades, na época, fêz a mudança da capital, construindo uma cidade, cujo nome é homenagem a Teresa Cristina.

desaconselhando a escolha da antiga Vila do Poti, por estar sujeita às enchentes e ao impaludismo. Deixando de lado, por outras razões, as cogitações em tôrno da vila deltaica (Parnaiba), concitou os interessados a formarem uma nova vila em sítio que pessoalmente escolhera.

Assim se fêz. A vila foi construída. E com tal rapidez prosperou que, dentro em pouco, rivalizava com não poucas de igual categoria. Ainda com a presença de Saraiva, iniciou-se a construção de um templo, destinado a sede da matriz da futura capital.

★

Regressando à Oeiras, o presidente Saraiva submeteu à assembléia provincial o plano da transferência. E esta que, na legislatura anterior, se mantinha em disposição contrária ao empreendimento, aceitaria o alvitre do jovem estadista, decretando a mudança que se deu a 21 de julho.

Imediatamente o conselheiro providenciou a trasladação para a nova sede das repartições públicas e respectivos funcionários. Por recomendação expressa em portarias assinadas nos primeiros dias do referido mês, foram logo removidos os empregados da Secretaria, das Tesourarias, da Administração, e os meninos órfãos do Colégio de Educandos Artífices.

Faltando edifícios próprios para instalar os serviços públicos, tanto êstes como o pessoal à sua disposição foram acomodados em prédios particulares, cedidos pelos habitantes. Para palácio do govêrno foi construido um casarão com acomodações para grande família.

A 13 de agôsto Saraiva chega a Teresina, acompanhado dos auxiliares imediatos. E já em princípios de outubro funcionavam normalmente os principais órgãos administrativos.

Nos primeiros dias de novembro chegava fôrça de linha que divia guarnecer a capital. As praças, sob o comando do capitão Miguel Ferreira Cabral, foram alojadas, provisòriamente, em casas particulares, passando-se pouco depois para grandes barracões cobertos de palha, mandados construir onde hoje é o Campo de Mártir.

Em dezembro, estando pronta a capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Amparo, tiveram início aí os ofícios do culto religioso. A bênção do templo e a primeira missa foram celebradas no dia de Natal, pelo vigário da freguesia padre Manuel Antônio de Lima. Nesse mesmo dia, à tarde, efetuou-se a transladação da imagem padroeira da igreja da Vila Velha do Poti para o novo templo. A procissão se fêz com grande acompanhamento, marcando o primeiro acontecimento digno de nota na história da hoje centenária cidade de Teresina.

★

Os festejos comemorativos dêsse feito notável, que acabam de ser levados a efeito, corresponderam plenamente à significação histórica dos fatos remorados. A repercurssão que tiveram em todo o país, explica a expressividade e o brilhantismo de que se revestiram.

Prestigiando a cidade e as festividades, ali estiveram figuras da mais alta projeção nos círculos governamentais, políticos e culturais do país. Entre outros podemos mencionar o ministro Simões Filho, da Educação, professôres Pedro Calmon e Diolindo Couto, respectivamente reitor e vice-reitor da Universidade do Brasil, senadores Assis Chateaubriand,

(Cont. na pág. 53)

ESTE MUNDO E O OUTRO

COLEÇÃO DE FIGURINHAS

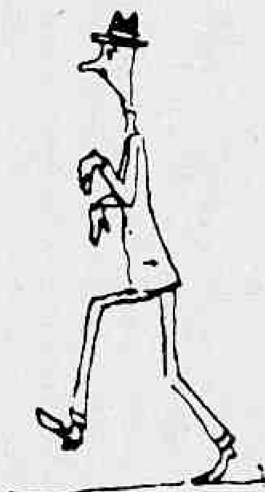
Criação de DARCY



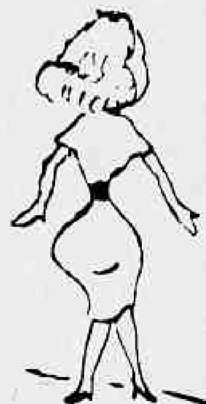
MICO



PORCO



LOUVA-DEUS



SAÚVA



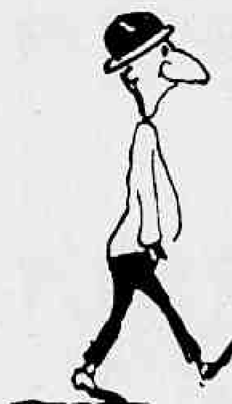
SERIEMA



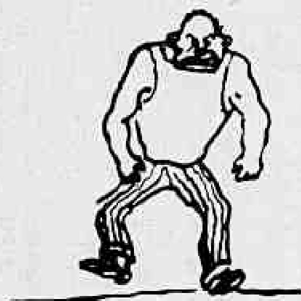
HIPOPÓTAMO



PREGUIÇA



PELICANO



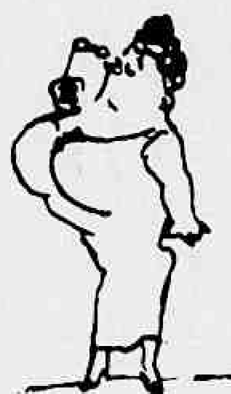
ORANGOTANGO



LEGHORNE



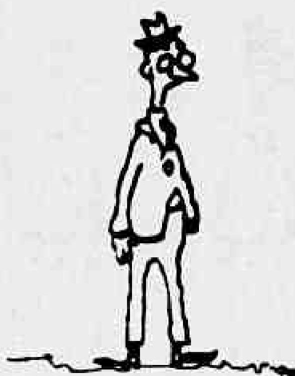
PINGUIM



GAROUPA



URSO



FRANGO-D'ÁGUA



MARMOTA



MARIPOSA



Uma obra prima em plissado

Nina Ricci executou êste maravilhoso modêlo para a tarde em tecido todo plissado em sentido enviesado. O tom da fazenda empregada é rosa muito pálido e os complementos em prêto.



PARA UMA FESTA ELEGANTE

Modêlo de Jacques Heim em gros-grain de algodão branco enfeitado de fitas de veludo negro. Amplo busco adornado com pequeno laço. Saia bem rodada.



Partida para um dia frio

***JACQUES HEIM** emprega uma casimira masculina, em tons de cinza e prêto, para a confecção de um gracioso conjunto de viagem. Botões pretos, gola e punhos em veludo negro.*

3 modelos de bom gôsto

Automóvel aberto



Madeleine de Rauch: costume de mangas três-quartos em alpaca cinza. O casaco é inteiramente forrado de algodão de listras fininhas, de que é feita a blusa "marinheira", cujo decote é fechado na frente por uma flor do próprio tecido. Ainda de Madeleine de Rauch êste casaquinho curto fechado por quatro botões e ornado de pespontos. Jacques Griffe é o autor dêste encantador modêlo: costume em "jersey" cinza mesclado de diversos tons. O casaco — debruado de cinza — é ajustado nas costas por uma "martingale" que se amarra na frente formando um bonito cinto.





CADA QUAL MAIS BONITO QUE O OUTRO



1 — *Conjunto duas-peças em crepe azul marinho, com tiras de "pois" aplicadas.*

2 — *Vestido de popeline estampada, cuja blusa se cruza para formar dois grandes bolsos caídos sôbre a saia.*

3 — *Conjunto para a noite, vestido e casaquinho, em "laise" preta, com laço no decote e gola e punhos de veludo negro.*

4 — *Modêlo em fustão vermelho, tendo uma sôbre-saia, sôlta formando avental.*

5 — *Admirável confecção em lonita branca com guarnição de "filet" largo em grossa linha negra.*

Semana LITERÁRIA

UM AUTOR:

OSWALDINO MARQUES



Nasceu o poeta, como muito habitualmente fazem os poetas brasileiros, em São Luís do Maranhão e conta trinta e cinco anos. Pouco tempo perdeu na província, transferindo-se, logo, para o Rio, onde iniciou grande atividade literária. Em 1946, estreou com o livro de versos "Poemas quase dissolutos", lançado pela Livraria José Olímpio. Pela mesma casa, no mesmo ano, nos deu uma belíssima tradução dos "Cantos de Walt Whitman" e das "Aventuras de Mark Twain". Foi colaborador assíduo da revista "Leitura" e de outras publicações sérias, do gênero. No ano passado, Oswaldino nos deu, numa edição do Serviço Nacional de Teatro, a peça em três atos, "Ciméria". Desenvolvendo imensa atividade cultural, colaborando com freqüência nos mais categorizados órgãos literários do país, Oswaldino é, ainda, um dos diretores da revista "Temário", na qual publicou o seu drama, em um ato, "Um homem na cerração". Há poucas semanas, numa edição-estôjo da "Revista Branca", o poeta maranhense apresentou o "Cravo bem temperado", obra em que realiza novas experiências técnicas, trazendo uma contribuição realmente nova à lírica brasileira contemporânea. O volume é ilustrado por Aldary Toledo e foi composto e impresso, em prelo manual, pela "R. B.".

Oswaldino Marques, em recente entrevista que concedeu a um suplemento de sua cidade natal, declarou que não se importaria em voltar à província, desde que lá encontrasse ambiente para a expansão de sua grande capacidade de trabalho.

Poeta, novelista, crítico, ensaísta, teatrólogo e romancista, Oswaldino Marques é, sem dúvida, uma

NOTICIÁRIO LOCAL

★ *"HONRA AO MÉRITO" — Comemorou-se, a 10 dêste mês, o terceiro aniversário do programa de rádio de tanta significação que Paulo Roberto produz para a Organização Esso e que muito justamente se situa entre os maiores cartazes do "broadcasting" nacional. A comemoração foi solenizada no salão nobre da Associação dos Empregados no Comércio, com atos que estiveram concorridíssimos.*

★ *SOCIEDADE CARIOCA DE ESCRITORES — Realizou-se há dias na sua sede, uma assembléia da Sociedade Carioca de Escritores, a qual tratou, entre outros assuntos, da aprovação dos novos estatutos dessa entidade literária de que é presidente provisório o poeta Jorge de Lima.*

★ *EXPOSIÇÃO OLGA-MARY — Sob os auspícios da Comissão de Arte do IBEU, a pintora Olga-Mary realizou uma exposição de seus trabalhos mais recentes. Ao "vernissage", compareceram figuras representativas das artes e da sociedade carioca, tanto se fêz querida e admirada a ilustre pintora brasileira.*

★ *MURILO E SAUDADE VÃO À EUROPA — Estão de malas prontas para uma viagem à Europa o casal de poetas Murilo Mendes e Maria da Saudade, que visitarão França, Itália, Portugal, Espanha e outros países do Velho-Mundo.*

FORA DO PRELO

BALADAS DO NUNCA MAIS — Êste livro de poemas, em que faz sua estréia Ilka Sanches, tem, além de seus versos novos e inspirados, a melhor credencial a que poderia aspirar um poeta inédito: é apresentado por Álvaro Moreyra. A Gráfica Laemmert nos deu uma bela edição, um volume agradável de ler, roupagem própria dêste lirismo de tom melancólico, onde porém não são feridas as notas do desespero. Em artigo próximo, falaremos mais longamente e de justiça dos poemas de Ilka Sanches, uma voz nova de nossa poesia, digna de ser ouvida.

JÓIAS DA POESIA MINEIRA — O poeta Da Costa Santos está se tornando um antologista operoso, na tranqüila paisagem de Curral d'El-Rei. Não que o atual Belo Horizonte conserve o mesmo bucolismo de antanho, digamos logo... Mas, que continua tranqüilo, ao jeito tão grato a Emílio Moura e ao nosso grande Arduíno, há dias levado pela morte — isso, continua: são os altos cimos serranos, é aquêle céu espalmado e azul, onde os barulhos da planície se perdem e se esvaem, são as árvores copadas, são as rosas e é a calma mineira que fazem o milagre. Assim, Belo Horizonte ainda possibilita essas tarefas de erudição, de estudo de pesquisa, de carinhoso amor às letras e aos poetas que uma antologia como esta está denunciando. O antologista começa em Santa Rita e vem até Ascânio Lopes. Passa por muita coisa que anda longe de ser exatamente "jóia", naturalmente por uma questão de afeto, de ternura — mal de muita antologia. Mas revela muita gente que talvez até os próprios mineiros ignorassem ser sua gente, como no caso de Heitor Lima. E faz com que retornem ao nosso carinho muitos nomes que dormiam em nossas velhas lembranças.

AVENTURAS DO SAPO TOAD — Já está Walt Disney definitivamente julgado. Não poucos lhe dão as honras de gênio — um dos raros gênios do cinema. Ampliando o poder de divulgação de suas obras artísticas, o livro tem apresentado muitas das criações de Disney, as quais tanto falam às crianças quanto aos adultos. A série intitulada "Historietas", das Edições Melhoramentos, insere desenhos coloridos do grande mestre das tintas, além de textos pequenos e graciosos. Acaba de ser publicado o álbum n. 23 da coletânea citada, "Aventuras do Sapo Toad", realmente encantador.

UM LIVRO:

"MEMÓRIAS DE UM ESTUDANTE"

UM ESCRITOR que se enconchou na injustificada modéstia e que, agravando essa discrição pelo uso de um pseudônimo, ainda assim insiste em permanecer arredio e distante da vida literária — Ciro Arno, isto é, Cícero Arpino Caldeira Brant, cujo nome pertence à gente das mais ilustres de Minas Gerais, acaba de publicar a segunda edição de um livro de todos os seus aspectos interessante — «Memórias de um Estudante».

O título é modesto, como o próprio autor, e longe está de revelar a matéria destas memórias, cujos aspectos variados e subsidiários foram já registrados por Aires da Mata Machado Filho, conforme lemos no artigo publicado em «Fôlha de Minas» e reproduzido na orelha dêste volume: os detalhes folclóricos, os dados biográficos, os aspectos sociais, as achegas históricas a respeito de acontecimentos de vulto, verificados na época, no transcurso dos vinte e um anos que abrange o livro, de 1885 a 1906. A parte êsses valores gerais de «Memórias de um Estudante», com seu estilo de bom quilate e o sentimento da narração, possui ainda o livro, para nós montanheses inassimiláveis, o atrativo especial de nos trazer, ao exílio, nossa terra e nossa gente, em evocações cheias de ternura, com essa côr do passado, êsse passado em que via Anatole — «la seule realité humaine».

A primeira parte de «Memórias de um Estudante» é, certamente, do ângulo mineiro, a mais rica de impressões, recordando a velha Diamantina. Aprendemos nesses capítulos, por exemplo, detalhe de fato pitoresco que, ainda em 1930-31, teve, por fôrça da revolução, uma revivescência em Minas, particularmente em Belo Horizonte: o «borrusquê». E' de nosso tempo. Em trinta e dois, quando estávamos na capital mineira, o grosso do dinheiro em circulação ainda era «borrusquê», isto é, papel-moeda emitido pelo govêrno do Estado, a fim de suprir o meio circulante, pois que o Banco do Brasil, devido à revolução liderada pelo presidente Antônio Carlos, deixada de fornecer a Minas dinheiro do Tesouro. Ignorávamos completamente a origem da denominação pitoresca, como ignorávamos que em Diamantina nascera o nome e o fenômeno. Agora é o autor de «Memórias de um Estudante» que nos vem aprender a história tão pitoresca e curiosa da origem dos «borrusquês». Existiu naquela cidade, em meados do século XIX, um cidadão suíço, Pierre Barrousquê, dono de uma padaria e que pusera em uso os cupãos mensais, para aquisição de pão em seu estabelecimento. Desde logo êsses vales começaram a chamar-se «borrusquês», do nome do emissor... E daí por diante, outros dinheiros, em papel-moeda, emitidos em caráter de emergência, ficaram com a mesma denominação, o que ainda aconteceu em 1930, com as notas da devolução.

Por êsse detalhe mínimo, podem os leitores fazer uma idéia da apreciável contribuição do memorialista à história contemporânea. Mas, muitos e muitos outros casos, como êste, demonstram a qualidade destas memórias. Não queremos deixar de citar outro. E' a respeito da quadrinha dita popular, muito conhecida:

> «Até nas flores se encontra
> A diferença da sorte:
> Umas enfeitam a vida!
> Outras enfeitam a morte!»

Redondilha menor, bem ao gôsto dos trovadores anônimos é dada e aceita, por nossos folcloristas, como trova popular. Agora, Ciro Arno nos esclarece sôbre seu autor, o poeta diamantinense José Carolino de Menezes que a publicou juntamente com outras, em 1887... Muito justamente, o memorialista diamantinense requer aqui o reconhecimento da autoria da famosa quadrinha, para o modesto autor, seu contemporâneo.

Traz ainda êste livro riquíssima contribuição sôbre as tradições diamantinenses e mineiras falando-nos de festas, jogos-de-salão, hábitos e usanças da civilização montanhesa relembrando o que disse Saint-Hilaire a respeito da cultura diamantinense que o visitante francês de 1817 considerou adiantadíssima e onde encontrou — «mais ilustração que em todo o resto do Brasil, mais gôsto pela literatura e um amor mais vivo pela ilustração». Lembra ainda os «coretos» e «castelos» da vetusta cidade dos diamantes e recorda que Afonso Arinos, quando visitou a «Metrópole do Norte», denominação feliz que colhemos em outra obra de Ciro Arno — quiz que os rapazes diamantinenses «batessem um castelo», quer dizer, fizessem uma serenata, outra denominação típica, herança medieval, por certo, como adianta o autor, deixada ao velho Tejuco pelos antigos portuguêses.

Não é menor o prazer de encontrar aqui, com recordações do «peixe vivo», notas biográficas muito esclarecedoras sôbre Edgar Mata, o grande simbolista morto à flor dos anos e até hoje inédito em livro, bem como sôbre outros poetas e homens públicos de Minas e do Brasil, tendo evocado com tanto encantamento e percorrendo Minas, São Paulo e Rio, período que vem dos fins do século dezenove até os primeiros anos desta centúria.

Obra realizada com o coração, mas com estilo, depoimento pessoal que se engrandece na prosa escorreita, no espírito de observação, na penetração psicológica, «Memórias de um Estudante» constitui uma festa para os apreciadores de memórias e evocações, com ser, independente disso, um livro do mais largo interêsse.

Edmundo Lys



O SENHOR CECÍLIO MARQUES — em companhia de sua espôsa — chega à Catedral Metropolitana para assistir ao ofício religioso mandado celebrar pela Administração, no dia vinte e seis de Agôsto próximo passado.



APÓS A CERIMÔNIA religiosa, Monsenhor Benedito Marinho, que pronunciou expressiva prédica, cumprimenta o Presidente do I. A. P. E. T. C.

AS COMEMORAÇÕES DO 4.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO IAPETC

O 4º aniversário de fundação do I.A.P.E.T.C. foi comemorado com um vasto programa de inaugurações, o que bem demonstra o interêsse daquela autarquia pelos seus contribuintes. O presidente Cecilio Marques, com essas inaugurações, deu uma soberba demonstração de que a sua gestão se caracteriza pelas medidas práticas e não pelo palavrório de discursos e promessas inúteis. Uma vez elevado a tão importante cargo da administração pública, Cecilio Marques visou imediatamente a conclusão de diversas obras de amparo social, que se tornavam urgentes, e que agora entregues aos associados, deixam indeléveis os traços marcantes de um administrador bem intencionado.

A Agência de Ramos foi uma das obras inauguradas, das mais importantes, não só pelo benefício que trouxe aos contribuintes que residem nos subúrbios, como também para desafogar a Delegacia Regional tão sobrecarregada com serviços de várias espécies. Com êsse importante melhoramento, outros se tornaram em realidade com as inaugurações. A instalação do Ambula-



O SR. PRESIDENTE DO I. A. P. E. T. C., encerrando as solenidades da inauguração da Agência de Ramos, agradece as manifestações de aprêço do mundo sindical, da política, da imprensa e das letras jurídicas.



NA ILHA DO GOVERNADOR, na Ribeira, foi, também, inaugurado um Ambulatório e um pôsto de arrecadação. No flagrante o Sr. Cecílio Marques, presidente da autarquia, quando hasteava o pavilhão nacional.



A SENHORA CECÍLIO MARQUES, ao lado do Sr. Aluysio Côrte-Real, representante do Ministro do Trabalho, do Dr. Mourão Filho, Presidente da Câmara dos Vereadores, e de nossa redatora, rompe a fita simbólica na inauguração da Agência de Ramos.



← LEVANDO A SUA SOLIDARIEDADE ao velho amigo das lutas sindicais do Recife, o Professor Joaquim Pimenta — depois de ter pronunciado expressivo discurso — é abraçado pelo Presidente do I.A.P.E.T.C., na inauguração da Agência de Ramos.



FACHADA DO CONJUNTO residencial na **Rua Baronesa de Uruguaiana**, em Lins de Vasconcelos, inaugurado no dia 30 de Agôsto próximo passado.



O ABRAÇO SINCERO de dois trabalhadores elevados à presidência de Institutos pela visão política do Sr. Presidente Getúlio Vargas. Francisco Túlio Peixoto de Alencar, dos Bancários, e Cecílio Marques, do I. A. P. E. T. C.

tório da Ilha do Governador; a apresentação do Conjunto Residencial no Lins de Vasconcelos, bem como os edifícios «19 de Abril» e «24 de Outubro», em Ipanema, constituiram provas inequívocas de uma gestão operosa que tem sido a do atual presidente.

Durante as soneidades muitos oradores se fizeram ouvir, destacando-se o presidente da Câmara dos Vereadores, sr. Mourão Filho; líderes sindicais e muitos outros que exaltaram os méritos de um administrador que sabe compreender as necessidades dos associados da autarquia que está sob sua orientação. Foi aí muito particularmente citado o sr. Cecílio Marques, que como elemento de classe, honrado com a confiança do Presidente Getúlio Vargas para dirigir o I.A.P.E.T.C., outra coisa não tem feito senão seguir a linha de conduta traçada pelo atual govêrno em benefício dos trabalhadores do Brasil.



CECÍLIO MARQUES, na direção do IAPETC, tem voltado constantemente a sua atenção para as crianças, filhas de segurados. Na Agência de Ramos construiu um "play-ground" para amenizar a espera antes das consultas.



TAMBÉM A ESTIVA, fundadora do Instituto e guardiã de patrióticas tradições, erqueu, nesta oportunidade, a sua voz de solidariedade, na palavra do Presidente do Sindicato dos Estivadores, Sr. Manoel Antônio Fonseca.



FLAGRANTE DA INAUGURAÇÃO dos edifícios "Dezenove de Abril" e "Vinte e Quatro de Outubro", em **Ipanema**, no domingo, dia 31 de Agôsto p. p.



O DR. MOURÃO FILHO, presidente da Câmara dos Vereadores do Distrito Federal, em brilhante improviso, enaltece a obra administrativa do Sr. **Cecílio Marques**, por ocasião da inauguração da Agência de Ramos.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

CONTOS PARA A "REVISTA"

Em face do grande acumulo de contos, a redação resolveu suspender o recebimento de novos originais. Os que foram recebidos até agora serão julgados e os aprovados serão publicados.

LOÇÃO ANTI-BRANCA

RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA

☆ Não contém Nitrato de Prata ☆

Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia

HA QUASE MEIO SECULO COMPROVA SUA EFICIENCIA

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CONVERSA DE MULHER

NÃO MINTA PARA OS ANIMAIS



"Vera, não minta para os cachorros. Não minta para ninguém, não minta nunca. E não minta nem para os bichos!"

A menina arregalou os grandes olhos côr-de-mel, ouvindo a admoestação redundante da tia. Tinha sete anos, sabia que não se deve mentir — mas no caso estava admirada. Não pensara que dizer aos dois vivazes cães, de oito meses de idade, "vem, vem, toma pão", para afastá-los dali, fôsse mentir. Os cães, que adoravam a menina, haviam reagido, ao contrário do que ela esperara, diante da promessa: em vez de segui-la como faziam sempre por coisa nenhuma, sentaram-se na curiosa posição dos "cocker spaniels" — derreados sôbre uma perna e, para melhor efeito do conjunto, para lados opostos — e viravam as cabecinhas para considerar o que lhes parecia haver de falsidade naquele chamado e o seu provável objetivo.

— "Não vê?", prosseguiu a tia. "Êles fazem sempre o que você quer, Vera. Mas, agora, percebem que você está mentindo e pararam para pensar. Estão desconfiados. A mentira é assim, só leva à desconfiança. Do mesmo modo que não se deve mentir para as pessoas, não se pode mentir para os bichos. Deixam de acreditar em quem lhes mente, ficam desobedientes e desabusados. Para educar crianças ou cachorro, macaco, qualquer bicho ao qual você possa transmitir o seu pensamento, não pode mentir."

● A menina continuava estática, pesando a revelação. Seu rostinho inteligente permanecia grave. Em seus olhos claros podia ser lido o trabalho de seu pensamento. Os cães permaneciam sentados, interrompidos no ímpeto de suas brincadeiras por aquela promessa que lhes parecia uma armadilha e que os desnorteava. "Você não vê o menino aí do lado", foi dizendo a tia, "que não acredita em nada, não obedece a ninguém, tem mêdo de tudo e vive chorando? E' porque lhe mentem. Falam em papão, procuram atraí-lo com agrados interesseiros. Êle fica tonto, coitadinho, não sabe nunca o que pensar, em quem acreditar, não tem confiança no que está para acontecer. Vai ser um homem mentiroso, sem segurança para agir. Não quero que você minta para os cães, êles ficarão do mesmo jeito. E em lugar de dois amiguinhos alegres e divertidos dentro de casa, teremos duas feras, desconfiadas e irritadas, perigosas podendo morder de repente, quando se sentirem desamparados, infelizes e revoltados. Seja franca, se eu mentisse para você, não ficaria atrapalhada? E às vêzes zangada? E não procuraria também me enganar? Ia ser horrível, ficaríamos sempre com receio do que uma ou outra pudéssemos fazer, acabaríamos até não nos gostando como nos gostamos. Pois os bichos são iguaizinhos, e sabidos como ninguém pode bem imaginar."

● Vera afinal se abriu num sorriso. Estava certa de que compreendera. E compreender é muitas vêzes ser feliz. Com a espontaneidade natural nas crianças, ela olhou para os "cocker spaniels" que continuavam sentados, mas já agora esperando que ela se movesse para tomarem uma decisão, e estendeu o bracinho, fazendo um estalo com os dedos: "Nêgo! Zalu! Vamos comer pão na cozinha!" E os cães se precipitaram, dessa vez sem nenhuma dúvida de que lhes estava sendo feita uma promessa verdadeira. Um tropêço havia sido bem saltado na educação da menina e dos animais. — ISOLETTE



Ao saber do caso, o Gen. Dwight Eisenhower, o querido Ike dos republicanos, ex-comandante dos exércitos aliados, deve ter feito, exatamente, esta cara...

EU QUASE APRISIONEI EISENHOWER!

REVELAÇÕES DE UM SOLDADO DE HITLER ESCOLHIDO, DENTRE QUATRO MIL, PARA APRISIONAR O COMANDANTE-CHEFE DOS EXÉRCITOS ALIADOS. EPISÓDIO AUTÊNTICO DE UMA AVENTURA MILITAR DA ÚLTIMA GRANDE GUERRA.

FAZIA calor de rachar. Parecia que estávamos em pleno verão, tal a temperatura morna e pesada que envolvia os pinheiros do campo da manobra, barracas e cantinas, campos de tiro e hangares. O sol estava quente e o ar abafado. Estávamos em setembro de 1944. A paz profunda que nos envolve nos faz esquecer a realidade. Apenas o ruído dos carros de combate e o troar da artilharia muito distante me lembram a existência de um outro mundo, fazendo-me recordar da passagem desordenada sôbre o Vistula e me impedem de esquecer que, depois de minha convalescença, partirei novamente para a frente do Este, onde se trava a mais implacável das lutas.

A tropa forma para ouvir os relatórios dos oficiais ao meio-dia. Com sua voz indiferente êles nos vão lendo os regulamentos, ordem do dia e novos acontecimentos. De súbito, porém, se ergue a voz do oficial de serviço: "Que todos os soldados que falam bem o inglês, se apresentem ao meu gabinete". Tratava-se de enviá-los aos campos de prisioneiros por umas quatro semanas. O comando lhes oferecia uma garrafa de aguardente e quinze dias de folga suplementar.

A promessa de uma ração inesperada de "braquinha" nos fêz rir; o oferecimento não nos parece muito sério. Entretanto, aquelas férias, nos fazem refletir. Seriam quatro semanas de repouso, com quinze dias em visita às nossas casas, ao lado de nossa família, de nossas espôsas, de nossos filhos! O assunto valia a pena. Diante disso, como falava bem o inglês, não perdi tempo e me apresentei como um dos pretendentes à missão.

Na hora que se seguiu eu fui convocado pelo chefe da bateria. O oficial me olha de cima a baixo por uns instantes e, em seguida



O chefe da equipe, incumbida do extraordinário feito, era o mesmo que libertara o Duce Benito Mussolini, na Itália, o audaciosíssimo Skorzeny. Ei-lo, aqui, ostentando a sua cruz de ferro no peito.

começa a discorrer sôbre o dever do soldado, sua vontade de vencer, da honra do militar alemão. Por fim se refere, de maneira discreta, de assuntos de segredos militares que teríamos que guardar com risco da própria vida. Eu estava vendo que se tratava de algo muito difícil e misterioso que aquêle oficial ainda não tinha licença de me revelar.

Ao voltar à minha barraca, não sabia nada mais do que o relato que êle me fizera. Ninguém sabia ainda de nada. Em todos os lábios dos companheiros que haviam dado seus nomes para a expedição, pairava a mesma indagação: "Que missão será essa? Que vieram fazer aqui êstes pára-quedistas que treinam sôbre o campo de manobra de Grafenwoer? Imediatamente os mais fantásticos boatos começam a circular. O serviço que exigiam de nós era enorme, e começamos a sentir mêdo, a tal ponto que desaparecera nosso apetite. Sem perda de tempo foi-nos dada ordem de partida e nos despedimos de nossos companheiros de acampamento.

Em caminhões que roncam pela estrada sombria através de florestas silenciosas entre nevoeiro, vamos todos calados, sem pronunciar uma palavra. E' impressionante o silêncio. Cada qual medita na sorte que o espera, na espécie de serviço que tem de executar. Ao cair da noite chegamos ao final da jornada. E' uma estação com desusado movimento de soldados, marinheiros, aviadores, artilheiros, etc. Em volta de uma mesa oficiais, em pé, estão a discutir. Diante dêles, pilhas de documentos e livros. Entrego meus documentos e êles me fazem assinar uma fôlha de engajamento e jurar a mais absoluta discrição.

Até aí continuávamos na ignorância do nosso destino. Em grupos de cinqüenta homens dirigimo-nos para o campo mesclado de tropas de várias armas, soldados e oficiais. Atrás de nós, pesadas portas se fecharam com ruído. E fazíamos a nós mesmos esta pergunta inquietante: "Que diabo se passa em Grafenwoer?" Nas barracas todo mundo está ocupado. Exercícios de marcha e cursos de inglês se seguem sem interrupção. Aprende-se a distinguir os graus do exército norte-americano, e os Estados Unidos constituem nosso único objeto de conversação. Mais uma vez devemos jurar manter segrêdo. E, enquanto isso, os mais loucos boatos e rumores continuam a circular. Uma atmosfera cruel pesa sôbre o acampamento. Desaparecia a confiança mútua e se desconfiava de seu vizinho. Depois, bruscamente viemos a saber do que se tratava. Uma noite, amparados pelo nevoeiro e obscuridade, descarregam, com precaução viaturas americanas, jipes, veículos blindados e tanques Sherman. Compreendemos que estávamos com uma missão perigosíssima. Finalmente, a 10 de novembro de 1944, nossa missão é revelada: o Fuehrer tinha decidido dar um golpe espetacular capturando o Estado Maior Aliado por tropas alemãs camufladas em unidades americanas. Tal plano fôra idealizado por Hitler com a colaboração de Himmler e agora nos cabia a sua execução. Daí por diante nosso treinamento seguia em ritmo acelerado. Multiplicam-se os exercícios estratégicos e os comandos manobram sem descanso. Tôda a correspondência com os nossos parentes, mesmo os mais próximos fica suprimida, e quando um meu camarada, Karl S., jovem soldado de 18 anos, procura mandar, clandestinamente, uma carta à sua mãe, é prêso e fuzilado! Outras execuções se seguem. Uniformes US nos são distribuídos, bem como tudo o mais que nos americanizassem. Professôres nos dão verdadeiros cursos sôbre os segredos da língua, especialmente o "slang". Nossos nomes também são americanos. Eu também mudei de nome. Sou agora primeiro tenente John Mac Percy, natural da cidade de Paterson, Estado de New Jersey. Se minha mulher soubesse! Tudo aprendemos à americana. Nada foi esquecido, nem mesmo as pin-up-girls. Aprendemos a mascar **chewing gum** e a contar anedotas ao gôsto do soldado americano. Nossos documentos de identidade eram perfeitos e os amarrotamos e sujamos para dar idéia de que estavam antigos. Tudo isso estava sendo feito para repetir uma segunda Dunquerque às tropas aliadas. Foi então que conhecemos o nos-

(Cont. na pág. 52)



Os preparativos para a sensacional aventura, que teria sido o rapto do generalíssimo dos exércitos aliados, em plena operação de guerra, depois do espetacular desembarque do dia D. O artista reproduziu fielmente a cena do equipamento e camuflagem dos alemães, que se fariam passar por carros, "jeeps" e soldados norte-americanos.

ROTINA DE BELEZA

APRENDA A SER BELA

● MAKE UP



Não há mocinha no Brasil que não saiba o que é **make up** — pintura do rosto, dirá qualquer uma, **maquillage** dirão as mais sabidas, procurando na palavra francesa uma expressão sinônima melhor, que não temos em português. **Make up**, que aqui consideramos como substantivo (preparação, composição, disposição, arranjo), quando verbo (to make up) pode ser traduzido mais simplesmente por fazer, refazer, preparar — os saxônicos empregam muito **make up your mind**, que significa literalmente "prepare o seu espírito".

Mas, voltando ao **make up** que nos interessa:

● A ESCOLHA DE UMA BASE

A escolha de uma base, primeiro passo para um **make up** correto, depende do tipo de sua pele — se é sêca ou oleosa — e da quantidade certa de que necessita para cobri-la, como do método de aplicação mais fácil e mais satisfatório. Como base, pode ser escolhido um líquido cremoso, incolor ou não; cremes e pastas, bastões, tijolos, todos com ou sem côr. Os líquidos cremosos se espalham fàcilmente e não prejudicam a pele. Os tijolos e bastões permitem um acabamento mais perfeito. Os cremes e pastas são ideais para quem deseja apenas um fixador para o rouge e o pó. Na côr, essas bases vão do branco ao ocre carregado. Deve ser escolhido um tom que combine com o tipo — conjunto de côr de cabelo e de olhos, tom de pele, e nem sempre uma imitação do tom natural da pele. A côr da base deve sempre ser estudada com luz do dia, mesmo quando para ser usada à noite. Nenhuma base pode ser usada em excesso, mas, ao contrário, apenas na quantidade suficiente para ser espalhada por igual. O rosto deve ser totalmente coberto, inclusive as pálpebras e os lábios, e também o pescoço. Nunca se deve aplicar uma segunda camada no correr do dia sem retirar a primeira com creme de limpeza ou água e sabão.

● APLICAÇÃO DO ROUGE

Depois da base aplica-se o rouge. O rouge tinha passado de moda mas voltou e com razão, pois, usado com arte, é um grande fator de realce da beleza feminina. Há três tipos de rouge: líquido, em creme ou tijolo. Os dois primeiros são aplicados em pequenos pontos sôbre a base e cuidadosamente esbatidos. O tijolo é para ser aplicado por meio de uma esponja ou escovinha depois que a base já foi coberta pelo pó de arroz. Para os três, a regra mais importante é a moderação. Combine a côr do baton com a do rouge, mas não use o baton como rouge — não pode ser espalhado e esbatido convenientemente.

● PÓ DE ARROZ

O pó de arroz é o retoque final, o acabamento. Os pós de arroz de hoje são finos e aderentes, dão um aspecto acetinado à pele. No tom, o pó pode combinar, ser mais claro ou mais escuro que a base. Precisar ser usado generosamente, com exagêro mesmo, sempre com uma esponja limpa. O excesso deve ser retirado com uma escovinha apropriada. Os novos pós em tijolo são práticos e limpos para o emprêgo em público.

● A IDÉIA MAIS NOVA SÔBRE MAKE UP

Para obter um acabamento mate (não lustroso) do **make up**, comece pondo a côr por baixo: isto é, use uma base um pouco carregada e um pó muito claro, quase sem côr. O efeito é maravilhoso, como o de certas pinturas em que a luz parece vir de dentro. E o melhor é que como a côr é básica, o pó pode ir sendo repôsto no correr do dia sem necessidade de retoques de tom.

— —





A qualidade é essencial na alimentação.

EXIJA

AYMORÉ



Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!

Casa Marc Jacob, S. A.

Sociedade Anônima com o Capital Registrado de Cr$ 30.000.000,00

Exportação - Importação - Representações - Navegação - Redespachos

Endereço telegráfico — JACOB
Caixa Postal, 3

Praça da Graça nº 298
Edifício Marc Jacob

PARNAIBA — PIAUI — BRASIL

Filiais: Teresina, Floriano, União, Campo Maior, Luzilândia e Pexiperi (Piauí)

COMPRADORES E EXPORTADORES DE:

Cêra de Carnaúba, Amêndoas de Babaçu, Nozes de Tucum, Sementes de Mamona, Couros secos espichados de boi, Peles de Cabra e Carneiro, Produtos da Mandioca (Fécula, Polvilho e Farinha), Fôlhas de Jaborandi, Batata de Purga, Cereais, Borracha de Maniçoba e Mangabeira, Resina de Angico e Jatobá, Algodão, etc.

SECÇÃO INDUSTRIAL: FÁBRICA PARNAIBANA:

Beneficiamento de Arroz em Casca e produtos de Mandioca.

IMPORTADORES DE:

Cimento, Ferro e Materiais para construção, Produtos Alimentares, Produtos Químicos, Estivas, etc.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA O ESTADO DO PIAUÍ:

dos produtos da SHELL-MEX BRAZIL LTD. — Querosene, Gasolina e especialidades SHELL.
da PIRELLI S/A — Pneus e câmaras de ar PIRELLI.
de E.R. SQUIBB & SONS DO BRASIL, INC. — Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos.
do INSTITUTO MEDICAMENTA FONTOURA S.A. — Estabelecimento Científico e Industrial.
das INDÚSTRIAS FARMACÊUTICAS FONTOURA-WYETH e FONTOQUIMICA S.A. e outros.

REPRESENTANTES DE:

S.A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo
Cia. Antártica Paulista

E muitas outras Firmas Nacionais e Estrangeiras de todos ramos atividade.

LOJA ROSEMARY

Relojoaria, Bijuteria em geral, artigos para presente, Louças, Artigos de Couro, de Madeira, de Vidros, de Matéria Plástica.

WEEK-END NA COZINHA



DIETA PARA MANTER O PÊSO

Na última semana demos uma dieta para emagrecer. Hoje sugerimos que neste fim de semana a leitora estude uma outra para manter o pêso e a ofereça à apreciação de seu médico — mas podemos garantir que é perfeita para pessoas normais. Ei-la, com suas 2.100 calorias diárias:

Segunda-feira

● Pela manhã

1 pêra
2/3 de xícara de «corn flakes» com açúcar prêto
1/2 xícara de leite
1 fatia de pão com passas, torrada
25 grs. de manteiga
Café (pode ser com açúcar).

● Almôço

2 ovos mexidos
3/4 de xícara de salada de tomates, pepino e alface
1 colher de sopa de mayonnaise
1 pãozinho (crescente, mais casca que miolo)
25 grs. de manteiga
1 copo de leite
1 pêssego.

● Jantar

1 copo de suco de tomate
3 bolachas pequenas
Cozido de carneiro com batatas, cebolas e cenouras (1 xícara)
1 fatia de pão
25 grs. de manteiga
1/4 de xícara de pudim caramelo
1/4 de xícara de leite
Café.

● À hora de dormir

1 copo de leite.

Têrça-feira

● Pela manhã

1/2 grapefruit
1 ôvo quente
2 fatias de pão torrado
25 grs. de manteiga
Café
1/4 de xícara de creme de leite
1 colher de sopa de açúcar.

● Almôço

1 sanduíche de queijo, com manteiga
1 xícara de chocolate, feito com leite
1 xícara de salada de alface
2 colheres de sopa de môlho de salada, engrossado com ôvo
1/2 xícara de salada de frutas
1 pãozinho
Café, ou chá com limão.

● Jantar

3/4 de xícara de sopa de milho
3 bolachas pequenas
1 hamburger
1 tomate cru
1 cebola crua
1/2 xícara de doce.

● À hora de dormir

1 copo de leite.

Quarta-feira

● Pela manhã

1 pêssego ou 1 pêra
3/4 de xícara de trigo cozido
4 colheres de açúcar prêto ou 2 1/2 de açúcar refinado
1/4 de xícara de leite
1 fatia torrada de pão com passas
25 grs. de manteiga
Café.

● Almôço

1 fatia de língua cozida
1/2 xícara de salada com
2 colheres de sopa de mayonnaise
1 broa de milho
25 grs. de manteiga
1/2 xícara de gelatina de limão
1 copo de leite.

● Jantar

1/2 xícara de suco de tomates
4 bolachas pequenas
1 fatia de carne grelhada ou de fígado de vitela ou carneiro
1 batata cozida
25 grs. de manteiga
1 fatia de torta de limão com suspiro.

● À hora de dormir

1 copo de leite desnatado.

Quinta-feira

● Pela manhã

1 copo de suco de grape-fruit
1 ôvo «poché» sôbre
1 torrada e mais
1 torrada com
25 grs. de manteiga
1 colher de sopa de açúcar
1/4 de xícara de leite
Café.

● Almôço

Sanduíche de presunto
1/3 de xícara de salada com
1 colher de sopa de mayonnaise
1 copo de leite
Café ou chá.

● Jantar

Talos de aipo, palitos de cenoura crua, rabanetes (4 de cada)
1/2 xícara de caldo de legumes
3 bolachas pequenas
1 costeleta
1/2 xícara de pirão de batatas
1/2 xícara de vagens
1 pãozinho quente com
25 grs. de manteiga
1/2 xícara de sorvete com
1 docinho
Café.

● À hora de dormir

1 copo de leite desnatado.

Sexta-feira

● Pela manhã

1 pêssego
3/4 de xícara de trigo cozido
4 colheres de açúcar prêto ou 2 1/2 de açúcar refinado
1/4 de xícara de leite
2 biscoitos
25 grs. de manteiga
Café.

● Almôço

3/4 de xícara de salada de siri
1 colher de sopa de mayonnaise
1 pãozinho quente
25 grs. de manteiga
3/4 de xícara de morangos
1 copo de leite
Café ou chá com limão.

● Jantar

3/4 de xícara de sopa de cebolas
3 bolachas pequenas
1 omelette de cogumelos (2 ovos)
2/3 de xícara de suco de tomates
1 xícara de pepinos com môlho de vinagre
9 rodelas ou palitos de batata frita
2 fatias de pão
25 grs. de manteiga
3/4 de xícara de purée de maçãs com nozmoscada
Café.

● À hora de dormir

1 copo de leite.

Sábado

● Pela manhã

1 copo de suco de laranja
2 ovos estrelados
1 bolinho de canela
25 grs. de manteiga
Café
1/4 de xícara de leite
2 colheres de sopa de açúcar.

● Almôço

3/4 de xícara de espinafre com môlho branco
2 bolachas
1 fatia de queijo
1 xícara de salada crua
1 colher de sopa de mayonnaise
1 fatia de pão
25 grs. de manteiga
1 pêssego, ou 1 pêra, ou
2 ameixas
Café, ou chá com limão
1 colher de sopa de açúcar.

● Jantar

2 canapés de bolacha com queijo e temperos verdes
1/2 frango assado
2 espigas de milho, 1 pimentão
Salada de alface com aspargos (6 fôlhas de alface, 6 aspargos, 1 colher de sopa de môlho)
1 fatia de pão
25 grs. de manteiga
1 fatia de torta de morangos
Café.

● À hora de dormir

1 copo de leite desnatado.

Domingo

● Pela manhã

1 copo pequeno de suco de laranja
1 ôvo «poché» sôbre
1 torrada de pão integral e mais
1 torrada de pão integral com
25 grs. de manteiga
Café (pode levar pouco açúcar) com
1/2 xícara de leite.

● Almôço

1/2 xícara de creme de aspargos
3/4 de xícara de salada de galinha
2 colheres de sopa de mayonnaise
Chá
3/4 de xícara de morangos
1 colher de sopa de açúcar
1/4 de xícara de creme de leite.

● Jantar

Talos de aipo cru e rabanetes (tantos quantos queira)
1 xícara de consomé quente com ou sem gelatina
1 fatia de carne ou 1 bife pequeno
2 colheres de sopa de môlho de ortelã
1/2 xícara de ervilhas
1 batata média
25 grs. de manteiga
1/2 xícara de sorvete
Café.

● À hora de dormir

1 copo de leite desnatado.



SEGUE

Aqui vemos o "vovô pára-quedista", Bernard Mac Fadden, norte-americano, prof. de cultura física. Apesar dos 84 anos, seus saltos de pára-quedas têm fama mundial.

VOVÔ PÁRA-QUEDISTA



Ao ser examinada a tensão arterial pelo médico-chefe do aeroporto de Orly, apresenta-se bem disposto o velhinho para a arrojada proeza, realizada há já alguns dias na capital da França.

UM homem de 80 anos é velho? Conforme... Para êle, segundo a teoria de um "brôto do Flamengo", não. Velho, disse alguém que como as idosas árvores transplantadas reverdeceram, velho, depois que passamos dos 40 anos, é quem tem mais 10 anos do que nós. Assim, para Bernard Mac Fadden, "o vovô pára-quedista" êle não é velho. Velho é quem tem 90, ora essa. E Bernard Shaw, naturalmente diria que Velho era Matusalém. O fato é que Mac Fadden, como qualquer impetuoso mocinho tem a vertigem do perigo. Adora o perigo e tem assombrado a Europa com seus arriscados saltos de pára-quedas. Mac Fadden já completou 84 anos e não resta dúvida que tem um organismo privilegiado.

O EXAME DE GARGANTA E CLÍNICA DAS ANGINAS

DR. SABÓIA RIBEIRO

É de regra terminar o exame da criança pelo exame da garganta. Com isso é possível muitas vêzes por-se o médico na pista de uma infecção responsável, e até pelo aspecto da angina poder diagnosticar com relativa precisão essa ou aquela doença, presente no caso.

Quer como manifestação de uma infecção local, quer se mostre como um sinal de uma infecção geral, a maneira como se exibe uma afecção da garganta é uma pista, como se disse, no diagnóstico das infecções na criança, um ponto de partida excelente para êsse diagnóstico.

Mas não basta apenas reconhecer o processo agudo de uma angina para dispor da chave do diagnóstico; mais importante é, ainda, reconhecer a sua natureza, isto é, qual a espécie de germe ou germes que a provocaram.

A êsse respeito é uso dividir as anginas em dois grupos: as anginas **banais**, e as **específicas**. Ao primeiro grupo pertencem as anginas provocadas pelos germes das infecções catarrais; ao segundo, as ocasionadas pelos germes da difteria, da associação fuso-espirilar, e da erisipela.

São anginas localizadas, essas.

No lactente pertencem as anginas na grande maioria das vêzes aos germes do primeiro grupo. A difteria nêle assenta, de preferência, na região do cepto, nas fossas nasais posteriores. Raro que desça até a faringe. A tosse rouca que às vêzes então aparece é quase sempre propagação até a laringe de uma angina retronasal. Muitas vêzes, se estabelecem fenômenos agudos com dificuldade respiratória e deve-se pensar, inclusive, no **abcesso retro-faringeu** (que simula muitas vêzes uma meningite pela forte flexão da cabeça para trás).

O que carateriza a difteria é a presença de **falsas membranas**, sôbre as amígdalas; contudo na criança de tenra idade, como as amígdalas não apareceram ainda, sua localização é habitualmente nasal e se trai pela existência da coriza sanguinolenta. Sua diferenciação da angina de Vincent não é fácil e só o exame microbiológico permite esclarecer se se trata de uma ou de outra.

O quadro tóxico, a existência de amigdalite anterior, a voz rouca e estridente, faz supor antes a difteria e o crupe. Se a criança estava boa ao deitar, e foi acometida durante a noite com febre, respiração estertorosa, tosse áspera e voz rouca, é que se trata antes de **falso crupe**.

Como dissemos, as afecções da garganta acompanham muitas moléstias gerais da criança e, às vêzes, não obstante seu aspecto local simulam outras moléstias.

Muito comum é o vômito por elas provocado, como acontece nas anginas retro-nasais do lactente, simulando ás vêzes uma infecção gastro-entérica. Trata-se, ás vêzes, de um catarro insignificante do cavum, ou um catarro um pouco mais extenso das vias aéreas superiores, que, deglutido, faz o vômito. Muitas vêzes é a excitação vinda da garganta doente, que os provoca desviando a atenção para a esfera do aparelho digestivo da criança, enganosamente.

Nem sempre, pelos seus caracteres próprios, o simples aspécto inflamatório da garganta autoriza o diagnóstico da angina.

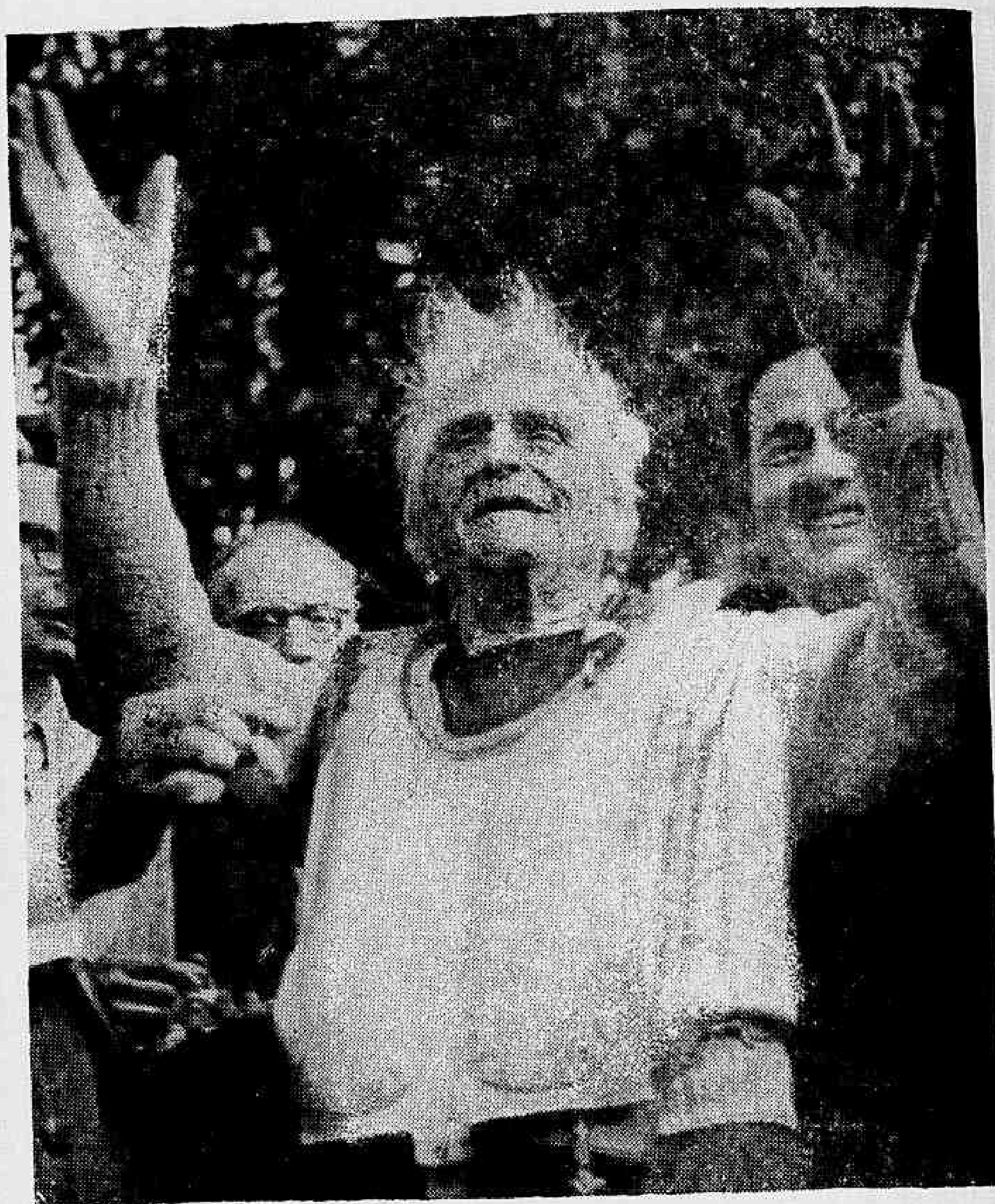
E' da associação de outros sinais que vamos, em muitos casos, extrair êsse diagnóstico.

A presença de gânglios no pescoço e na nuca fala por um processo catarral, ou das fossas nasais, ou do naso faringe. Infartados, junto à borda inferior da mandíbula, assim se mostram na difteria.

Diante de amigdalas infectadas, surgem várias formas clínicas, assim a **amigdalite punctata** (rara no lactente) e **amigdalite críptica** (difteria lacunar), caracterizada pela presença de falsas membranas brancas muito aderentes nas criptas dêsse órgão.

O catarro, escorrendo de cima para baixo, na parede posterior da faringe, em criança sujeita crônicamente aos resfriados, autoriza com grande probabilidade afirmar a existência de vegetações adenoides, com mau dormir e de bôca aberta.

Um cuidado elementar que com o exame da garganta deve ser empreendido é o pedido do hemograma, único que diante de certo tipo de angina pode esclarecer sua verdadeira natureza, como na angina monocítica, que só se mostra depois de outros sintomas, no caso da doença de Pfeifer.



Aqui damos um flagrante do "vovô dos pára-quedistas", momentos após o salto espetacular que o mesmo realizou sôbre a cidade de Paris, ao festejar, dessa estranha forma, o seu octogésimo aniversário de nascimento.

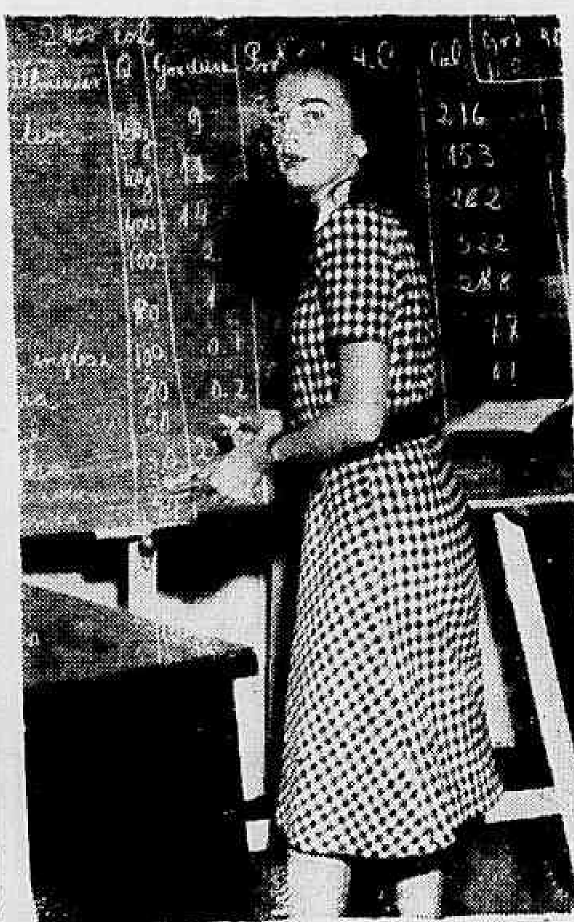


Um flagrante de Bernard Mac Fadden, que festejou a passagem do seu octogésimo quarto aniversário natalício atirando-se de pára-quedas sôbre a região parisiense, no momento em que procurava ajeitar o pára-quedas.

O SAPS COMO CENTRO CULTURAL



O Sr. Lourival Fontes, em nome do Presidente da República, inaugurou a exposição de "naturezas mortas" da "Segunda Semana de Alimentação".



O SAPS foi quem primeiro instituiu, no Brasil, os cursos de Nutrólogos e Nutricionistas. A foto acima nos mostra uma aluna em plena aula.

EMBORA há dez anos se divulgue que o SAPS é mais do que uma repartição que fornece refeições e gêneros alimentícios aos trabalhadores, a preço baixo, vale aqui ressaltar, novamente, que um de seus mais importantes objetivos reside no terreno científico — tarefa em que esta instituição tem empregado um grande esfôrço, hoje reconhecido, mesmo no estrangeiro, como dos maiores que se realizam em favor da ciência da nutrição. Os seus técnicos e pesquisadores se alinham entre êsses valores que fazem do laboratório um lugar de verdadeiro trabalho criador, procurando desvendar as riquezas dos nossos alimentos. Assim é que, graças à atividade incansável dessa reduzida mais eficiente equipe, constituída de nutrólogos, químicos, nutricionistas e outros técnicos que integram a Divisão Técnica do SAPS, foram determinadas as propriedades nutritivas da maioria dos alimentos brasileiros, podendo afirmar-se que o resultado dessas pesquisas constitui uma contribuição de enorme valia para o progresso científico do Brasil. Considerável, também, é o trabalho desenvolvido pelo SAPS, por intermédio da Divisão de Propaganda, no que se refere à educação alimentar do nosso povo. Utilizando-se dos mais variados e modernos recursos de divulgação, como a imprensa, o rádio, o teatro, o cinema e, mesmo, as biblio-



O SAPS foi, também, a primeira organização, no Brasil, a possuir um centro de pesquisas dedicado exclusivamente ao estudo da Alimentação.



Na foto acima vemos uma nutricionista do SAPS no desempenho de sua função num dos restaurantes populares mantidos pela autarquia.

tecas e discotecas populares, onde também realiza obra de cultura literária e musical, o SAPS vem dando a essa tarefa grande poder de penetração, não só entre as camadas populares como nos demais círculos sociais. Em todo êsse complexo de atividades, da mais alta importância para as próprias finalidades desta instituição, merece registro especial a colaboração da imprensa de todo o país, por meio da qual são divulgados, diàriamente, conselhos alimentares do SAPS. Algumas iniciativas da Divisão de Propaganda, pela sua elevada significação, conquistaram aplausos não só em nosso país como no estrangeiro, revelando o progresso cultural alcançado pelo Brasil. Eis porque o esfôrço científico e educativo do SAPS constitui hoje uma obra de sólida estrutura, digna de apoio e do estímulo de todos os brasileiros.

À LUZ DA PSICANÁLISE

VELHICE

DR. LUIZ FRAGA

NÃO, meu amigo, não escrevo para os moços nem para as moças; escrevo para as pessoas de boa vontade. Devo ser criticado por muitos: principalmente "pelos que sabem muito" e por aquêles que não gostam de ver o nome de seus semelhantes em letras de fôrma, longe das colunas dos "fatos policiais. "Obedire oportet Deo magis quam hominibus": E' conveniente obedecer mais a Deus do que aos homens. As verdadeiras causas finais da natureza são as relações com a nossa sorte imortal. Os objetos físicos têm um destino que se não limita à curta existência do homem neste mundo; existem para concorrer para o desenvolvimento das nossas idéias e para a obra de nossa vida moral. Não devemos ter em vista querer conhecer o que Deus esconde: basta estarmos atentos ao que Êle mostra.

— Você não está com a razão quando diz que um velho deve ser solitário. A não ser que êle se mostre avaro, autoritário, impertinente, egoísta e fora da época em que vive. Nós devemos acompanhar a evolução social. Não o aconselho a vestir calcinhas apertadas, gravata amarela e cabelos cortados a Mitchum. Por outro lado, aconselho-o a meter-se num fraque e calças listradas...

— "Andar sem chapéu e de slacs"?

— Sim, por que não? São cousas higiênicas, máxime num clima como o do Rio de Janeiro... Os moços procurarão sua amizade se você se fizer modesto e generoso. Êles procurarão a sua experiência.

— "Que é velhice"?

— Roxo, em seu Manual de Psiquiatria, diz que a velhice é a época em que se entra na senilidade e senilidade é um estado patológico no qual há um atestado de gasto do organismo. Velhice não é "causa mortis". Gray tem um interessante comentário da "velhice" e Karsnec, citado por Roxo, tendo feito 19.000 autópsias de velhos, nunca encontrou um em que a simples velhice fôsse causa de morte.

Há na Bíblia, um versículo cuja autoridade tem sido em todos os séculos invocada para justificar o maior dos crimes: "Maldito seja Canaan! Êle seja escravo dos escravos de seus irmãos". "Deixaremos um só homem infeccionar uma cidade com a sua impiedade, quando vemos que Deus puniu cidades inteiras?" — exclama Calvino, na sua refutação de Miguel Servet; e êste argumento bastou para fazer queimar vivo àquele a quem não pôde vencer. Fundado na autoridade da Bíblia, o reformador fez-se algoz!

A história da interpretação dos livros santos seria a história da demência humana. Êste vasto quadro, traçado por hábil mão, nos faria desgostar das glosas e dos comentários; mas que olhos mortais poderiam sustentar a leitura de tôdas as suas páginas de sangue? Que tem com os males dos homens aquêle que julga cumprir a palavra de Deus? Por certo que tais doutrinas são infames; e é preciso apressar-nos a dizê-lo, doutrinas que a religião reprova.

E' preciso respeitar a Escritura. Mas é preciso temer as interpretações dos homens. Leia Maurois: "A velhice é privada de prazeres? Mas tem os seus, tanto mais deliciosos e mais amados quanto ela os sabe mais fugitivos. A velhice é privada de atividade? Mas quantas vêzes os velhos trabalham, comandam, governam melhor do que os moços? A velhice é privada de amigos? Ao contrário, é rodeada dêles. se dêles é digna". Há velhices vigorosas e juventudes moles. "Suo tempore pirae capuntur". Tôdas as cousas têm o seu tempo.

Tôda correspondência deve ser dirigida ao
DR. LUIZ FRAGA
Rua Senador Dantas, 76-4º — Rio

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

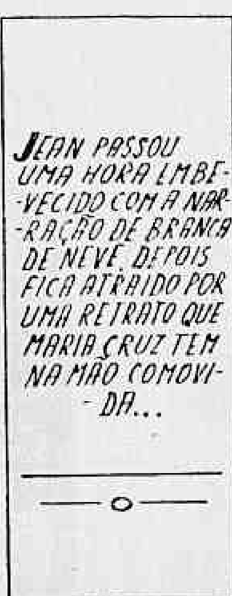
PERSONAGENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NAPPO
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 13 — (resumo da parte já publicada)

MARIO e o garôto entraram para o elenco do circo. Mas o povo já acostumado com os espetáculos não mais o frequentava nos dias de representação. Por isto o circo teve que procurar outro lugar, viajando para outra cidade. Na noite de estréia naquela cidadezinha longe da guerra, o menino se apresentou bem. Mario despertou muito entusiasmo com sua santona. No final do espetáculo um rico casal movido pela compaixão, para com Jean que fazia a coleta, resolveu ir falar com o "pai" da criança. D. Maria Cruz, resolve adotar o filho de Solange e Géo Depuis.





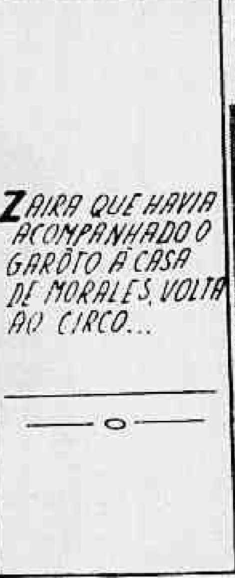












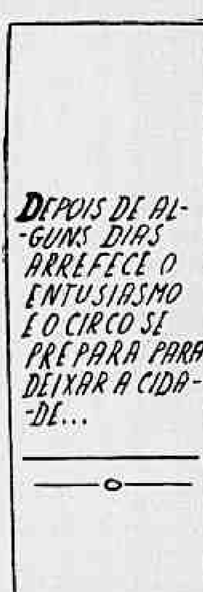








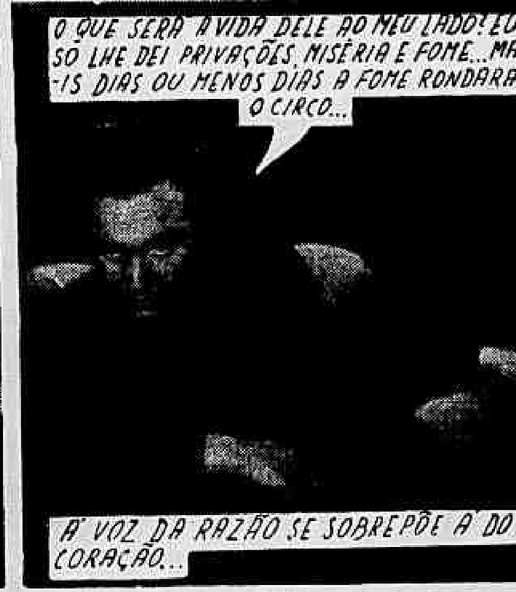


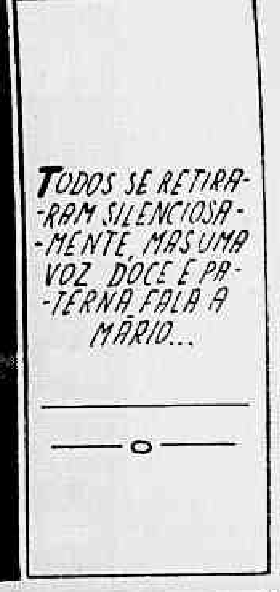














HÁ MUITO TEMPO A FAMILIA MORALES DESEJAVA LEVAR PARA CASA UM ORFÃO: AGORA QUE HAVIA SE AFEIÇOADO AO GARÔTO, TÃO GENTIL TÃO SEMELHANTE A PABLO, PEDIA A MÁRIO PARA ADOTAR JEAN.















FAÇA EM CASA
O TRATAMENTO DE BELEZA DOS SEIOS



Pasta Russa

Conserva e dá aos seios, firmeza, perfeição e encanto. PRÁTICO, DISCRETO, EFICIENTE
Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias. — Distribuidores Araújo Freitas & Cia.

Realce a sua graça natural
cuidando de sua pele

mantendo-a eternamente fresca e juvenil. Colo e mãos formosos, rosto sem rugas, cravos, espinhas, sardas, panos, acnes, e poros dilatados, graças ao uso do Bálsamo da cútis.



Dist. Araújo Freitas
Rio

Agua de Junquilho
A FONTE DA BELEZA

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

HEMORRÓIDAS E VARIZES
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
USAR DURANTE TRÊS MESES.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Eu quase aprisionei . . .

(Cont. da pág. 44)

so chefe: Skorzeny, o qual dirigiria tôda a operação. Éramos cêrca de 4 mil homens e a nossa missão era a de capturar Eisenhower e Bradley, De Gaulle e Churchill... A êsse tempo a situação militar evoluciona. Sabe-se que é a Alemanha o último bastião da fortaleza da Europa. Os aliados se preparam para um golpe à barreira do Reno. Os russos penetram profundamente na Hungria, a Itália mudou de «front», a Polônia é ocupada e o território do Reich está diretamente ameaçado. Somos incumbidos de espionar americanos em nossos campos de prisioneiros, misturando-nos com êles, ouvindo-lhes as conversas. Os de nossa missão que não se apresentam perfeitos, são eliminados. Skorzeny vem, muitas vêzes, inspecionar-se. Tínhamos que seguir o 4º Exército blindado e agir até individualmente. A Luftwaffe entraria em ação e destruiria o poder aéreo aliado. Nós arrasaríamos depósitos de munições e depósitos de combustíveis, formando sôbre o Meuse, algumas cabeças de ponte. Em seguida teríamos que desorganizar o serviço de abastecimento americano interrompendo suas principais linhas de comunicações, modificando o itinerário das divisões aliadas, tornando ineficazes suas operações.

Depois disso as novas armas da guerra moderna decidiriam o destino da luta. Os caças de propulsão a jato destruiriam as esquadrilhas de bombardeio, e teríamos mesmo, o recurso do «raio da morte», que impederia qualquer avião inimigo de sobrevoar o território alemão!

E um orador e membro do partido: «Vocês devem estar preparados para lutar, não sòmente com as armas, mas ainda por todos os meios disponíveis para vencer o inimigo e capturar Eisenhower e Bradley. Desde 1941 o adversário vem bombardeando nossos campos e nossas cidades e pára-quedistas descem por trás de nossas linhas e executam sabotagem, assassinam generais e desenvolvem uma guerra subterrânea sem piedade. Agora nós vamos responder com os mesmos processos. Vocês são a guarda-avançada da nação. Mostrem-se dignos desta confiança!»

Estas últimas palavras são cobertas pelo silvar das sirenas. A «guarda-avançada» da nação se precipita para os abrigos anti-aéreos. O ar treme sob o trepidar dos motores. Mais uma vez nós fomos poupados. As bombas vão cair na cidade vizinha. Mas aquêle discurso que acabávamos de ouvir, era suficiente. Nós bem o compreendíamos.

No dia seguinte nota-se o desaparecimento de um homem, membro de comando especial. Seria um espião?

Chegada a hora de nossa atuação, pusemo-nos a campo. Eu e meus companheiros seguimos à risca o plano, e, por pouco não capturamos Eisenhower. Se isso houvesse sucedido, qual teria sido o rumo da guerra após a invasão aliada nas costas da Normandia? Mas as coisas não correram como desejava Hitler, e, enquanto ondas e mais ondas de tropas aliadas desembarcavam nas costas francesas do oeste protegidas por grandes esquadrilhas de bombardeiros e caças, os russos apertavam o cêrco ao oriente, e a Alemanha inteira se comprimia numa tenaz asfixiante.

Nossa confiança no chefe da expedição, Skorzeny era muito grande pois foi êle o autor daquela façanha da libertação de Mussolini. Mas estava escrito: nem capturaríamos Eisenhower, nem a guerra mudaria de rumo em favor das armas germânicas. E o colapso total se verificou, desaparecendo Hitler nos escombros da Chancelaria. Era o fim.

Respostas ao teste

1—Do espanhol
2—Meia curta
3—Dinamarquês
4—Sisa
5—O Sena
6—Govêrno de si mesmo
7—Braço de rio
8—Récipe
9—Primeira artista de uma ópera
10—Presidenta
11—Mealheiro
12—Rio de mosquitos
13—Perna
14—Parasceve
15—Que conhece ou sabe tudo.

Clínica Dr. Santos Dias
CONSULTAS: Cr$ 30,00
Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.
MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA
Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.
Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.
Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

CORREIO DA REVISTA

R.M.L. de A. — Rio — "Uma nuvem toldou o céu" não pôde ser aprovado. O estilo prejudicou.

DELORE GURGEL — Rio — Seu conto "Tiana" está em mãos dos ilustradores.

N.F.R. — Rio — "Fantasma" não foi aceito.

IRENE BATISTA DE CASTRO — Rio — Está aprovado o seu conto "O colar de esmeraldas".

O.D.N.J. — Rio — "Noite de Natal" não foi aceito porque não é conto, e sim uma crônica romanceada de fatos reais, com personagens reais. O amigo deve aproveitá-lo para uma peça teatral.

GERALDO COSTA ALVES — Vitória, E. Santo — Está aprovado o seu conto "A.E.I.O.U."

A. da S.F. — Pôrto Alegre — "Uma simples história" não conseguiu passar no crivo dos examinadores. Muito monótono.

S.P.R. — Rio — "Águas Claras" não pôde ser aproveitado. O tema e a maneira de dizer o prejudicaram.

IVRES de GOIS — Pereira Barreto, São Paulo — Seu conto, "A vida tem duas faces" deixou de ser aproveitado por estar muito longo.

J. de O.N. — Rio — Muito fraquinho o seu "O Crime da Árvore".

W.P.M. — P. Alegre — "O Estranho Segrêdo" não pôde ser aproveitado.

C.D. — Belo Horizonte — Seu conto "Miriã" não conseguiu convencer os julgadores.

M.A. — Rio — "Lição de Amor" estava muito fraquinho.

L.C.D. — S. Paulo — Também o "Um caso de amor" não pôde ser aproveitado.

D.D. de Q. — Rio "Amargura" não passou.

E.M. — S. Paulo — Seu conto não pôde ser aprovado. A dificuldade começou no próprio título. Que título!

MATERIAL GRÁFICO
VENDE-SE

GUILHOTINA AMERICANA "NATIONAL CUTTER", formato 2-B (66x96 cms.) — Fita métrica de precisão, instalação elétrica em caixa blindada prêsa à máquina, botões de comando à mão do operador e motor GENERAL ELETRIC de 3HP.



Propostas e informações com o senhor WENCESLAU — Cia. Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. Telefone 22-86-47.

O CASTIGO

(Cont. da pág. 23)

se não valeu ao menos uma das simpatias? — sismava a bondosa mãe. Contra dor de barriga e não sei mais que, tinham jogado sôbre a casa o conteúdo do primeiro cueirinho. Aquilo era santo remédio! — diziam.

— Ai, meu São Bão Jesuis! Quanto tenho tchorado!... E agora... mais essa!...

Manequinho, aos doze anos, rabiscara de faca o filho do Zeca Furtado. Gente boa e amiga dos Balduínos, passaria a ter prevenções contra êstes. Muito, muito a mulher questionou com o Manecão:

— Num dê isso!... Prá que dá faca pro mi-nino?... Num vê que êle já tem mar incrinação?

— Bobage, véia! Homi tem de sê homi!

E, aos 18 anos, o senhor absoluto da casa, do sítio e... até das valentias na venda do Lajeado, era o Manequinho. Por várias vêzes fizera "limpeza" lá no Lajeado, garganteando: "Cumigo é de quarqué jeito! Na munheca, no rabo-de-tatu, na lapiana, no gatio... Topo de tudo, moçada!"

Nhá Marica, emagrecendo, definhando, chorava e rezava: "Antis num crescesse!..." — suspirava a coitada. Manecão se orgulhava! Era o filho que êle esperava ter: "Que num levasse desafôro prá casa!" — dizia. E foi modelado pelo próprio pai: Fêz, de uma criança, um monstro! E quem não sabia? Há quanto tempo que ninguém procurava o Manecão? Para nada! Vivia segregado. Perdera todo o antigo e salutar prestígio.

Certa vez, bêbedo, o filho deu uns empurrões na própria mãe. Manecão interveio. E foi enfrentado pelo rapaz: "Para lá, véio molengo! Mecê nunca teve corage na vida! Entre se quisé! Mais... entre feito!" O pai aceitou o desafio, dominando, fàcilmente, a situação e começando a compreender o seu grande êrro. Descobrira que nos momentos precisos, êle, que sempre se julgara covardão, sabia ser enérgico. Só lhe faltara, em tôda a vida de homem bom, ensejo para ação violenta. Tarde, muito tarde lhe vinha o arrependimento por ter feito tanto para aquêle filho ser valente.

— Sinto muito os seus trabaio!...

Manecão nem respondia. Bestificado, de dor e de remorso, ficava, horas e horas, pasmado sôbre o cadáver do filho. Fôra morto por alguém que não quis ser armazém de pancadas. À mãe, mais conformada, no seu íntimo lhe vinha: "Foi muito melhor assim... Poderia ser um assassino... Deus atalhou o pior."

Alguns dias passados... Manecão se lembra, às vêzes, do tiro que dera na lua. Depois, tenta fugir de outro pensamento, persignando-se: Não enterrara o umbiguinho do filho. Fizera bucha para o garruchão de chumbo e carcara fogo numa figueira-brava. Lembrava-se da seiva a escorrer do lenho ferido... e do sangue a jorrar do próprio filho!... A garrucha fôra objeto de tramas. Por fatalidade, Manequinho tombara ferido pela mesma arma: uma boa carga de chumbo. E, na região do umbigo. Acaso? Não. Castigo!... — assim pensava Manecão. E talvez tenha sido: ao simples, ao que cometeu o grande êrro na educação do filho, talvez fôsse o melhor modo de trazê-lo novamente ao bom caminho.

Demoraria um pouco, porém, Manoel Balduíno voltaria a ser o mesmo homem de confiança de todos os vizinhos. Êle era insubstituível. Já andavam notando a mudança do desventurado, que bem precisava das antigas amizades.

— Ó de casa! Manecão taí?

Era o velho prestígio que, muito a tempo, lhe voltava.

HOTEL AMAZONAS

um Paraíso no "Inferno Verde"

Quem é que não gostaria de conhecer o Amazo nas — a grandiosidade emocionante do "Inferno Verde"? Agora, você ja pode realizar êste sonho, desfrutando do confôrto do seu próprio lar. É que o Hotel Amazonas é um verdadeiro paraíso plantado em pleno coração da mata virgem! Venha conhecer as maravilhas do sertão bravio instalando-se nas doçuras de um ambiente de luxo.

PROPRIEDADE DA PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

Apartamentos comuns, de luxo e super luxo com ar condicionado, bares, barbeiro, salão para senhoras, restaurante, boite e jardim tropical.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu- volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CHAPADA DO . . .

(Cont. da pág. 33)

Othon Meader, Francisco Galloti, Matias Olímpio, Araeia Leão, governadores Raul Barbosa, do Ceará, e Eugêncio de Barros do Maranhão, drs. Pereira Filho, diretor do Serviço Nacional da Tuberculose e Freire de Andrade, fundador do Instituto Alvarenga, sociólogo Luís da Câmara Cascudo e pintora Geogina de Albuquerque, diretora da Escola Nacional de Belas Artes.

MONUMENTO A SARAIVA

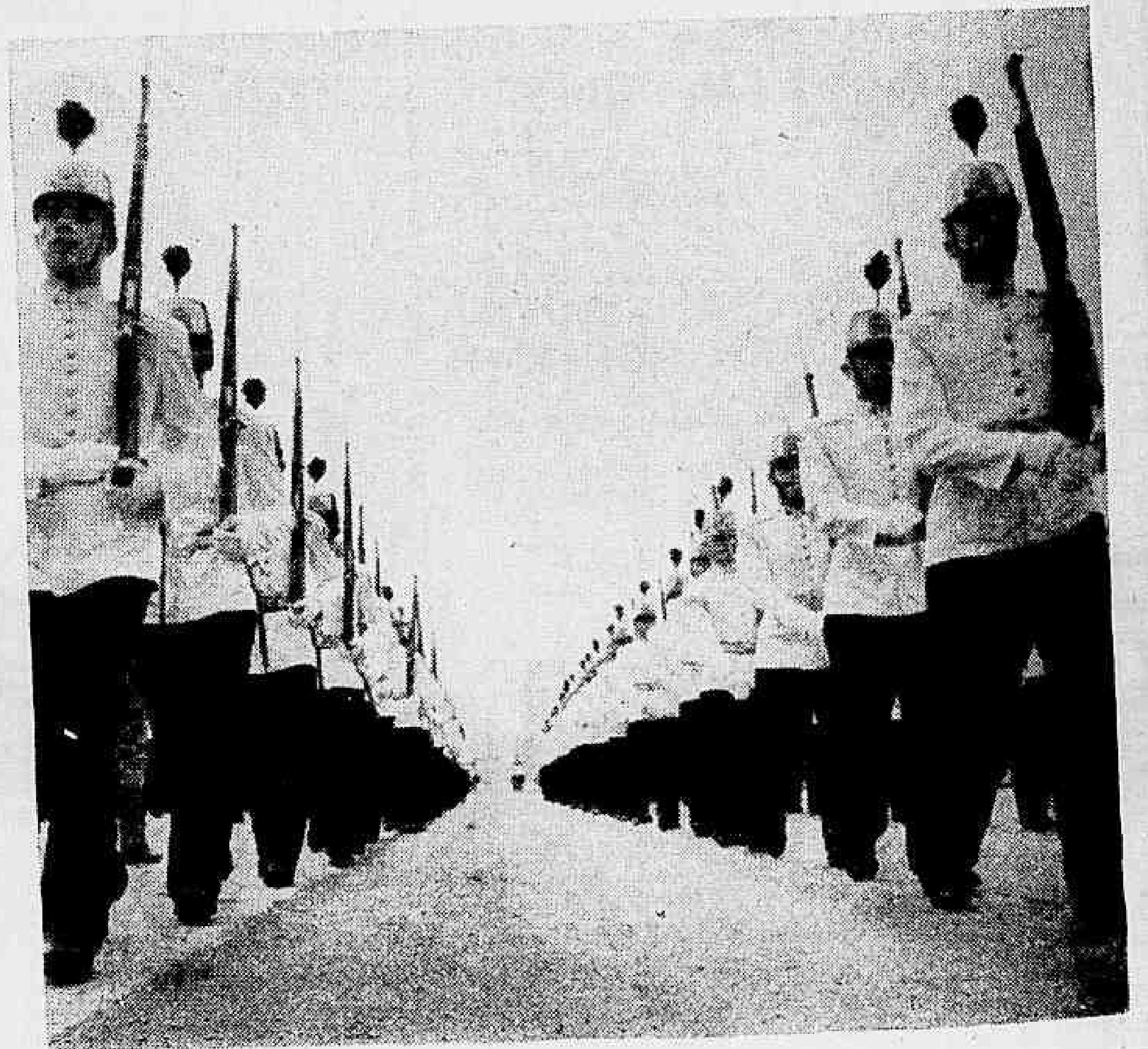
Saraiva, o fundador da cidade, recebeu dos teresinenses a justa homenagem que sua obra reclama. Sua memória foi perpetuada num magestoso monumento erigido na praça que tem o seu nome.

A iniciativa, a que se associaram o govêrno e o povo, partiu dos estudantes de direito. Detalhe interessante é o pedestal dêsse monumento. Foi composto com pedras trazidas de tôdas as regiões do Estado, em cada uma das quais se representa um município. A estátua foi inaugurada pelo ministro da Educação, marcando a solenidade um dos pontos altos das comemorações do centenário.



Tanques de guerra, com o seu trepidar ensurdecedor, desfilaram pelas ruas do percurso da parada, entre populares, enquanto as maiores concentrações de





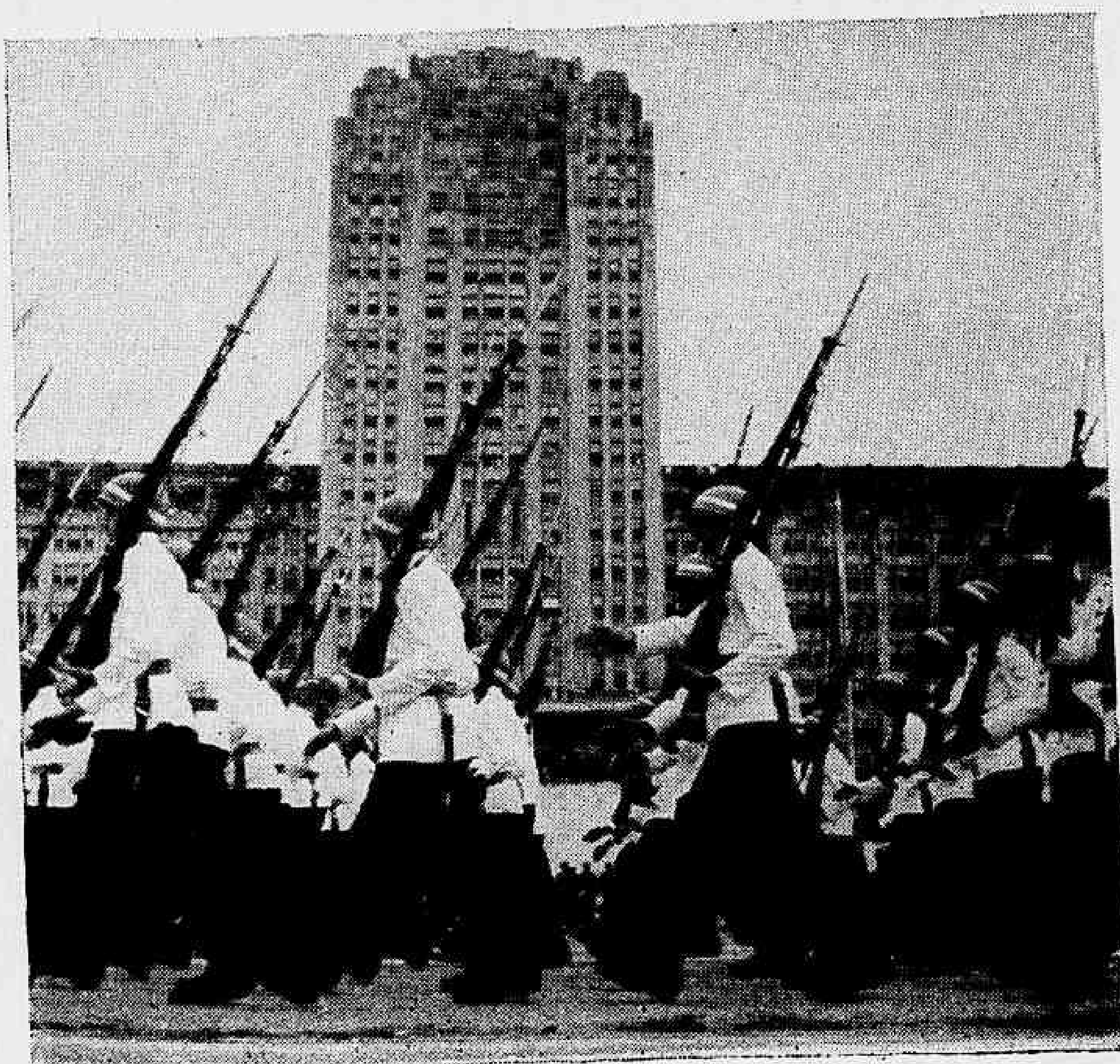
O Batalhão de Guardas desfila no seu vistoso uniforme, e na outra foto, alunos do Colégio Militar, em grande gala, despertam aplausos da massa de povo.

centrações de



povo se registravam na vasta praça Duque de Caxias, onde estava erguido o Coreto Oficial, à frente do Panteon que guarda as cinzas do patrono do Exército.

massa de povo.





Tropas da Polícia do Exército, em marcha, diante do coreto presidencial, e, na outra foto, uma parte do povo que afluiu para apreciar o grande desfile.



As Bandeiras Históricas quando eram conduzidas por garbosos cadetes durante o desfile, pela Avenida Presidente Vargas, em direção à Praça Duque de Caxias.



Desfile dos nossos ex-pracinhas e algumas enfermeiras que representam as que serviram nos campos da Itália, no contingente brasileiro, em defesa da Democracia



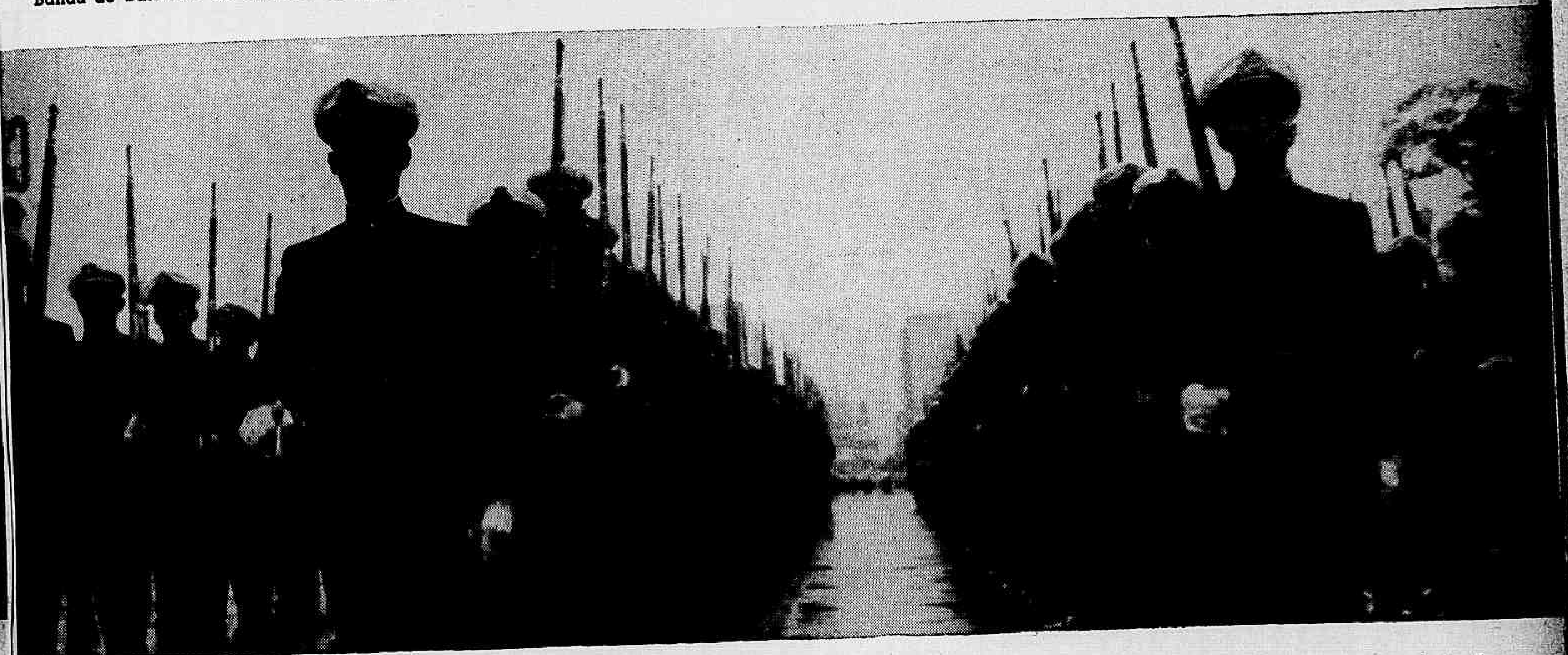
"Aí vem a Marinha", foi o sussurro ouvido quando os fuzileiros navais entraram na reta da grande artéria, provocando o costumeiro entusiasmo popular.

e de Caxias.



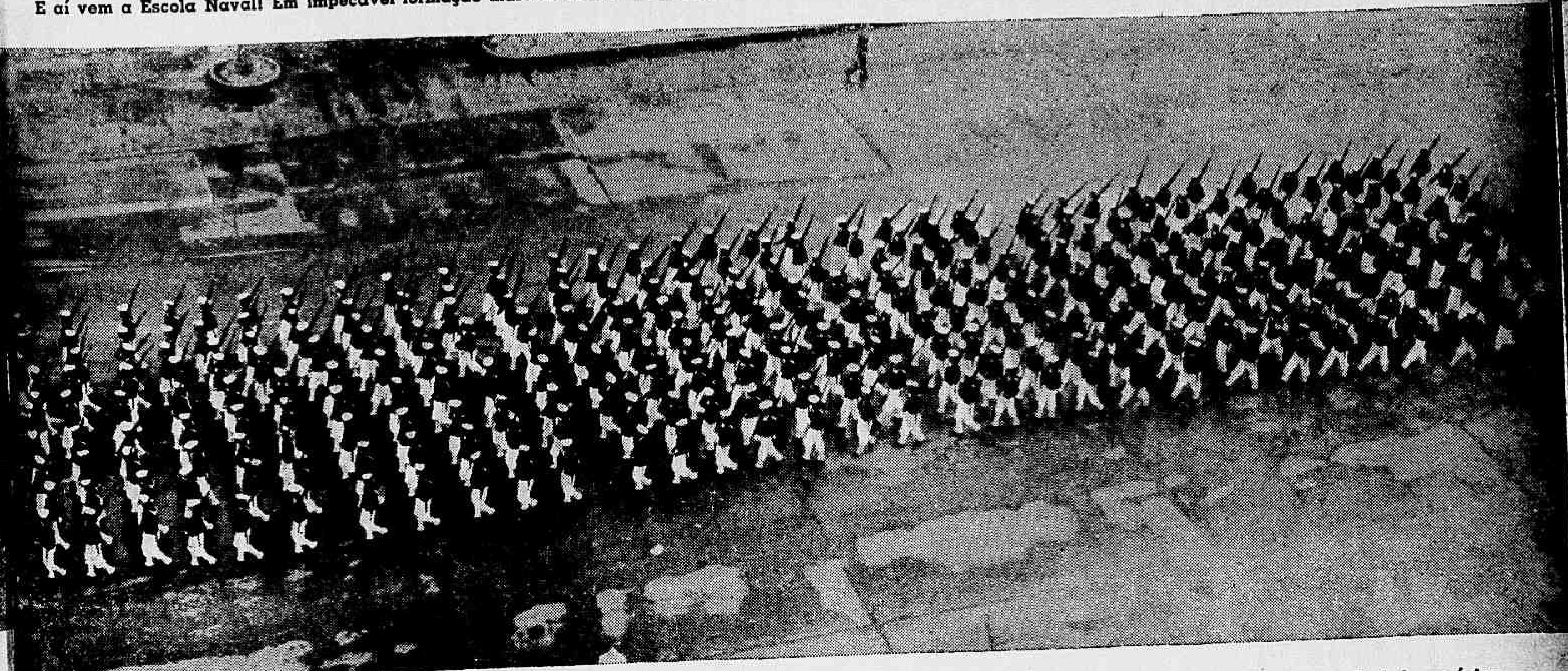
Banda do Batalhão de Guardas ao chegar à Pr. Duque de Caxias, onde estavam as autoridades civis e militares. A sua música fêz vibrar a alma do povo.

da Democracia



E aí vem a Escola Naval! Em impecável formação marcial, os bravos cadetes da Marinha desfilaram perante as autoridades, sendo objeto de nossa admiração.

ntusiasmo popular.



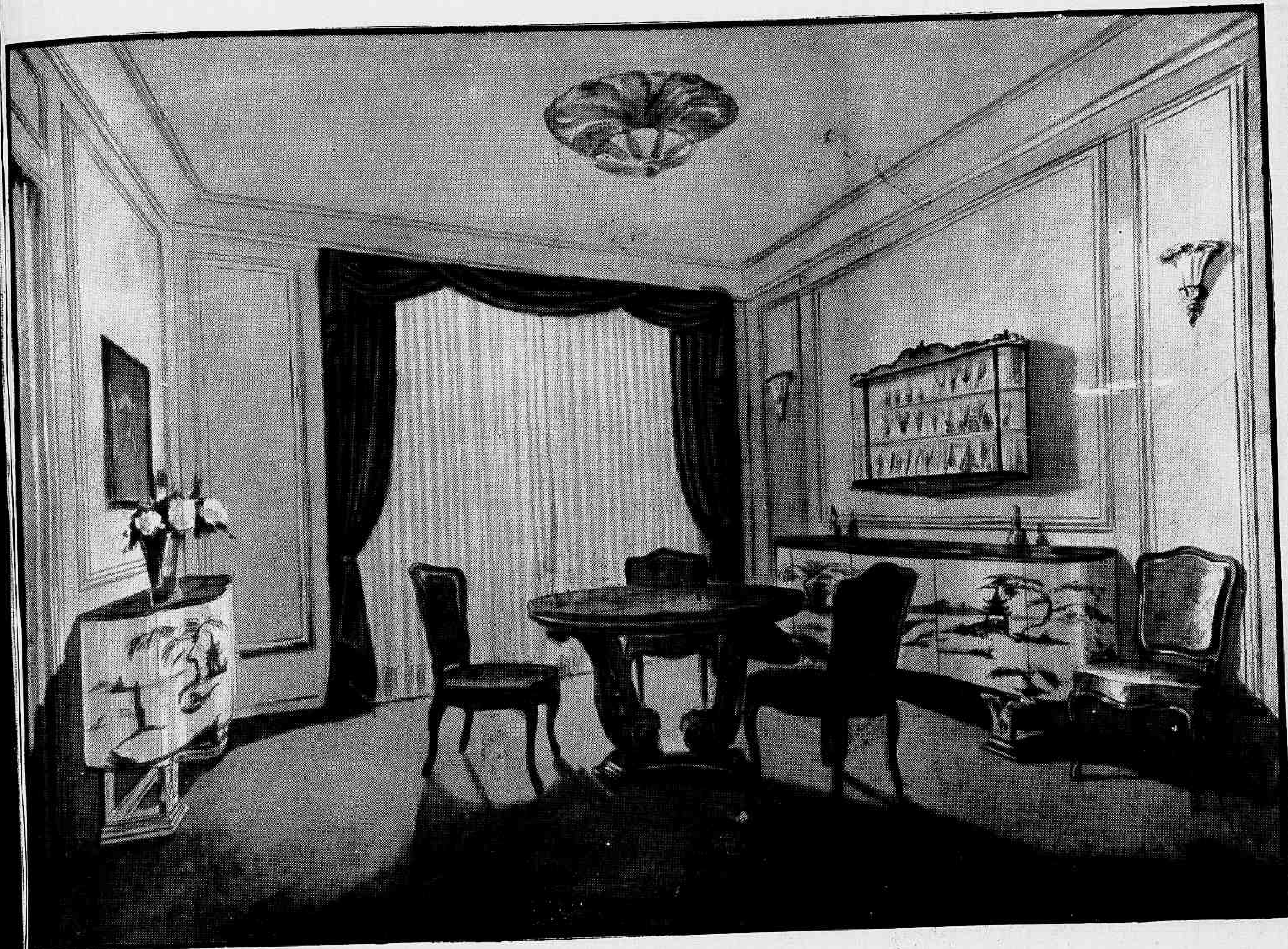
Tropas da Marinha formaram brilhantemente e aqui as vemos a desfilar, dando maior destaque às comemorações que se revestiram de grande beleza cívica.



ÚLTIMO FLASH

E FOI MESMO O BENEDITO — Sim, êste é o Benedito, o monstro de S. Paulo, aquêle delinqüente que cometeu os crimes mais repugnantes contra indefesas mocinhas, para satisfação de seus instintos de canibal canibalíssimo. Prêso, levado à presença da polícia, o monstruoso Benedito Moreira de Carvalho confessou, calma e cìnicamente, todos os crimes que lhe eram imputados, menos um; mas não se pense que o fizera com ares de misericórdia! Não! Era porque "não gostava de velhas!" O Brasil inteiro se revoltou contra a insolência e a crueldade fria dêsse selvagem, e, enquanto todo mundo opina sôbre a sentença a ser aplicada ao bárbaro, muitos pedindo punições cruéis, êle assina sua confissão, diante da Justiça paulista, com uma serenidade e indiferença de estarrecer o mais feroz tigre da África...

MÓVEIS E DECORAÇÕES

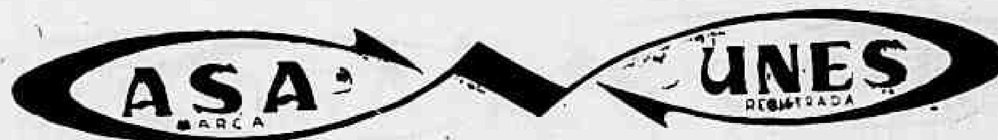


TAPÊTES e
PASSADEIRAS de FORRAÇÃO



durante as obras
a PREÇOS DE ARRASAR!

GRUPOS ESTOFADOS
especialidade de nossas oficinas

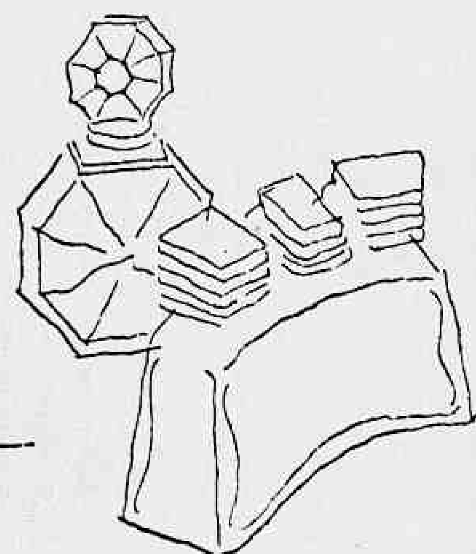


65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

Uma legítima consagração...

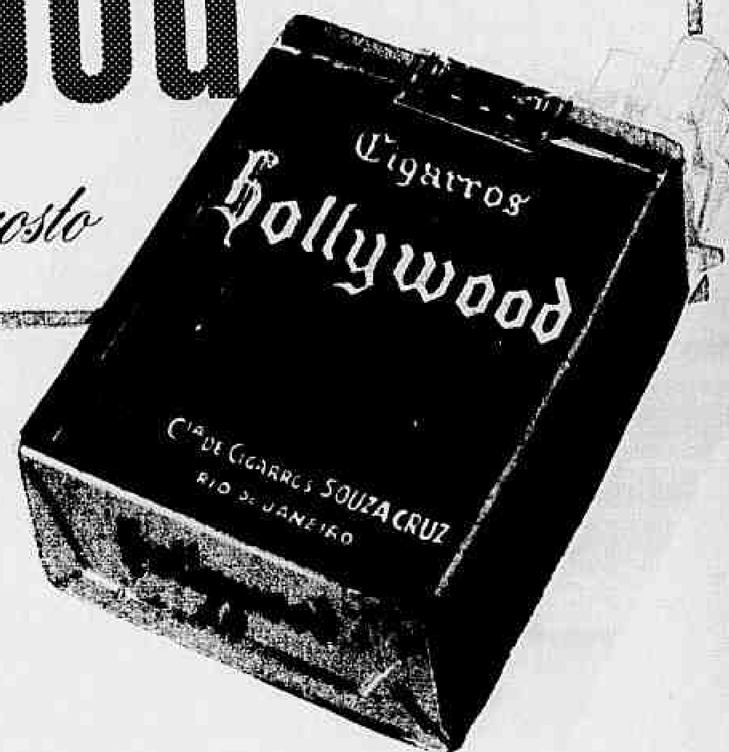
O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes franceses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.





cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ